

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE MEDICINA SOCIAL**

NARCISISMO E SEXUALIDADE
Um estudo da teoria freudiana dos móveis da ação

CARLOS HENRIQUE FERRAZ

ORIENTADOR: JURANDIR FREIRE COSTA

**RIO DE JANEIRO
2002**

Resumo

Esta tese tem como objetivo ampliar a teoria freudiana dos móveis da ação por via do exame do conceito de narcisismo. Dominada pela sexualidade, a grade de motivos proposta por Freud não contemplou as demandas egóicas com a atenção proporcional ao papel que desempenham na teoria. Apesar do uso implícito e freqüente dos desejos de proteção e reconhecimento, nos desenhos freudianos de subjetividade, as pulsões egóicas foram normalmente associadas às discretas pulsões de auto-conservação, cujos representantes são a fome e a sede. Em contrapartida, a análise das etiologias da neurose, da psicose e da angústia, revelam a importância dos ideais éticos e estéticos do eu na estrutura do pensamento de Freud. Junto a isso, o exame comparativo das exteriorizações somáticas e psíquicas dos fenômenos do narcisismo e da sexualidade posiciona o conceito de narcisismo menos como uma extensão da teoria da sexualidade, e mais como o primeiro momento de sistematização da psicologia do ego freudiana. O desejo narcísico tanto aponta para a relevância da intersubjetividade e, conseqüentemente, da função do reconhecimento na dinâmica mental; quanto representa, do ponto de vista metapsicológico, mais uma forma de expressão da pulsão de vida. No repertório das ações vitais, as aspirações narcísicas à potência e à perfeição dividem o espaço com a busca de prazer sexual e com a evitação do desamparo.

Sumário

Introdução	04
Capítulo 1 - A função do eu na etiologia da neurose	22
Capítulo 2 - Freud, Jung e as psicoses	51
Capítulo 3 - Narcisismo e sexualidade	70
Capítulo 4 - Narcisismo e egoísmo	106
Conclusão	132
Referências bibliográficas	135

Introdução

Uma das marcas do pensador ou do escritor de talento está no fato de sua obra conter mais do que lhe foi possível explorar. Freud não foge à regra. Há em seus textos diversas noções relevantes que se mantiveram insuficientemente desenvolvidas. Por via da retomada das "idéias vencidas", psicanalistas pós-freudianos redimensionaram o perfil da teoria e da clínica. No entanto, uma área se manteve praticamente inexplorada nas investigações do gênero, a teoria dos móveis da ação¹. Os textos clínicos e metapsicológicos de Freud apresentam um leque de *motivos* que vão além dos vetores constituintes do dualismo pulsional. Em outros termos, há mais do que sexualidade e pulsão de morte entre as causas da conduta.

As idéias de *desamparo* e *narcisismo* são fortes candidatas à posição de móveis da ação em psicanálise. O *desejo de segurança*, que se deduz da leitura da teoria do desamparo, e o *desejo de valorização*, da teoria do narcisismo, fazem parte do repertório causal praticado por Freud. Em pesquisa para dissertação de mestrado (Ferraz, 1996)², foi ressaltada a relevância do desamparo nos estudos da angústia, da religiosidade e do mal-estar na cultura, presentes nos textos *Inhibición, síntoma e angustia* (1926), *El porvenir de una ilusión* (1927) e *El malestar en la cultura* (1930). O exame do conceito possibilitou uma primeira reforma da teoria freudiana da motivação. Diante da angústia, da religiosidade e do mal-estar, Freud constatou a insuficiência das teorias pulsionais.

Dando continuidade à exploração das variáveis motivacionais do pensamento freudiano, esta tese de doutoramento pretende afirmar a autonomia teórica do conceito de narcisismo. Assim como o desamparo, o narcisismo possui

¹ Por móveis da ação serão entendidos todos os fatores considerados "causais" na determinação da ação psíquica. Sobre a idéia de causa, motivo ou razão da ação psíquica, ver: Davidson (1982).

² Ferraz, C. "Sexualidade e desamparo - um estudo das origens do sujeito em Freud". Dissertação de mestrado. IMS - UERJ, 1996. Dissertação de Mestrado orientada pelo professor e psicanalista Jurandir Freire Costa.

as credenciais para compor, ao lado da sexualidade, o elenco das razões selecionado por Freud. Semelhante ao desamparo, o narcisismo também é uma *demanda egóica que não se deixa reduzir à sexualidade*³. Resultado da tentativa freudiana de manter a psicose dentro dos domínios da libido, o narcisismo assumiu uma dupla identidade: precisava ser libidinal, para manter intocado o reinado da sexualidade, e egóico, para explicar as psicoses.

Ocorre que, na teoria causal, as demandas sexuais e agressivas ofuscaram as egóicas. Por ter nascido fora do contexto da sexualidade, a idéia de desamparo não obteve destaque à altura do papel que desempenha na teoria. O narcisismo, por sua vez, subsumido à sexualidade - associado a uma *fase* ou *posição* da libido, como atestam os textos sinópticos de psicanálise (Laplanche, 1986; Kaufmann, 1996; Roudinesco, 1998) -, não obteve a atenção que lhe é devida. Tornou-se um território ocupado pela libido, e libera-lo da ocupação exige o confronto com muitas resistências teóricas.

É característico do pensamento psicanalítico tradicional supor que os críticos do conceito freudiano de sexualidade ou estão equivocados, ou comprometidos com a meta puritana de "edulcorar o caráter subversivo da descoberta freudiana". A afirmação de Freud de que Jung quis suavizar a psicanálise, ao reduzir a importância da sexualidade na teoria, é um exemplo dessa convicção. Para Freud, a redução era movida exclusivamente por resistências afetivas e não por uma legítima exigência empírica ou conceitual. Em carta dirigida a Jung, de 7 de abril de 1907, posicionou-se da seguinte forma:

"Compreendo suas razões quando tenta suavizar o assunto, mas não acredito que o senhor tenha êxito. (...) Se não podemos evitar as resistências, por que não enfrentá-las desde o início? O ataque é, em minha opinião, a melhor forma de defesa. É, talvez, por subestimar a intensidade dessas resistências que o senhor espera desarmá-las com pequenas concessões. O que nos pedem é, nem mais nem menos,

³ Para a tradição psicanalítica, o conceito responsável pela divisão do reinado da sexualidade, e pela ampliação do conjunto das causas que movem o psiquismo, foi a pulsão de morte. Na verdade, independente da pulsão de morte poder ser caracterizada como tal, o que interessa a essa tese é notar a presença e a relevância das demandas egóicas, que também funcionam como legítimos móveis da atividade mental. Tais demandas foram subexploradas na explicação dos fenômenos estudados em psicanálise; fato que impediu uma visão mais clara da dinâmica psíquica e da rica teoria da motivação contida no pensamento de Freud.

que abjuremos nossa crença no impulso sexual. A única resposta é professá-la abertamente" (Freud *apud* McGuire, 1976: 69).

Um ano depois, em nova carta, reafirmou sua opinião sobre o assunto.

"Temos, nos processos sexuais, a indispensável 'base orgânica' sem a qual um médico só pode se sentir inseguro no domínio da psique. A noção de que minhas opiniões são corretas, a não ser quanto a uma parte dos casos, causa-me grande desgosto. (Em lugar de opiniões, leia pontos de vista). Isso é impossível. Forçoso é que seja ou uma coisa ou outra. Tais características são fundamentais, não podem variar desse para aquele grupo de casos. Ou melhor: são tão vitais que, aos casos a que não se aplicam, se deveria dar um nome totalmente diferente. Até agora, como sabe, ninguém viu essa outra histeria, essa outra demência precoce, etc. Se um caso não é fiel a um tipo, nada se sabe sobre ele. Estou certo de que fundamentalmente o senhor concorda comigo" (Freud *apud* McGuire, 1976: 186).

Nessa mesma linha, enquadra-se o comentário de Lacan (1993) sobre o surgimento de uma atmosfera moralista em psicanálise. Suas considerações, dirigidas a Granoff, referiam-se a Balint, cuja teoria trata prioritariamente do tema do amor e só esporadicamente do da sexualidade.

"Você coloca muito justamente em relevo essa observação de Balint, de que, a partir de 1938-1940, todo um vocabulário desaparece dos artigos analíticos, enquanto se afirma a orientação que centra a psicanálise nas relações de objeto. Esse vocabulário é aquele cuja conotação, diz Balint, é muito libidinal – o termo sádico, por exemplo, desaparece. Essa confissão é muito significativa. É exatamente disso que se trata, do puritanismo crescente da atmosfera analítica" (Lacan, 1993: 235-6). (Grifo acrescentado).

Do mesmo modo, Adorno e Marcuse criticaram os culturalistas e os neo-freudianos como meros revisionistas ou adaptacionistas, que *"destituíram o isso em proveito do eu, abandonaram a teoria das pulsões e rejeitaram a sexualidade, seguindo o princípio de uma adaptação social de acordo com os ideais da sociedade industrial"* (Roudinesco, 1998: 500).

Enfim, aos olhos da tradição, é um ato de fraqueza ou de alienação do espírito discordar do relevo atribuído ao conceito de sexualidade.

De um certo modo, a postura defensiva de Freud tinha suas justas razões. A teoria freudiana da sexualidade foi uma das principais vítimas dos grupos conservadores e moralistas e das ideologias totalitárias - exemplo disto a política

de salvação da psicanálise na Alemanha nazista, que exigiu a exclusão do conceito da teoria e da prática clínica (Roudinesco, 1998: 298). Em menor escala, posicionamentos extremados e moralistas de autores da época, como Kurt Mendel, revelam o tipo de adversidade comumente enfrentada por Freud e seus seguidores. Nas palavras de Mendel:

"O relator que leu muitos trabalhos de Freud e de seus discípulos, e também se ocupou de maneira prática, com a psicanálise, deve confessar que muitos aspectos desta teoria e, de modo particular, os penduricalhos relativos ao erotismo anal e à sexualidade da criança lhe causam repugnância. (...) Freudianos! Tenho dito muitas vezes que a teoria de Freud trouxe valiosos impulsos em diversas direções. Mas já é tempo de abandonar os vossos exageros desmedidos e fantasias sem sentido! Trazei-nos provas, em vez de jogos de palavras! Comunicações sérias e que se possam levar a sério... em vez de trabalhos que se lêem como 'panfletos'. Provai vossa afirmação impura e depravada: 'Só existe uma forma de amor, e esta é erótica!' Não arrasteis nossos mais sagrados sentimentos, nosso amor e nosso respeito para com nossos pais, o terno amor a nossos filhos, para a imundície de vossas fantasias, imputando-nos sempre motivos sexuais repugnantes" (Mendel *apud* Jung, 1998a: 87-8). (Grifo acrescentado).

Outros críticos do sexualismo freudiano associaram, de forma preconceituosa, a posição de Freud à mentalidade vienense, segundo eles, obcecada pelo universo do sexo. A tese do *genius loci*, defendida em 1909 pelo psiquiatra alemão Adolf Friedländer e logo depois retomada por Pierre Janet, respondia à publicação dos *Tres ensayos de teoría sexual* (Roudinesco, 1998: 408).

Os exemplos de crítica discriminatória poderiam se multiplicar à exaustão. Não há dúvida de que sustentar, no início do século XX, a tese da sexualidade infantil e de sua repercussão na vida adulta exigia de Freud uma postura defensiva, além de ousadia e coragem.

"[Freud] fez da libido o móbil de um escândalo, que apareceria, a partir de 1910, nas múltiplas resistências opostas à psicanálise em todos os países, sendo ela sempre e por toda parte qualificada de doutrina pansexualista: 'germânica' demais aos olhos dos franceses, 'latina' demais para os escandinavos, 'judaica' demais para o nazismo e 'burguesa' demais, enfim, para o comunismo, ou seja, tal como para Jung, sempre 'sexual' em demasia" (Roudinesco, 1998: 474).

Contudo, é diretamente proporcional ao legítimo esforço de Freud e dos analistas que o apoiaram nessa missão, o apego que revelaram pela hipótese e as fortes

resistências que opuseram a qualquer mudança proposta pelos críticos. Se houve difamação e escárnio, houve também preocupação e seriedade nos questionamentos. Casos como o de Karl Kraus ilustram o problema real e moralmente relevante da teoria freudiana da sexualidade. Ao afirmar ser a psicanálise uma *"doença do espírito da qual ela própria se considera o remédio"*, Kraus respondia, como se sabe, a um dos mais ardorosos representantes do sexualismo psicanalítico. Wittels, seu analista, considerara a *Die Fackel*, revista da qual Kraus era o fundador, como o "pequeno pênis" impotente de Kraus em luta contra o "órgão do pai" - o famoso jornal *Neue Freie Presse*, o "pênis paterno da comunidade judaica vienense" (: 787). Não há dúvidas de que Wittels foi o verdadeiro responsável pela interpretação e suas conseqüências; mas também é verdade que os excessos da teoria freudiana da sexualidade deram margens a tais fenômenos.

Do mesmo modo, a tradicional crítica de Jung à psicanálise freudiana foi apenas um exercício intelectual soberano, não só compatível como necessário ao desenvolvimento da psicanálise. De uma forma geral, o comentário se dirigia ao alcance da tese sexualista de Freud na explicação dos quadros psicopatológicos. Longe de ser moralista e sectária, a crítica foi interpretada como tal por Freud e seus seguidores. A principal proposta, de substituição do conceito de *libido sexual* pelo de *libido genérica*, não continha nenhuma heresia. O conceito de sexualidade não era negado, apenas absorvido em uma fórmula mais ampla. A conotação prioritariamente sexual do termo *libido* era, segundo Jung, uma decorrência do uso médico. No texto *Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica*, coletânea de nove conferências pronunciadas em 1912, na Fordham University, Nova Iorque, Jung afirmou:

“A linguagem médica usa o termo libido no sentido de apetite sexual. Mas entre os clássicos como CÍCERO, SALÚSTIO e outros, não tinha esta conotação unilateral; o termo era usado também no sentido geral de *desejo apaixonado*. (...) é muito importante saber que o conceito de libido na realidade tem aplicação mais ampla do que a da medicina” (Jung, 1998b: 121).

Para o autor, diversos problemas conceituais poderiam ser resolvidos com a ampliação do termo. Principalmente, as questões ligadas à integração dos

componentes sexuais entre si, assim como destes com os egóicos ou de autopreservação. Nas palavras de Jung:

“Até agora falamos da libido como instinto de propagação ou instinto de conservação da espécie e permanecemos dentro dos limites da concepção que opõe a libido à fome, da mesma maneira como se costuma opor o instinto de conservação da espécie ao de autoconservação. É óbvio que na natureza não existe esta separação artificial. Nela só encontramos um instinto vital contínuo, uma vontade de existir que quer assegurar a reprodução de toda a espécie mediante a conservação do indivíduo. Esta concepção coincide com o conceito de vontade de SCHOPENHAUER, porque o movimento que vemos de fora só o podemos captar interiormente como querer” (Jung, 1998b: 131).

Mais adiante, Jung sintetizou sua posição afirmando: “*Libido deve ser o nome da energia que se manifesta no processo vital e é sentida subjetivamente como aspiração e desejo*” (: 133). Em resumo, o caráter herético da *libido genérica* de Jung é diretamente proporcional ao do conceito de *Eros* de Freud. São idéias que partem de uma mesma plataforma teórica e que executam o mesmo papel na dinâmica psíquica.

As razões da crítica de Jung estão, em última instância, ancoradas em problemas referentes à montagem da teoria freudiana da sexualidade. De fato, os critérios utilizados por Freud para a identificação da sexualidade infantil são insuficientes para dar conta do grau de abrangência das conclusões teóricas alcançadas⁴. Freud estendeu a sexualidade à infância e, indiretamente, aos atos adultos não relacionados com o coito genital seguido de orgasmo, fazendo uso de pressupostos genéricos e argumentos analógicos. Suas conclusões dependiam, fundamentalmente, da aceitação da premissa de que *prazer* é sinônimo de *prazer sexual*. No entanto, o que tornaria equivalentes, por exemplo, o prazer infantil da sucção e o orgasmo sexual adulto? Por que não vê-los como modos de satisfação que contêm pontos em comum, mas não o suficiente para garantir a redução de sentido? Como Jung chamou a atenção:

⁴ O exame mais detido dos critérios utilizados por Freud para a identificação da sexualidade na experiência infantil se encontra no artigo de Ferraz: Freud e a sexualidade – um estudo dos critérios freudianos de identificação do sexual, in Bezerra e Plastino (orgs.) *Corpo, afeto e linguagem – a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001, pp. 91-116.

“A obtenção do prazer não é, de forma alguma, o mesmo que sexualidade. (...) Se admitirmos que a ânsia de prazer deve ser considerada de natureza sexual, paradoxalmente deveríamos também considerar a fome como um anseio sexual, pois busca prazer na satisfação” (Jung, 1998b: 117).

Considerando o fato de componentes da experiência de satisfação oral infantil reaparecerem posteriormente na vida sexual adulta, Jung argumentou:

“Poder-se-ia objetar que estas e outras atividades semelhantes da zona oral reaparecem mais tarde na vida adulta, com aplicação inegavelmente sexual. Mas isto significa apenas que essas atividades podem ser colocadas também a serviço do instinto sexual; nada prova a favor de sua natureza sexual primitiva. Devo, portanto, reconhecer que não tenho motivos para considerar as atividades que causam prazer e satisfação durante a lactância sob o prisma da sexualidade” (: 125).

Enfim, a questão principal é: por que considerar o prazer sinônimo de prazer sexual se a semântica da palavra é tão ampla quanto suas aplicações? É o que pensa Gerard Lebrun:

“O prazer, concebido como uma atividade em si, abstração feita da operação da qual ele procede, não existe; o que existe são prazeres que formam com as atividades de que procedem pares indissolúveis, prazer de tocar, prazer de ver, prazer de pensar [...]. Não há forma de prazer que recubra todos os estados de satisfação: há emoções, entusiasmos, todos incomparáveis entre si, e que valem tanto quanto vale o funcionamento que os suscita e que os reforça (Lebrun, 1990: 75). (Grifo acrescentado).

Vale salientar que o próprio Freud encontrou dificuldades para especificar o caráter sexual do fenômeno *prazer*.

“Todavia podemos extrair muitas coisas do exemplo do ato de chupar com vistas a caracterizar o que é uma zona erógena. É um setor da pele ou da mucosa no qual estimulações de uma certa classe provocam uma sensação prazerosa de uma determinada qualidade. Não há nenhuma dúvida de que os estímulos produtores de prazer estão ligados a particulares condições; porém não as conhecemos. Entre elas, o caráter rítmico não pode deixar de desempenhar um papel: se impõe a analogia com as cócegas. Parece menos seguro que se possa designar 'particular' a característica da sensação prazerosa provocada pelo estímulo - particularidade na qual estaria contido, justamente, o fator sexual. Em assuntos de prazer e desprazer, a psicologia trabalha ainda em meio a trevas, por isso é recomendável adotar a hipótese mais precavida. Talvez mais à frente encontremos fundamentos que possam

apoiar a idéia de uma qualidade particular dessa sensação prazerosa" (Freud, 1905: 166). (Grifos acrescentados).

Além disso, não há nenhuma necessidade lógica de atribuir à relação da criança com o seio uma conotação prioritariamente erógena. Como Winnicott afirmou, no artigo *Ansiedade associada à insegurança* (1952):

"... existe um relacionamento vitalmente importante entre o bebê e sua mãe, que no entanto não deriva da experiência instintiva nem da relação objetal surgida a partir da experiência instintiva. Esse relacionamento é anterior à experiência instintiva, paralelo a ela, e entremeado a ela (Winnicott, 1952: 164).

Ressaltou a mesma questão no texto *Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo* (1963):

"Nos primórdios da psicanálise a adaptação só significava uma coisa, satisfazer as necessidades instintivas da criança. Muitos erros de interpretação se originaram da lentidão de alguns em entender que as necessidades de um lactente não estão confinadas às tensões instintivas, não importa quão importantes possam ser. Há um conjunto inteiro de desenvolvimentos do ego do lactente que tem suas próprias necessidades" (Winnicott, 1963: 82).

O aspecto difuso da experiência infantil, enquanto a criança ainda não domina a linguagem, adiciona dificuldades para o uso de interpretações que tentam unificar o sentido dos fenômenos. É bastante aceitável a tese de que a sexualidade já esteja presente na infância precoce, mas não há motivos para selecioná-la como a única ou a principal responsável tanto pelos prazeres, quanto pelo investimento intenso e duradouro do bebê com o seio da mãe. Os critérios freudianos de identificação da sexualidade infantil não abarcam essa conclusão, que é a principal responsável pela ampliação excessiva do conceito de sexualidade. Demonstrando os limites da associação entre os termos *prazer, sexualidade e ação psíquica*, vale dizer, questionando o pressuposto psicanalítico que afirma que *toda ação prazerosa é sexual*, é possível construir fronteiras mais razoáveis para o uso da palavra sexualidade em psicanálise.

Além das dificuldades conceituais do âmbito da teoria, há problemas de ordem histórica na tese sexualista de Freud. A ampla e irrestrita identificação da sexualidade na dinâmica psíquica foi um acontecimento do século XIX, como mostram os trabalhos de Brown (1990), Foucault (1984, 1985, 1986) e Ussel

(1980). Segundo os autores, o imaginário da época fornecia aos intérpretes teorias implícitas de personalidade marcadas pelo sensualismo. Direcionava-os à dedução da presença da sexualidade nas ações humanas numa frequência e numa extensão nunca vista antes. Portanto, o grau de implicação da sexualidade na produção dos fenômenos psíquicos não é um fato universal ou logicamente necessário.

De meados do século XX em diante, já não eram mais encontradas tamanha preocupação, medo, pudor e culpa diante da masturbação, da infidelidade conjugal, da atração sexual por estranhos e de outros “desvios” eróticos desse calibre. O discurso freudiano em prol da libertação sexual, encontrado em *La sexualidad en la etiología de las neurosis* (1898) e em *La moral sexual “cultural” y la nerviosidad moderna* (1908), junto com as repercussões clínicas e teóricas da obra de Freud e de seus seguidores, foram, sem dúvida, peças fundamentais do trabalho de transformação dos costumes e, conseqüentemente, do esgarçamento do nexos causal entre *dificuldades sexuais* e *dilemas morais*. Em suma, um dos resultados da *cultura da psicanálise* foi o remanejamento das relações sujeito-sexualidade reinantes no tipo psicológico ocidental do final do século XIX. Ao escrever *La sexualidad en la etiología de las neurosis* (1898), Freud afirmou:

“Muitas coisas teriam que ser mudadas. É preciso romper a resistência de uma geração de médicos que já não conseguem se lembrar de sua própria juventude; precisa ser superado o orgulho dos pais, que não se dispõem a descer ao nível da humanidade ante os olhos de seus filhos; e deve ser combatido o puritanismo insensato das mães, que consideram um golpe incompreensível e imerecido do destino que “justamente seus filhos tenham se tornados neuróticos”. Mas, acima de tudo, é necessário criar um espaço na opinião pública para a discussão dos problemas da vida sexual. Tem que ser possível falar sobre essas coisas sem que se seja estigmatizado como um perturbador ou uma pessoa que tira proveito dos mais baixos instintos. E a respeito de tudo isso, há um grande trabalho para o século vindouro, no qual nossa civilização terá que aprender a conviver com as exigências de nossa sexualidade” (Freud, 1898: 270-71).

Em um grau considerável, foi alcançado o que Freud imaginou ser necessário para a contenção da epidemia de distúrbios relativos a problemáticas sexuais. A desmistificação da matéria, a modernização dos métodos anticoncepcionais e a libertação da mulher, ao longo do século XX, foram sinais dos *bons tempos* imaginados por Freud, que permitiram a retirada da sexualidade do conjunto das

experiências que evocavam estresse, angústia ou terror. Nesse sentido, a revisão atual da etiologia sexual das neuroses ou do papel da sexualidade no psiquismo em geral é uma decorrência do próprio trabalho de Freud e de outros autores pró-sexuais.

Diante das razões teóricas e históricas, não há motivos para os analistas empregarem estratégias que desqualificam o adversário *a priori*, como se não houvesse qualquer direito ou legitimidade na crítica ao sexualismo. Apesar dos diversos enfoques propiciados pelos críticos, não houve da parte dos psicanalistas um questionamento profundo do primado da sexualidade que estabelecesse um lugar mais razoável para o conceito. Vários foram aqueles que seguiram, sem alarde, idéias que prescindiam, um pouco mais ou um pouco menos, do anteparo da hipótese sexualista - como, por exemplo, o grupo dos independentes. Mas nenhum propôs a revisão radical desse pressuposto. Jung, Adler e os neofreudianos colaboraram, em graus variados, com a tese dissidente e pagaram caro por isto, sendo criticados e/ou afastados do movimento. A sexualidade se manteve, aos olhos de leigos e especialistas, como um fator causal fundamental e quase exclusivo na teoria psicanalítica da motivação.

Essa postura que transforma a sexualidade num dogma e equipara os críticos a detratores da psicanálise é consequência, entre outras coisas, do ideal de conservar intacta a obra de Freud. A meta transformou parte do estudo e da clínica psicanalíticas em atividades excessivamente burocráticas, nas quais a fidelidade a procedimentos se tornou mais importante do que a resolução de problemas. A inversão de valores levou os analistas a adotarem como critério para avaliação das práticas ou estudos inspirados em Freud, o arbitrário e restritivo teste do *ser ou não ser psicanálise*. Orientados por essa finalidade, entenderam que um dos principais problemas metodológicos da "pesquisa em psicanálise" é o tratamento a ser dado a conclusões heterodoxas. Mezan (1993) se posiciona da seguinte forma sobre esta questão:

"os pensadores que desejaram inovar na psicanálise se encontraram em situação diferente daquela vivida pelos filósofos e cientistas, ao tentarem construir um sistema próprio ou desenvolver um pensamento original. Isto porque a psicanálise tem como parâmetros básicos algumas afirmações que não podem ser nem ignoradas nem refutadas pelo autor pós-freudiano, sob pena de se excluir do campo balizado pelo inconsciente. (...) o estabelecimento de um nova escola na filosofia ou nas ciências

não constitui, em si mesmo, um problema no mesmo sentido em que o estabelecimento de um novo sistema psicanalítico, porque o pensamento psicanalítico se encontra balizado por estas duas dimensões ineludíveis que são, por um lado, a obra de Freud, e por outro, a prática psicanalítica. Estas coordenadas instauram os limites do campo psicanalítico, e toda teorização que não respeitar estes limites cairá automaticamente fora da psicanálise. Dayan formula esta idéia de um modo bastante claro: 'No campo da psicanálise, a dissidência toma a forma de alteração de princípio, fundamental e metodológica, e conduz para fora da psicanálise; por seu lado, a lealdade sem restrições não é em absoluto compatível com o trabalho teórico"' (Mezan, 1993: 77-8). (Grifos acrescentados).

Traduzindo: se o texto do relatório final da pesquisa não apresentar certas características que permitam enquadrá-lo como psicanalítico, ganhará, no melhor dos casos, uma apreciação elogiosa de alguns centímetros, seguida de um extenso e enfático, *mas isto não é psicanálise!* A inovação conceitual que deveria ser bem-vinda, torna-se um problema para os pesquisadores, já que os trabalhos cujos resultados divergem do cânone estão "*fora da psicanálise*". É claro que tal sentença não expressa apenas uma constatação factual, mas uma avaliação do material produzido. A assertiva "*fora da psicanálise*" produz efeitos de amedrontamento e intimidação, pois todos os que fazem psicanálise desejam continuar reconhecidos pelos seus pares. E todos sabem pelas disputas Freud-Jung, Freud-Adler, Freud-Stekel o que significa estar (ser posto para) "*fora da psicanálise*". Nessa condição, o pensamento freudiano passou de um instrumento útil na explicação e intervenção sobre o mundo, para um fim em si mesmo. Em outros termos, a insígnia psicanalítica virou um fetiche⁵.

Sem dúvida, não se pode esperar de nenhuma disciplina a cobertura de um conjunto ilimitado de problemas e objetos. Também não estão sendo postas em questão as estratégias de controle do uso dos conceitos e hipóteses. Nada disso, porém, torna qualquer um desses conceitos ou hipóteses, indiscutíveis,

⁵ Desta vez, foram as predições de Jung as mais bem sucedidas. Em carta, Freud comentou a afirmação do amigo de que, no futuro, sua obra alcançaria a posição de um evangelho:

"Diverti-me muito com sua hipótese de que meus erros passem a ser venerados como relíquias, depois que eu saia de cena, mas de modo algum posso endossá-la. Creio, pelo contrário, que meus seguidores se apressarão tanto quanto lhes seja possível a demolir tudo o que não seja seguro e sólido em minha herança" (Freud apud Jones, 1989b: 440).

irretocáveis e insubstituíveis. Afirmar que o campo psicanalítico está logicamente definido como o campo dos investimentos (libidinais) inconscientes, e que todo aquele que não responder por tal exigência estará automaticamente *fora da psicanálise*, é um contra-senso pois, ao mesmo tempo em que delimita, inviabiliza o trabalho de pesquisa. Em outros termos, se *fazer pesquisa* é uma atividade, por definição, aberta à produção de novos sentidos, especificar o tipo de resultado que pode emergir da investigação é uma traição radical dos propósitos originais. Não é possível fazer pesquisa em psicanálise aplicando à malha conceitual mecanismos de segurança desse tipo. O estabelecimento de limites na investigação é aceitável se se deve à falta de ferramentas teóricas ou metodológicas. Para evitar, porém, o pecado da incontinência não é preciso cair no formalismo.

É de fundamental importância colocar no horizonte da investigação, seja em que área do conhecimento for, a possibilidade de reforma dos pressupostos ou conceitos finais de uma teoria e, no limite, a possibilidade de abandono da matriz fundadora. Divergências entre os resultados de uma pesquisa e as hipóteses centrais de uma determinada teoria em voga significa a criação de um novo conjunto de idéias, que deverá ser avaliado segundo a contribuição que é capaz de oferecer para o debate e o equacionamento dos problemas em questão, e não segundo a proximidade ou distância das idéias anteriores. Encerrar discussões fundamentais com afirmações como *"tal assunto e seus porta-vozes estão fora da psicanálise"* ou *"coloquem outro nome em tal coisa menos psicanálise"*, é o mais claro sintoma de que a reflexão nesses termos é viciada e restritiva.

Parece particularmente mais interessante fugir desse enquadramento escolástico dos partidários da "pesquisa em psicanálise", abordando problemas que vão da psicopatologia clássica às formas de sofrimento atuais, da metapsicologia freudiana às teorias recentes do campo da subjetividade. O objetivo da pesquisa não pode ser outro a não ser explorar e debater questões visando a ampliação da capacidade explicativa/interventiva do dispositivo psicanalítico, de modo a torná-lo mais capacitado para sugerir e implementar experimentos relevantes no campo da clínica ou da vida social. Concorde-se com Costa, quando afirma, citando Popper, que: *"Estudamos problemas, não matérias:*

problemas que podem ultrapassar as fronteiras de qualquer matéria ou disciplina" (Costa, 1992: 141). A pesquisa em psicanálise é, desse modo, apenas um momento do trabalho de entendimento e intervenção sobre o sofrimento e o desamparo psíquico. Por essa razão, os fundamentos do pensamento de Freud, assim como quaisquer outros, devem ser, primordialmente, instrumentos e não fronteiras do conhecimento. Assim, ao invés de pesquisa *em (para a)* psicanálise, pesquisa *com a* psicanálise.

Do ponto de vista de alguns psicanalistas, no entanto, além de problemas metodológicas, a proposta de redução do papel da sexualidade na teoria é incompatível com a ética. Pensam os mesmos, seguindo o Freud de *Más allá del principio de placer* (1920), que *"a libido de nossas pulsões sexuais coincide com o Eros dos poetas e filósofos, que mantém a coesão de tudo o que é vivo"* (Freud, 1920: 49). Seria exatamente da sexualidade, sob a forma de Eros, que derivariam os princípios e as metas morais. Se houver a redução da importância da sexualidade na teoria, haverá a redução da relevância ética da mesma. No entanto, a questão pode ser vista por outro ângulo.

Em primeiro lugar, o Eros freudiano não se confunde com a sexualidade. Tecnicamente falando, o Eros freudiano é formado pela união das pulsões sexuais com as de auto-conservação. É o que se encontra na passagem de *El yo y el ello* (1923a), em que Freud compôs o Eros como segue:

"Não somente compreende a pulsão sexual não inibida, genuína, e as moções pulsionais sublimadas e de meta inibida, derivadas daquela, mas também a pulsão de auto-conservação, que deve ser atribuído ao ego e que, no início de nosso trabalho analítico, tínhamos boas razões para contrastar com as pulsões sexuais de objeto" (Freud, 1923a: 41).

Em segundo lugar, Freud sustentava que: *"o Eros persegue a meta de complicar a vida mediante a reunião, a síntese, da substância viva dispersada em partículas, e isto, desde logo, para conservá-la"* (Ibid.). A metáfora da reunião da substância viva aplicava-se da biologia à política. Dessa forma, sua função aglutinadora não corresponde, necessariamente, aos meios ou aos fins da satisfação sexual. A sexualidade, sob o domínio de Eros, tem um caráter muito mais reprodutivo do que hedonista.

Por fim, a tarefa *política* de Eros, de ampliação do *nós*, depende essencialmente do descentramento da sexualidade. A importância atribuída à relação sujeito-sexualidade fomenta a discriminação das minorias sexuais. Tal valorização aguça o narcisismo das pequenas diferenças, levando grupos a rivalizarem em torno do que seria a melhor sexualidade. E traz, como conseqüência, o surgimento das identidades sexuais, com os efeitos restritivos que estas implicam. A opção por um tipo particular de parceria sexual heterodirigida se converte num ideal a partir do qual se mede o valor dos tipos desviantes. A identidade sexual se torna, nesse processo, uma definição abrangente e irrestrita de si, fomentando um maniqueísmo de qualidade ética questionável⁶.

Como se pode ver, do ponto de vista teórico, histórico, metodológico e ético é perfeitamente legítimo reavaliar a teoria da motivação psicanalítica e, conseqüentemente, a pertinência do lugar ocupado pela *sexualidade* no pensamento de Freud. Não há dúvidas de que o conceito de sexualidade propiciou relevantes descobertas, e que a vivência erótica é uma fonte de experiências prazerosas e matéria para diversas formas de enriquecimento pessoal. Obviamente, não é a esse ponto que se dirigem as críticas. O argumento incide sobre as restrições teórico-práticas decorrentes do imaginário sexualista.

"Acentuar exclusivamente certos problemas pretensamente sexuais não será uma forma de criá-los artificialmente? Não será tempo de desmistificar a sexualidade, tanto nos seus mistérios quanto na licenciosidade sexual? Não será útil mostrar aos homens que a sexualidade não põe em perigo o indivíduo nem a sociedade (crença, indivíduo e nação estariam condenados a perecer por causa do sexual) [...] Em suma, servir-se-á melhor o sexo dessacralizando-o. No fundo, deveríamos rir dele tranqüilamente, abandonar a nossa comédia e chegar à conclusão de que existe muita coisa que não é absolutamente necessária, compreendendo, por fim, que *há muitas maneiras de ser feliz sem ser tão sexual como o sugere a propaganda do sexo*" (Ussel, 1980: 261).

⁶ Ilustração dramática dos danos sofridos por aqueles que optaram por parcerias homoeróticas está presente nos estudos de Costa (1992). O autor revelou que a incidência de contaminação pelo vírus HIV, nos grupos de opção homoerótica, é reforçada pela discriminação e o preconceito. A dupla injunção contida no imaginário sexualista, que associa o gozo sexual à felicidade e as escolhas eróticas não-heterossexuais à doença, repercutem desastrosamente sobre os relacionamentos homoeróticos. Retira dos participantes a capacidade de negociar o uso de preservativos, já que não podem abrir mão de qualquer chance ou dose de prazer. É esse um exemplo claro de discriminação sexual provocada pela hipervalorização do sexual.

De um ponto de vista abrangente, esta tese de doutorado endossa a opinião dos adversários a respeito da excessiva importância atribuída por Freud ao conceito de sexualidade. Seu ponto de partida é a crítica ao sexualismo, sem a qual não é possível dar crédito a qualquer hipótese que não seja tributária da libido. Porém, não se confunde com a proposta de "excluir a sexualidade da teoria e/ou da clínica", ou com discussões acerca do "necessário grau de repressão da sexualidade na vida civilizada". Seu campo de interesse é o dos fenômenos da dinâmica egóica que funcionam como causas da atividade mental, ora se articulando, ora rivalizando com a sexualidade. O narcisismo é um dos mesmos.

Assim como o desamparo, o conceito de narcisismo representa os *interesses egóicos*. O conjunto de evidências que o definem nessa posição não passou despercebido para autores como Lacan (1993), Bleichmar (1983, 1985, 1998), Costa (1991, 1995, 1998), Bercherie (1983) e Borch-Jacobsen (1982), entre outros. Cruzando as contribuições desses cinco autores, a tese pretende enraizar em Freud as conclusões de Bleichmar, acerca das diferenças entre narcisismo e sexualidade. Por que as conclusões de Bleichmar, e não as dos outros autores citados? Porque a preocupação de Bleichmar, diferente da de Lacan, Costa, Bercherie e Borch-Jacobsen, é reformar a teoria psicanalítica da motivação. Sua abordagem partilha o mesmo objetivo dessa tese: ampliar os móveis da ação em psicanálise, agregando, ao lado da sexualidade, novas causas como o desamparo e o narcisismo. Pela clareza e riqueza de seu trabalho, não houve, entre os analistas, autor que mais tenha contribuído para o alargamento da teoria psicanalítica da motivação.

Ao elaborar a teoria modular-transformacional (1997, 1998), Bleichmar distinguiu claramente os módulos motivacionais da auto-conservação, da sexualidade e do narcisismo conforme suas leis de funcionamento e suas origens específicas. O termo modular se refere aos fatores motivacionais: prazer, segurança e reconhecimento. Já o termo transformacional indica as influências mútuas decorrentes das interações entre esses módulos. Os desejos podem adquirir maior ou menor força, a partir dessa dinâmica. Segundo Bleichmar:

“... no desenvolvimento do psiquismo vão surgindo diferentes sistemas em diferentes momentos. Por exemplo, existe desde o começo da vida um sistema heteroautoconservativo, um sistema sensual-sexual, ainda que não exista, todavia,

um sistema narcisista, no sentido de que o sujeito se possa representar em uma escala de preferências, em uma escala de medição de seu valor em relação aos outros. O narcisismo é ulterior, e Freud observa que tem que ser produzido um novo ato psíquico para que exista narcisismo. Tem que existir uma representação unificada do sujeito, de modo que essa representação possa ser articulada a uma escala valorativa, de preferências (Bleichmar, 1998: 274).

As idéias de Bleichmar inviabilizam o pensamento hierárquico e reducionista, que tende a eleger uma causa-mor para o funcionamento psíquico. No entanto, o processo de dedução de suas conclusões não foi acompanhado pelo exame crítico do primado da sexualidade na psicanálise freudiana. Sem a crítica, se tem a impressão de que ou o pensamento de Freud assimila facilmente a reforma proposta por Bleichmar, o que não é verdade; ou que a reforma depende de uma outra plataforma conceitual, o que também não é verdade. É importante revelar a presença *implícita* desta teoria ampliada da motivação no pensamento de Freud. Para tanto, os trabalhos de Lacan, Costa, Bercherie e Borch-Jacobsen são fundamentais. Não só reforçam as conclusões alcançadas por Bleichmar, como incentivam, com a crítica, a pesquisa do que ainda se encontra invisível na malha do pensamento freudiano, mantendo vivo o estudo dos textos.

A singularidade do narcisismo, no conjunto da teoria da motivação de Freud, é, em resumo, um fato corroborado pelas discussões em torno das dinâmicas da neurose e da psicose. A análise freudiana do conflito neurótico revelava, desde o início, que o adversário da sexualidade não era a pulsão de auto-conservação, cujos principais representantes são a *fome* e a *sede*⁷; mas sim, os *interesses egóicos voltados para a realização de ideais éticos e estéticos*, como fica patente nos relatos apresentados por Freud em sua primeira coletânea de artigos sobre a teoria das neuroses (1893-98). Esses textos vão desde *Estudios sobre la histeria* (1893a) até *La sexualidad en la etiología de las neurosis* (1898). A ação normativa do eu, visando a realização de ideais, é uma idéia precursora do narcisismo.

⁷ Segundo Freud, a fome e a sede são “as mais elementares pulsões de auto-conservação” (Freud, 1916-17b: 375).

Tais conceitos foram reforçados, posteriormente, pelo insucesso de Freud ao tentar estender a etiologia sexual às psicoses. O autor discorreu sobre o tema nos textos *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente* (1911a) e *Introducción del narcisismo* (1914b). Dado que a psicose atingia diretamente as funções do eu, como o mostrava Jung, Freud não encontrou outra saída senão formular uma psicologia do ego agregada ao campo da sexualidade. Mais especificamente, desenvolveu as idéias de que a) o eu era movido por libido, b) o sintoma principal da paranóia (o delírio de grandeza) era a concentração defensiva de libido no eu, e, por conseguinte, c) não havia uma separação estrita entre pulsões sexuais e as egóicas. A formulação sexualizada do conceito de narcisismo foi a consequência direta dessa fusão. Do insucesso de Freud, isto é, da verificação da autonomia das pulsões egóicas na teoria do conflito neurótico e psicótico, surgiram as condições para a ulterior edificação do narcisismo como um fenômeno não-sexual, específico do ego. Tratava-se de uma demanda propriamente egóica, articulada porém independente da sexualidade.

A configuração específica do narcisismo ganhou forma final no momento da apresentação da *função* e da fenomenologia da *satisfação* que lhe é peculiar, matéria dos textos *Introducción del narcisismo* (1914b), *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915) e *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921). A função defensiva dos ideais narcísicos na dinâmica egóica e a forma como o eu se apresenta quando está narcisicamente realizado, testemunham a existência de um móvel da ação particular refratário à caracterização sexualista.

A análise dessas passagens da obra freudiana, à luz dos comentadores, permitiram a composição do argumento que eleva o narcisismo à posição de móvel da ação independente do sexual. Revelaram, por conseguinte, a tripla dimensão da sensibilidade egóica: o eu deseja reconhecimento, prazer e amparo. Em outros termos, ao lado do princípio do prazer-desprazer, existem os princípios da segurança-insegurança e da valorização-desvalorização do eu. A tese responde, assim, a uma premissa básica: introduzindo novas categorias, ou resgatando as já presentes no pensamento freudiano, é possível matizar as *causas* e os *fins* mobilizadores da ação, evitando o monopólio do sexual. Com isso, são melhor compreendidas as crenças, desejos, decisões, sofrimentos e

satisfações dos indivíduos assistidos pela psicanálise. Trata-se, portanto, de um empenho teórico em atenção à diversidade e à singularidade humana.

Capítulo 1

A função do eu na etiologia da neurose

Um exame dos textos relativos à primeira fase da teoria da neuroses (1893-1898) já permite a verificação de demandas egóicas fundamentais no quadro da metapsicologia freudiana. Retirando o foco da dinâmica sexual, constata-se no modelo de conflito desenvolvido por Freud o caráter normativo⁸ da ação egóica. A defesa psíquica acionada pelo eu é um procedimento que depende da existência de critérios de avaliação acerca da benignidade ou malignidade da experiência. E essa atribuição de valores é feita em função de necessidades egóicas, como os desejos de *amparo* e *reconhecimento*. Há, portanto, uma dupla dimensão no ato defensivo do eu: existe um primeiro momento de valoração, seguido do ato de defesa propriamente dito – expulsão, esquecimento etc. Nesse papel, os *interesses do eu* ocupam uma posição privilegiada na teoria da subjetividade freudiana. Apesar de não terem recebido tratamento sistemático, foram contemplados implicitamente do começo ao fim da obra de Freud, da etiologia das neuroses à segunda teoria da angústia.

No desenho de conflito mais usual, encontram-se os impulsos sexuais, num dos pólos, e os ideais morais, no outro. A relação do eu com os ideais determina o curso da ação normativa. Tende, no melhor dos casos, a garantir combinações de prazer, segurança e valorização, e, no pior, à evitação do desprazer, do desamparo e da desvalorização pessoal. Em outros termos, tende a dar conta dos interesses egóicos. No entanto, a normatividade do eu regulada em função das solicitações ideais se refere a apenas um dos três tipos de ação normativa, pensados por Freud. Trata-se do que será chamado nesse texto de normatividade egóica de ordem secundária.

⁸ O termo normativo descende da noção de normatividade de Georges Canguilhem (1990). Refere-se à capacidade orgânica ou psíquica de avaliar situações, criar e seguir regras de ação com vistas ao alcance de metas.

A normatividade secundária é o modelo mais freqüente mas não o único. Há também as ações normativas orgânica e egóica de ordem primária. Por ordem cronológica e de complexidade, entra em ação originariamente a normatividade orgânica; em seguida, a normatividade egóica de ordem primária e, por fim, a egóica de ordem secundária. O funcionamento normativo orgânico é voltado para os processos internos e visa ao prazer e ao equilíbrio do organismo. O funcionamento normativo egóico primário opera no campo da intersubjetividade e aspira, predominantemente, à segurança no trato com o outro e o ambiente. Finalmente, o desenvolvimento dos ideais permite o surgimento da normatividade egóica secundária, que opera no campo intra e intersubjetivo e almeja tanto à manutenção da segurança, quanto ao aperfeiçoamento da relação do sujeito consigo mesmo e com o outro.

Assim como a primária, a ação normativa orgânica não se vale de critérios ideais ou de princípios transcendentais. O organismo avalia e faz escolhas com base em sua dinâmica interna. Essa idéia aparece, de forma mais sistemática, nos *Tres ensayos de teoría sexual* (1905). Ao discutir o papel dos diques orgânicos na inibição sexual, Freud afirmou:

“Durante este período de latência total ou meramente parcial se edificam os poderes anímicos que mais tarde se apresentarão como inibições no caminho da pulsão sexual e que estreitarão seu curso à maneira de uns diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências ideais no âmbito da estética e da moral). Na criança civilizada se tem a impressão de que o estabelecimento desses diques é obra da educação, e sem dúvida alguma ela contribui em muito. Porém, na realidade, esse desenvolvimento é derivado de condicionamento orgânico, fixado hereditariamente e pode ocorrer sem nenhuma ajuda da educação. Esta última (...) se limita a marchar através do pré-fixado organicamente, imprimindo-lhe um cunho mais ordenado e profundo” (Freud, 1900: 161). (Grifos acrescentados).

A explicação freudiana para a atividade normativa orgânica foi a seguinte:

“As moções sexuais desses anos infantis seriam, por uma parte, inaplicáveis, pois as funções da reprodução estão diferidas, o que constitui o caráter principal do período de latência; por outra parte, seriam em si perversas, isto é, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que dada a direção do desenvolvimento do indivíduo só provocariam sensações de desprazer. Por isto suscitariam forças anímicas contrárias (moções reativas) que constróem, para a eficaz sufocação desse

desprazer, os mencionados diques orgânicos: asco, vergonha e moral. (: 162) (Grifos acrescentados).

Os diques orgânicos são uma defesa contra o desequilíbrio e o desprazer proporcionado pelas pulsões na fase de latência do desenvolvimento do indivíduo. Com ligeiras variações de sentido, o conceito de defesa originária aparece em outros momentos da obra de Freud (1906, 1909, 1915a, 1915b, 1926, 1930)⁹.

Diferente da normatividade orgânica, a egóica de ordem secundária ressalta a presença de um ideal, um critério externo e transcendente, definido pelo outro

⁹ Em *Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis* (1906), o recalque orgânico foi definido como o principal responsável pela neurose. Segundo Freud, o eu que acionava o recalque psicológico, assim como o agente educador, agia sobre linhas já traçadas. O ponto de vista enfatizava o papel dos fatores constitucionais e minimizava os acidentais. O fato retirava a instância egóica da posição central assumida no modelo da normatividade primária e secundária. Antes de apresentar seu novo ponto de vista, Freud recapitulou o antigo:

1) “dentro do contexto da concepção modificada acerca dos ‘traumas sexuais infantis’, a teoria se desenrolou em uma direção já exposta nas publicações dos anos de 1894 a 1896. Nessa época, e ainda antes de adjudicar à sexualidade a posição devida dentro da etiologia, eu havia indicado que a eficácia patogênica de uma vivência estava sujeita a uma condição: teria que resultar intolerável ao eu e provocar nele um esforço defensivo” (Freud, 1906: 267)

2) “Julgo valioso destacar que em minhas concepções acerca da etiologia das psiconeuroses uso dois pontos de vista que eu nunca desmenti e que não abandonei apesar de todas as mudanças: a importância atribuída à *sexualidade* e ao *infantilismo*. Em outros aspectos, em lugar das influências acidentais postulei fatores constitucionais, e a ‘defesa’, entendida em termos puramente psicológicos, foi substituída pela ‘recalque sexual’ orgânico” (: 269). (Grifo acrescentado).

No entanto, o argumento contrário à hierarquia e favorável à interação entre os fatores acidentais e constitucionais está presente em diversas passagens da obra, inclusive em alguns dos textos que advoga a idéia de recalque orgânico (1905, 1906, 1912, 1926). Em *Sobre la dinámica de la transferencia* (1912), Freud não deixou qualquer dúvida sobre sua posição final acerca da matéria:

“Devemos nos defender neste lugar da reprovação, fruto de um mal-entendido, de que deixamos de lado a significação dos fatores inatos (constitucionais) por haver dado relevo às impressões infantis. Semelhante reprovação brota da estreiteza da necessidade causal dos seres humanos, que, em oposição ao modo em que comumente está modelada a realidade, querem se dar por contentes com um único fator causal. A psicanálise tem dito muito sobre os fatores acidentais da etiologia, e pouco sobre os constitucionais, isso porque acerca dos primeiros podia apontar algo novo, enquanto que a respeito dos últimos em princípio não sabia mais que o que correntemente se sabe. Nos negamos a estabelecer uma oposição de princípio entre as duas séries de fatores etiológicos. Mais especificamente, supomos uma regular ação conjugada de ambas para produzir o efeito observado. Disposição e acaso determinam o destino de um ser humano; raras vezes, talvez nunca, um só desses poderes” (Freud, 1912: 97).

significativo¹⁰ e formulado sob a moldura de um conceito propriamente dito. Nesse tipo de ação normativa, existe uma definição cultural do que é o *Bem*, que orienta a ação egóica. Com base na relação vigente entre o eu e o ideal, ocorre o trabalho normativo de avaliação, julgamento e intervenção, e os efeitos conseqüentes de aceitação ou repulsão da experiência. Esse modelo ético recebeu tratamento privilegiado em *Introducción del narcisismo* (1914b). Nas palavras de Freud:

“Sabemos que as pulsões libidinais sucumbem ao destino do recalque patológico quando entram em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo. Nunca entendemos esta condição no sentido de que a pessoa tivera um conhecimento meramente intelectual da existência dessas representações; supusemos sempre que as aceita como normativas e que se submete às exigências que delas derivam. O recalque, temos dito, parte do eu; poderíamos precisar: do respeito do eu por si mesmo. As mesmas impressões, experiências, os mesmos impulsos e desejos que um homem tolera ou, pelo menos, processa conscientemente, são desaprovados por outro com indignação total, ou mesmo abafados antes que se tornem conscientes. A diferença entre os dois, que contém a condição do recalque, pode ser facilmente expressa em termos que a teoria da libido pode dominar. Podemos dizer que o primeiro homem instituiu no interior de si mesmo um ideal, pelo qual mede seu eu atual, enquanto que no outro falta essa formação de ideal. A formação do ideal seria, da parte do eu, a condição do recalque” (Freud, 1914b: 90).

Mais adiante, nesse mesmo texto, Freud afirmará que:

“A incitação para formar o ideal do eu, cuja tutela é confiada à consciência moral, partiu com efeito da influência crítica dos pais (...) e a qual se somaram, no curso do tempo, a de educadores, mestres e, como conjunto indeterminado e indefinível, todas as outras pessoas do meio (os próximos, a opinião pública). (...) A instituição da consciência moral foi, no fundo, uma encarnação da crítica dos pais, primeiro, e depois da crítica da sociedade, processo semelhante ao que se repete na gênese de uma inclinação repressiva nascida de uma proibição ou um impedimento ao começo externos” (: 92-3).

Portanto, mesmo com o estabelecimento do modelo da normatividade orgânica, a instância egóica continuou desfrutando um lugar central na etiologia das neuroses.

¹⁰ O conceito de *outro significativo* está sendo usado no sentido dado ao termo por George Mead. Trata-se do conjunto de pessoas físicas ou jurídicas ou de entidades espirituais dotadas de alto valor afetivo para um indivíduo (Mead, 1972).

Por conseguinte, finalizou Freud: “*Além de seu componente individual, esse ideal tem um componente social; é também o ideal comum de uma família, de um estamento, de uma nação*” (: 98).

A normatividade egóica secundária é sensível às demandas do outro significativo. Segue, portanto, uma regra de ação formulada em prol da segurança e do aperfeiçoamento da relações consigo e com o outro¹¹.

Por fim, a ação normativa egóica do tipo primária se posiciona entre a secundária e a orgânica. É uma atividade normativa de natureza psicológica, sem dimensão transcendental, sensível às condições básicas de adaptação do indivíduo ao ambiente. É a expressão conceitual do fato da criança ser capaz de avaliar uma situação como boa ou ruim sem subordinar seu julgamento ao princípio do prazer-desprazer, e mesmo antes de ter desenvolvido seus ideais éticos e culturais. A normatividade primária se utiliza, para tanto, de critérios como segurança/familiaridade/regularidade ou insegurança/estranheza/raridade do fato.

As ações normativas agem paralelamente e de modo mais ou menos integrado, conforme a circunstância. No desenho de conflito proposto por Freud, estão voltadas, normalmente, para fatos de natureza sexual. Sensíveis à sexualidade, o organismo e o ego, segundo Freud, se sentiriam incomodados com a expressão pulsional. Assim, o conflito ocorreria devido às desavenças presentes entre esses dois tipos de atividade, a sexual e a normativa. Mas, se o eu, assim como o organismo, possui uma função ativa no psiquismo e ocupa necessariamente um dos pólos do conflito, por que é a sexualidade o único termo realçado nos estudos freudianos das neuroses? Em outras palavras, qual a razão para a hipótese etiológica das neuroses ser nomeada como *sexual*, se na sua montagem há também a efetiva participação egóica e orgânica?

¹¹ Em Freud, principalmente no texto *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921), o conceito de identificação primária parece antecipar o surgimento da normatividade ideal (secundária). Antes do Édipo, criança já se identifica com o pai, *deseja ser* como ele e, para tanto, necessita se aperfeiçoar. Esse quadro dinâmico é, segundo Freud, a matriz do ideal do eu. No entanto, como o conceito de identificação primária não foi sistematizado, a normatividade secundária será caracterizada como um funcionamento egóico posterior, dependente do desenvolvimento da linguagem, embora tributário do *desejo de ser como o outro significativo* inerente à identificação primária.

O relevo das atividades normativas do eu e do organismo nas teorias freudianas da neurose exige uma redefinição de princípios.

1. O nascimento da teoria da defesa.

O papel da normatividade egóica na dinâmica psíquica foi tratado e fartamente ilustrado por Freud em seus primeiros artigos sobre a etiologia sexual das neuroses. Desde de *Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos* (1893), é possível encontrar indícios de ações defensivas com o fim de salvaguardar a segurança e a integridade moral do eu na relação com o outro. Nesse momento da obra, o mecanismo de defesa egóico esteve articulado à hipótese da ab-reação. A defesa implicava na estase libidinal, cujos efeitos acarretavam a sintomatologia histérica. As descobertas de Charcot ainda dominavam o cenário, embora Freud já começasse a desenvolver seu ponto de vista sobre o assunto.

Das quatro hipóteses apresentadas por Freud para explicar a interrupção da ab-reação, uma delas apontava como causa as *razões sociais*. Freud selecionou essa hipótese e ilustrou o modelo de histeria associada à mesma – a histeria de defesa - com a seguinte observação: “Assim, freqüentemente se encontra como conteúdo dos delírios histéricos justamente aquele círculo de representações que os enfermos, em estado normal, teriam lançado fora de si, inibido e sufocado com toda violência (por ex., blasfêmias e erotismo nos delírios histéricos das monjas)” (Freud, 1893: 39). (Grifo acrescentado). O nexó entre a histeria de defesa e as *razões sociais* revelava, implicitamente, a consideração da *moralidade* como fator determinante da sintomatologia neurótica. Em destaque, a normatividade egóica de ordem secundária.

Com o texto *Las neuropsicosis de defensa* (1894), o mecanismo defensivo acionado pelo eu contra as pulsões passou a desempenhar um papel objetivo entre os fundamentos da concepção freudiana da histeria e das psiconeuroses em geral. Ao longo desse trabalho, Freud se dedicou à modificação de suas idéias anteriores acerca dos fenômenos histéricos (de origem breueriana ou

charcotiana), dando destaque ao tema da defesa. Se o texto anterior esteve centrado no problema da ab-reação, este sublinhou a cisão mental e suas razões.

“Que o complexo sintomático da histeria, até onde conseguimos entendê-lo hoje, justifica a suposição de uma cisão da consciência com formação de grupos psíquicos separados, é algo que deveria ser universalmente aceita após os brilhantes trabalhos de P. Janet, J. Breuer e outros. Menos claras estão as opiniões sobre a origem desta cisão da consciência e sobre o papel que essa característica desempenha na estrutura da neurose histérica” (Freud, 1894: 47-8). (Grifo acrescentado).

Na procura das causas da cisão da consciência, Freud distinguiu seus pontos de vista dos de Janet e Breuer e estabeleceu uma linha de pesquisa para o estudo da histeria e das neuroses em geral. Os dois autores, por razões diversas, acreditavam que a cisão mental ocorria devido à fragilidade do psiquismo histérico. Segundo Freud, Janet entendia que a degeneração do sistema nervoso debilitava o trabalho de síntese dos conteúdos mentais, necessário ao bom funcionamento do aparelho psicológico. A ausência deste mecanismo sintético de processamento impedia que os conteúdos mentais se mantivessem interligados, ocasionando a fragmentação e o estreitamento do “campo de consciência” (: 48).

Por sua vez, Breuer pensava nesses mesmos “estados de incapacidade para a associação e síntese mental” como sendo a causa da divisão da consciência. No entanto, diferente de Janet, não os derivava da degeneração do sistema nervoso, nem os via como uma condição permanente. Tratava-se, muito mais, de um modo de funcionamento do psiquismo em ocasiões específicas. As experiências vivenciadas nesses *instantes* – os estados hipnóides – ficavam “*segregadas do comércio associativo com o resto do conteúdo da consciência*” (Ibid.). Por conseguinte, a ausência do trabalho de síntese produzia a fragmentação da mente e o surgimento de territórios insulares.

Frente a estas hipóteses, Freud concedeu a Breuer o direito de explicação de um tipo particular de histeria, as *histerias hipnóides*, que obedeciam ao fenômeno dos “estados hipnóides” formulado pelo autor. Já a Pierre Janet, Freud não fez concessões. Questionou a base de sustentação de seu argumento - a idéia de degeneração mental como causa da cisão da consciência -, afirmando que a histeria era compatível com o bom funcionamento das capacidades mentais de associação e síntese, tanto que acometia indivíduos *inteligentes*. A explicação da

cisão mental não cabia em teorias que imaginavam o psiquismo como passivo e fragilizado, devido ao estado degenerado de sua constituição neural. Pelo contrário, era preciso, segundo Freud, imaginar um mecanismo *ativo*. Na *histeria de defesa*, “a cisão do conteúdo da consciência é a consequência de um ato voluntário do enfermo, vale dizer, é introduzida por um empenho voluntário cujo motivo é possível indicar” (Freud, 1894: 48). É o resultado da *seletividade* e não da *incapacidade de assimilação e integração* do psiquismo. Estendendo o modelo explicativo para as fobias e obsessões, Freud expôs seu raciocínio deixando implícito o caráter normativo da ação defensiva.

“Após o estudo detido de muitos neuróticos afligidos de fobias e representações obsessivas, me impus um certo ensaio explicativo destes sintomas. (...) esses pacientes por mim analisados gozaram de saúde psíquica até o momento em que sobreveio um caso de inconciliabilidade em sua vida de representações, quer dizer, até que se apresentou a seu eu uma vivência, uma representação, uma sensação que despertou um afeto tão penoso que a pessoa decidiu esquecê-lo, não confiando em poder solucioná-lo com seu eu, mediante um trabalho de pensamento, a contradição que essa representação inconciliável lhe opunha (...) Em pessoas do sexo feminino, tais representações inconciliáveis nascem, na maioria das vezes, sobre o solo das vivências e sentimentos sexuais, e as afetadas se recordam com toda a precisão desejável de seus empenhos defensivos, de seu propósito de ‘afugentar’ a coisa, de não pensar nela, de sufocá-la” (: 47-49).

O trecho já faz alusão mas ainda não explicita o elemento que tornaria inconciliável a relação entre as representações sexuais e as egóicas. Uma hipótese vai sendo comprovada ao longo do trabalho: a inconciliabilidade das representações é o resultado de um dilema moral. Pelo fato das representações sexuais serem valoradas pelo eu como *moralmente reprováveis* se tornam, com relação aos ideais do eu, *inconciliáveis*. O afeto doloroso derivado das vivências sexuais é o resultado dessa avaliação negativa e, ao mesmo tempo, a causa da conduta defensiva. Os exemplos de casos apresentados por Freud só vêm a confirmar a hipótese. A governanta Lucy R. apaixonada pelo patrão que precisou negar o que sentia por lhe parecer inconciliável com seu *orgulho*, é apenas um dos muitos exemplos citados por Freud que apontam para a função normativa do eu no conflito com a sexualidade (Freud, 1894: 49).

Demonstrações mais relevantes do dilema moral pertinente à dinâmica da neurose se encontram nos três casos de transtornos obsessivos analisados por

Freud em *Las neuropsicosis de defensa* (1894) e, posteriormente, retomados em *Obsesiones y fobias* (1895b). O primeiro se refere a uma mulher que sofria com as reprovações obsessivas que dirigia a si mesma. Acusava-se da autoria de todos os males conhecidos e, excetuados os momentos em que embarcava num delírio psicótico, conseguia notar o despropósito de suas inferências. A severidade de sua consciência de culpa era, segundo Freud, derivada de suas práticas sexuais. Mais especificamente, esta mulher, *“incitada por uma sensação voluptuosa casual, havia se deixado induzir por uma amiga à prática da masturbação, e há anos a praticava com a cabal consciência de sua má ação e com as auto-reprovações mais violentas”* (: 56). (Grifo acrescentado).

A análise de Freud aponta com clareza a natureza moral da dor experimentada pela paciente. A masturbação e as sensações voluptuosas que a acompanham não poderiam ser experimentadas como mal-estar caso não houvesse a intervenção de um ato judicativo, cujos critérios não se reduzem ao princípio do prazer-desprazer. Foi o exercício da dimensão normativa do eu que valorou a masturbação como *má ação*, provocando as auto-recriminações e, conseqüentemente, as dores morais sentidas pela paciente. É, desse modo, um caso exemplar do papel desempenhado pela moralidade na dinâmica psicopatológica.

O segundo caso é o de uma mulher que havia se isolado de contatos sociais devido ao temor de estar fora de casa e vir a sentir uma vontade incontrolável de urinar. Só se sentia bem se estivesse próxima a um banheiro que pudesse utilizar sem problemas. Em casa, não experimentava qualquer ameaça nesse sentido. Esta senhora desenvolveu o quadro obsessivo acima descrito após um incidente numa sala de concertos. Estava mais ou menos próxima a um senhor que não lhe era indiferente e com quem começou a se imaginar na condição de esposa. Em seu devaneio erótico, sentiu-se excitada e, nessa condição, experimentou uma certa pressão na bexiga. Como havia resolvido combater tais devaneios, fez um esforço para se controlar. Conseguiu sufocar a excitação mas foi dominada pela vontade de urinar. Esta vontade de urinar lhe dominou de tal modo que precisou, na ocasião, retirar-se da sala. Após este episódio, sucederam-se outros semelhantes sem que estivesse presente uma causa desencadeante. Freud

chegou à conclusão de que houve um deslocamento do afeto da representação sexual para algo que lhe era contíguo, a vontade de urinar (Freud, 1894: 57).

Segundo Freud, a desconfiança dessa mulher não era relativa à bexiga mas sim à capacidade de controlar seus impulsos sexuais dirigidos a homens estranhos¹². O recalque do desejo sexual manteve na consciência a vontade de urinar que passou a representar, de forma disfarçada, o próprio desejo sexual. Novamente, o sintoma era o resultado do conflito entre a sexualidade e os ideais egóicos, e o sofrimento, uma função da condenação moral a que estava sujeita a experiência de *excitar-se sexualmente com homens estranhos*. Sobre o caso, Freud afirmou:

“... em sua vida cotidiana, era tão pudica que todo o sexual lhe causava intenso horror, e não podia conceber a idéia de que se casaria algum vez; por outro lado, era tão hiperestésica que aquela sensação voluptuosa lhe aparecia com qualquer devaneio erótico que se permitisse” (: 57). (Grifo acrescentado).

Dessa forma, a atração sexual assumiu o posto de elemento desencadeante do conflito, por duas razões: 1) o fato de estar fora do controle do eu, condição compartilhada com os elementos formadores do universo das paixões e das necessidades, como raiva, medo, sede, sono, fome etc.; e 2) devido à apreciação moral negativa que recaía sobre a mesma. Sem dúvida, não seria possível atribuir à decisão desta mulher de combater seus devaneios eróticos, outra razão senão a moral.

O terceiro caso é um exemplo ainda mais claro da relação entre moralidade e sexualidade. Trata-se de uma jovem senhora assaltada por impulsos de se jogar pela janela, e de vir a ferir seu filho com uma tesoura. Era uma mulher que há muito não desfrutava de vida sexual com o marido. Freud interpretou que as tentações dirigidas à janela e ao filho não eram senão substitutos de tentações originais de caráter erótico. O fato desta mulher se sentir dominada por seus desejos sexuais, produzia como resultado a perda da confiança em si e o auto-conceito de pessoa desprezível capaz de qualquer má ação (Freud, 1894: 58). Mais uma vez, é indiscutível o papel da moralidade na dinâmica psicopatológica das obsessões.

¹² Expôs essa opinião em *Obsesiones y fobias* (1985).

Os casos abordados por Freud no texto *Obsesiones y fobias* (1895b) ilustram igualmente bem a postura normativa do eu diante da sexualidade. Apesar de todos conterem dilemas morais, este aspecto aparece particularmente ressaltado em dois deles. O primeiro é o do jovem estudante de medicina que se acusava de haver praticado todas as ações imorais que lhe eram possíveis; entre elas, ter assassinado sua prima, deflorado sua irmã, incendiado uma casa etc. Freud apontou com causa do sintoma o fato deste jovem “*ter lido em um livro paramédico que a masturbação, na qual era viciado, corrompia a moral, e isto o afetou*” (Freud, 1895b: 77). Mais uma vez, foi preciso haver a atribuição de um *valor moral* à prática sexual para que fosse produzido o incômodo, a defesa e, conseqüentemente, o sintoma. Do ponto de vista do jovem masturbador, os preceitos do livro paramédico funcionaram como recomendações morais.

O segundo caso é o de uma mulher com um quadro de misofobia que Freud comparou a Lady Macbeth. A paciente lavava as mãos repetidamente e só tocava o trinco das portas com o cotovelo. O comentário de Freud apontou, diretamente, para o problema moral envolvido na sintomatologia:

“As lavagens eram simbólicas e estavam destinadas a substituir pela pureza física a pureza moral que lamentavelmente havia perdido. Atormentava-se com remorsos por uma infidelidade conjugal cuja recordação tinha decidido expulsar da consciência. Lavava também os genitais” (: 80). (Grifo acrescentado).

A associação entre moralidade e sexualidade se repete em *Estudios sobre la histeria* (1895a), de Freud e Breuer. Sobre o caso Anna O., foi feito o seguinte comentário:

“Em minha opinião, a nítida divisão entre dois estados nessa paciente só vem revelar com maior clareza aquilo que ocasionou um grande número de problemas inexplicados em muitos outros pacientes histéricos. Foi especialmente observável, em Anna O., o grau em que os produtos de seu ‘mau eu’, conforme ela própria o denominava, afetavam seu senso ético mental” (Freud, 1895a: 68-9). (Grifos acrescentados).

Assim como Anna O., Elisabeth Von R. apresentava uma aguçada sensibilidade às injunções morais. Segundo Freud:

“Essa moça sentia pelo cunhado uma ternura cuja aceitação na consciência deparara com a resistência de todo o seu ser moral. Ela conseguiu poupar-se da dolorosa

convicção de que amava o marido da irmã induzindo dores físicas em si mesma” (: 171). (Grifo acrescentado).

Ainda sobre Elisabeth, uma outra observação corrobora a importância da moralidade na sintomatologia neurótica:

“Por meio da análise, foi possível encontrar uma elucidação adequada para o mecanismo do sintoma. Ele aconteceu no momento em que o círculo de idéias que abrangia seus deveres para com o pai enfermo entrou em conflito com o conteúdo do desejo erótico que ela estava sentindo na época. Sob a pressão de intensas auto-censuras, ela se decidiu em favor do primeiro e, ao fazê-lo, provocou a dor histérica (: 178). (Grifo acrescentado).

Em resumo, os quatro textos analisados elucidam o esquema básico de compreensão das neuroses desenvolvido por Freud. Nesse, a moralidade desempenha uma função tão relevante quanto a sexualidade.

Rigorosamente, a teoria da defesa é uma proposição logicamente independente da teoria sexual. O fundamental do mecanismo defensivo é a normatização das experiências emocionais e ideacionais que adquirem relevo na dinâmica psíquica. A sexualidade é apenas uma dessas experiências. A problematização e, conseqüentemente, a participação efetiva da sexualidade na sintomatologia neurótica dependerá das prescrições ideais estabelecidas em cada cultura. Pelo fato das teorias da defesa e da sexualidade ocuparem planos lógicos distintos, foi possível a Freud fazer a seguinte ponderação sobre a contingência dos conteúdos emocionais envolvidos no conflito patológico:

“Em todos os casos por mim analisados, era a vida sexual a que havia proporcionado um afeto penoso, da mesma índole, exatamente, que o afeto transferido à representação obsessiva. No entanto, em teoria, não se exclui que, em algum caso, esse afeto nasça em outro âmbito; eu me limito a comunicar que até agora não me foi revelado uma origem diferente” (Freud, 1894: 53-4). (Grifo acrescentado).

Se havia a possibilidade do afeto incompatível com o eu nascer em outro âmbito da experiência que não o sexual, era porque a teoria da defesa podia funcionar sem o expediente da sexualidade. Nesse sentido, é possível sustentar que foi mais a teoria da defesa e menos a ênfase na sexualidade o que distinguiu Freud de Breuer, Charcot, Janet e outros. Embora sem a mesma amplitude que lhe seria atribuída por Freud, a idéia de que a sexualidade compunha a etiologia das

neuroses não era propriamente uma novidade na pesquisa psicopatológica. O próprio autor confirmou esse fato nos textos *La herencia y la etiología de las neurosis* (1896a) e *La sexualidad en la etiología de las neurosis* (1898):

- 1) "... cada uma das grandes neuroses que enumerei tem como causa imediata uma perturbação específica da economia do sistema nervoso, e que essas modificações patológicas funcionais *têm como fonte comum a vida sexual do sujeito, quer residam num distúrbio de sua vida sexual contemporânea, quer em fatos importantes de sua vida passada.* (...) Esta não é, para dizer a verdade, uma proposição nova e inaudita. Os distúrbios sexuais sempre foram admitidos entre as causas da doença nervosa, mas têm sido subordinados à hereditariedade e coordenados com os demais *agents provocateurs*; sua influência etiológica foi restringida a um número limitado de casos observados. Os médicos haviam até mesmo adotado o hábito de não investigá-los, a menos que o próprio paciente os mencionasse. O que confere um caráter distintivo a minha linha de abordagem é que elevo essas influências sexuais à categoria de causas específicas, reconheço sua atuação em todos os casos de neurose e, finalmente, traço um paralelismo regular, prova de uma relação etiológica especial, entre a natureza da influência sexual e a espécie patológica da neurose" (Freud, 1896: 149). (Grifo acrescentado).
- 2) "Pesquisas exaustivas durante os últimos anos levaram-me a reconhecer que as causas mais imediatas e, para fins práticos, mais importantes de todos os casos de doença neurótica são encontradas em fatores emergentes da vida sexual. Essa teoria não é inteiramente nova. Uma certa dose de importância tem sido concedida aos fatores sexuais na etiologia das neuroses desde tempos imemoriais e por todos os autores que trataram do assunto. Em certas áreas marginais da medicina sempre se prometeu, simultaneamente, a cura das "queixas sexuais" e da "fraqueza nervosa" (Freud, 1898: 257). (Grifo acrescentado).

Vale ressaltar que não está sendo posta em cheque a originalidade com que Freud tratou o tema da sexualidade. Apenas parece que o postulado da defesa psíquica foi uma idéia mais original ou, pelo menos, mais fundamental na montagem de seu argumento. Corrobora esta hierarquia, a afirmação de Freud em *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico* (1914a): "*a doutrina do recalque é agora o pilar fundamental sobre o qual descansa o edifício da psicanálise, sua peça mais essencial*" (Freud, 1914a: 15).

Apesar do reconhecimento momentâneo, a teoria da defesa nunca desfrutou do mesmo status atribuído por Freud às pulsões e à sexualidade. Do ponto de vista de Strachey, é uma outra “*a mais fundamental das hipóteses freudianas, sobre a qual apoia-se a própria teoria da defesa*”. Comentando o texto *Las neuropsicosis de defensa* (1894), o autor afirmou:

“... esta hipótese clínica da defesa estava, por sua vez, necessariamente baseada em pressuposições mais gerais (...). Essa pressuposição pode ser convenientemente designada (embora o nome provenha de um data um pouco posterior) como teoria do ‘investimento’ (“*Besetzung*”) (Strachey *apud* Freud, 1894: 63).

Strachey estava se referindo à visão econômica de Freud que valoriza o dado energético da dinâmica mental. A linguagem fisicalista dos fluxos de cargas e descargas, antes empregada nos estudos médicos acerca do funcionamento do sistema nervoso, fundamentou o conceito de ab-reação e o ponto de vista econômico de Freud.

“... apresentarei, em poucas palavras, a representação auxiliar da qual me servi nesta exposição das neuroses de defesa. Hei-la aqui: nas funções psíquicas cabe distinguir algo (monte de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade - ainda que não tenhamos meio algum para medi-la; algo que é suscetível de aumento, de diminuição, deslocamento e descarga, e se difunde pelos traços mnêmicos das representações como o faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos. [...] É possível utilizar esta hipótese, que ademais já está na base de nossa teoria da “ab-reação”, no mesmo sentido em que o físico emprega o suposto do fluido elétrico que corre. Provisoriamente está justificada por sua utilidade para resumir e explicar múltiplos estados psíquicos” (Freud, 1894: 61).

O argumento econômico foi, portanto, tributário da linguagem da física elétrica¹³. Para desenvolver a teoria do investimento, Freud partiu da premissa de que os processos de investimento psicológicos eram semelhantes aos neurais¹⁴. Baseou-se, em primeiro lugar, na “*validade da então recente descoberta histológica de*

¹³ Apesar dessa linguagem haver sido selecionada como a metáfora privilegiada na explicação dos fenômenos psicopatológicos, só foi examinada a fundo no texto *Proyecto de psicología* (1950). Segundo Strachey, Freud em nenhuma outra parte de sua obra deu tamanho relevo ao modelo da física elétrica.

¹⁴ Roudinesco, no entanto, entende que *investimento* é: “Um termo extraído por Sigmund Freud do vocabulário militar para designar uma mobilização da energia pulsional que tem como consequência ligar esta última a uma representação, a um grupo de representações, a um objeto ou a partes do corpo” (Roudinesco, 1998: 398).

que o sistema nervoso consistia em cadeias de neurônios”; e, em segundo, na “idéia de que a excitação dos neurônios devia ser considerada como ‘uma quantidade sujeita às leis gerais do movimento’” (: 64). Mesmo não tendo sido publicada nem aprofundada por Freud, a imagem neurológica de uma carga elétrica circulando ao longo das cadeias de neurônios foi transposta para o campo da psicologia. Freud imaginou, para tanto, a cena análoga de uma carga de afeto circulando (aumentando, diminuindo, deslocando e descarregando) ao longo das cadeias de representações.

A pretensão fisicalista de Freud foi atestada, com todas as letras, por Jones (1989a).

“Freud acreditava – de modo muito mais intenso no início, mas sempre, talvez, em algum grau – que a correlação dos processos mentais com os fisiológicos indicava uma semelhança quanto ao modo como ambos funcionavam. (...) acalentava a esperança de uma época em que, pela aplicação de conceitos físicos e fisiológicos, como os de energia, tensão, descarga, excitação, etc., a processos mentais, seria possível alcançar uma melhor compreensão de tais processos.(...) Para falar estritamente, a linguagem da fisiologia em que Freud tentava transcrever os fenômenos da psicologia era sobretudo, por sua vez, a linguagem da física que fora enxertada com dados da fisiologia. Brücke e outro da escola de Helmholtz transformaram em tarefa de suas vidas, com sucesso variável, a descrição desses dados na terminologia da química e da física e a aplicação das leis dessas ciências à fisiologia, na medida em que achavam isso possível. Houve a esperança, nascida com Herbart na década de 1820 a 1830 e depois defendida com vigor em especial por Fechner, de que a mesma extensão podia ser realizada no campo da psicologia – e em seus primeiros tempos Freud também deve ter acalentado essa esperança” (Jones, 1989a: 370).

No entanto, a teoria do investimento não pode ser considerada a plataforma conceitual na qual está apoiada a hipótese da defesa. Trata-se de um modelo teórico adequado, única e exclusivamente, à teoria da sexualidade e não ao exame do papel dos ideais. Dado que a linguagem fisicalista trabalha com as noções de carga e descarga, o único elemento da cena do conflito que se traduz nesses termos é a excitação ou o desprazer sexual. Baseado na teoria do investimento, Freud caracterizou os afetos penosos da dinâmica da neurose como se fossem apenas *sensações sexuais desprazerosas*. Em outros termos, o sofrimento seria o resultado do impacto ou do acúmulo da excitação no aparelho

psíquico. Dessa forma, as pulsões sexuais se tornam a causa-mor dos fenômenos neuróticos.

Por conseguinte, a dor moral não encontra apoio na linguagem fisicalista. Na dinâmica do conflito, descrita por Freud, uma das fontes da dor psíquica se ancorava na *susceptibilidade do sujeito ao juízo do outro*. A desaprovação do outro significativo, internalizado sob a forma de superego, era capaz de provocar sentimentos de humilhação, desonra e desamor e mobilizar, por conseguinte, o recalque. Entretanto, não é possível traduzir fenômenos intersubjetivos, como *julgar, punir, gratificar*, na linguagem fisicalista das excitações ou das cargas e descargas. O papel destinado aos ideais, com a tradução do conflito e da dor psíquica para a linguagem da física elétrica, permite que estes *confrontem, barrem, liberem, desviem, filtrem*, mas não que *julguem, punam e gratifiquem*.

Os ideais deixam, portanto, de funcionar da forma complexa como se apresentam no conflito. Tornam-se, no melhor dos casos, *barreiras de resistência* que provocam o acúmulo das excitações sexuais. A análise do conflito e da dor psíquica, por via do modelo da física elétrica, simplificou e desvitalizou a participação dos ideais, e dos fenômenos sentimentais que lhe são correlatos, na dinâmica das neuroses. O raciocínio fisicalista ressaltou as pulsões sexuais, às quais atribuiu uma função ativa no funcionamento psíquico: ser a carga que circula, aumenta, diminui, se desloca e se descarrega. Restou aos ideais o papel de *obstáculo* que se interpõe ao movimento da *excitação sexual* a caminho da descarga. Em outros termos, o modelo fisicalista inviabilizou a percepção do problema moral que habita o centro do conflito neurótico. Como foi dito, é um insumo para o desenvolvimento da teoria da sexualidade e não para o entendimento da função dos ideais.

2. O duplo tempo do desenvolvimento sexual.

Além da introdução da metáfora da física elétrica, outra significativa mudança alterou a percepção do papel desempenhado pela função normativa do eu na dinâmica das neuroses. Em *La herencia y la etiología de las neurosis* (1896a) e *Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa* (1896b), o raciocínio

etiológico sofreu modificações potencialmente capazes de restringir o papel da moralidade na teoria. A contribuição desses artigos está ligada, especificamente, ao problema da temporalidade. Freud defendeu em ambos que a vivência sexual só seria traumática se houvesse ocorrido na infância.

“O que tenho hoje para acrescentar, como resultado uniforme das análises por mim realizadas de treze casos de histeria, correspondem por um lado à natureza destes traumas sexuais, e por outro ao período da vida em que ocorrem. Para a causação da histeria não basta que em um momento qualquer da vida ocorra uma vivência que de alguma maneira roce a vida sexual e se torne patógena pelo desprendimento e supressão de um afeto penoso. Pelo contrário, é preciso que *estes traumas sexuais correspondam à infância precoce (o período da vida anterior à puberdade), e seu conteúdo tem que consistir em uma efetiva irritação dos genitais (processos semelhantes ao coito)* (Freud, 1896b: 164).

A experiência sexual precoce explicaria a predisposição do adulto a reagir de forma neurótica diante de suas vivências sexuais. Em outros termos, seria ela a causa da sensibilidade pudica das histéricas (: 167).

Freud também sustentou que o efeito traumático só se processaria quando a vivência erótica fosse recordada (reanimada), após o desenvolvimento do aparelho sexual na puberdade ou um pouco antes dela. Sobre o assunto, o autor esclareceu: “*não são as vivências mesmas que possuem efeito traumático, mas sim sua reanimação como recordação, depois que o indivíduo houver alcançado a maturidade sexual*” (: 165). Sua explicação para o fato remetia a características do desenvolvimento libidinal.

“A representação de conteúdo sexual, como se sabe, produz nos genitais uns processos de excitação semelhantes aos que provocam a vivência sexual por si mesma. Cabe supor que esta excitação somática se transpõe em excitação psíquica. Por regra geral, o efeito em questão é muito mais intenso na ocasião da vivência do que na recordação da mesma. Porém, se a vivência sexual cai na época da imaturidade sexual e a recordação dela é despertada durante a maturidade, a recordação exerce um efeito excitante incomparavelmente maior do que em seu tempo produziu a própria vivência, pois neste ínterim a puberdade acrescentou em medida incomensurável capacidade de reação no aparato sexual. (...) *Os traumas infantis produzem efeito retardado como vivências frescas, porém os produzem inconscientemente*” (Freud, 1896b:: 168).

A localização do trauma sexual na infância, no “período da imoralidade infantil” (: 170), deu margens ao entendimento de que na sua montagem não haveria qualquer participação de critérios normativos ideais. Do mesmo modo, afirmando que a significação patogênica do evento dependia necessariamente de sua recordação na época da maturidade sexual, Freud parecia crer que o que estava em jogo era apenas a intensidade da experiência erótica e não seu significado moral.

A tese dos dois tempos do desenvolvimento libidinal foi reeditada no texto *La etiología de la histeria defensiva* (1896c), com um importante acréscimo. A partir deste texto, Freud começou a pensar que o quadro histérico, assim como o obsessivo, só se desenvolveria caso a vivência sexual infantil se mantivesse inconsciente até o momento da lembrança, na fase da maturidade sexual. Nas palavras de Freud:

“... não é apenas a existência de experiências sexuais infantis, conta também a existência de uma condição psicológica. Estas cenas têm que estar presentes como recordações inconscientes; só na medida mesmo em que são inconscientes podem criar e manter os sintomas histéricos” (Freud, 1986c: 210).

Quanto ao que decide se essas experiências precoces se tornarão lembranças conscientes ou inconscientes, constituía naquele momento um problema ainda sem solução. No entanto, Freud reforçou, nesse texto, o papel da normatividade egóica secundária afirmando que “*o esforço defensivo do eu depende da formação moral e intelectual da pessoa*” (: 209). Estabelecia de modo explícito o papel da moralidade no psiquismo.

Duas cartas de Freud a Fliess, datadas de maio e dezembro de 1896, retomaram, com proveito, o problema da temporalidade do desenvolvimento libidinal. Nelas, Freud apresentou uma forma original de pensar o problema da defesa diante da sexualidade. Na primeira carta, de número 46, o caráter problemático do duplo tempo do sexual é explicado da seguinte forma:

“O despertar, numa época posterior, de uma lembrança sexual de época precedente aporta na psique um excedente sexual que produz uma inibição do pensamento e confere à lembrança e às conseqüências desta um caráter obsessivo {compulsivo} — a impossibilidade de serem inibidas” (Freud, 1950a: 270).

A idéia era que o excesso de sexualidade impediria a tradução psíquica da experiência erótica. Se não era possível *inibir*, não era possível *traduzir* e *elaborar* psiquicamente a sexualidade. Com isso, o trabalho do pensamento, que se assemelhava à função normativa do eu, ficava paralisado, e o evento se mantinha inconsciente.

O problema da dificuldade de tradução associada ao tempo duplo do sexual foi reapresentado por Freud na segunda carta, de número 52.

“A recusa da tradução é o que clinicamente se chama ‘recalcamento’. Seu motivo é sempre a produção de desprazer que seria gerada pela tradução; é como se esse desprazer provocasse uma perturbação do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução” (Freud, 1950b: 276).

A passagem é bastante ambígua. Como se pode observar, não fica claro se o recalque (a inibição da tradução) ocorre como uma medida preventiva para evitar o desprazer que a tradução do evento sexual é capaz de provocar; ou se é motivado diretamente pelo desprazer ocasionado pela experiência sexual. O fato é que o evento sexual precoce é qualificado como desprazeroso, razão para a não tradução (recalque) da experiência sexual e, por conseguinte, para a sua manutenção sob forma inconsciente. Como houve desprazer no primeiro momento, a defesa foi desencadeada e o evento se tornou inconsciente. Com isso, a retranscrição dos dados psicológicos passados e presentes, necessária ao bom funcionamento mental, estanca. Nesse contexto, a recordação da experiência sexual precoce, na época da maturação sexual, é traumatizante porque a) foi incômoda na origem; b) se manteve inconsciente; e c) o efeito desprazeroso suscitado no presente se encontra maximizado.

No entanto, esse esquema vai ser problematizado por uma passagem da mesma carta 52, na qual Freud afirmou que o evento sexual tanto pode gerar prazer quanto desprazer:

“Nem todas as experiências sexuais produzem desprazer; a maioria delas produz prazer. Assim, a maioria delas está ligada a um prazer não passível de inibição. O prazer não passível de inibição dessa espécie constitui uma compulsão. Chegamos, pois, à seguinte formulação. Quando uma experiência sexual é recordada numa fase diferente, a liberação de prazer é acompanhada por uma compulsão e a liberação de desprazer é acompanhada pelo recalque” (: 277).

Freud já havia afirmado, em *La herencia y la etiología de las neurosis* (1896a), que o evento sexual precoce provocava normalmente efeitos emocionais insignificantes:

“É concebível que uma experiência sexual precoce, sofrida por um indivíduo cujo sexo mal se diferenciou, converta-se na fonte de uma anomalia psíquica persistente como a histeria? E como se enquadraria essa suposição em nossas idéias atuais sobre o mecanismo psíquico desta neurose? É possível dar uma resposta satisfatória à primeira dessas questões. Justamente pelo sujeito ser infantil, a excitação sexual precoce produz um efeito nulo ou escasso na época; mas seu traço psíquico é preservado. Mais tarde, na puberdade, quando as reações dos órgãos sexuais se desenvolvem num nível desproporcional a seu estado infantil, esse traço psíquico inconsciente é de algum modo despertado. Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. *A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo*. O que acontece é, por assim dizer, *a ação póstuma de um trauma sexual*” (Freud, 1896a: 153). (Grifo acrescentado).

Nesse caso, era como se o evento ficasse *inconsciente* por ter sido *insignificante*. No entanto, nesse mesmo texto, Freud apresentou a associação entre experiência sexual precoce, prazer e obsessão.

“Temos descoberto no fundo da etiologia da histeria um evento sexual passivo, uma experiência sofrida com indiferença ou com um pequeno grau de aborrecimento ou de espanto. Na neurose obsessiva, trata-se, pelo contrário, de um evento que proporcionou *prazer*, de uma agressão sexual inspirada pelo desejo (no caso do menino) ou de uma participação nas relações sexuais acompanhada de gozo (no caso da menina)” (: 154).

Mas, se os mecanismos psíquicos da histeria e da obsessão são ambos defensivos, é preciso que o evento sexual tomado como *causa* seja avaliado negativamente, no momento em que ocorre ou na recordação. Isso é possível pelo fato da atribuição dos adjetivos *bom* ou *ruim* ao vivido sexual infantil ou a sua recordação depender da avaliação egóica, cujos critérios não se deixam reduzir ao princípio do prazer-desprazer. Em outros termos, a avaliação egóica engloba mas não se limita aos critérios de prazer-desprazer. A sensibilidade do eu é um efeito de sua atividade normativa.

Independente de terem sido originalmente prazerosas ou desprazerosas, o fundamental é que as experiências sexuais infantis portam algum problema pois

são difíceis de serem traduzidas e elaboradas pelo trabalho de pensamento. A dificuldade pode ocorrer por três possíveis razões: 1) pela intensidade da experiência (original ou recordada) desequilibrar a homeostase corpórea (normatividade orgânica); 2) pela qualidade da experiência entrar em conflito com as condições básicas de adaptação (normatividade primária); ou 3) pela qualidade da experiência entrar em conflito com os ideais do eu (normatividade secundária)¹⁵.

O argumento apresentado por Freud no *Proyecto de psicología* (1950c) desenvolveu alguns desses tópicos. Na seção acerca da psicopatologia, o autor expôs os elementos fundamentais do raciocínio etiológico. Primeiro, sublinhou o papel das faculdades valorativas e cognitivas do eu no processo defensivo. Afirmou que o duplo tempo do desenvolvimento libidinal possibilitava uma nova *compreensão* da lembrança sexual precoce. Em sua palavras:

“... é altamente digno de nota o fato da liberação sexual não ter se vinculado ao atentado quando esse foi cometido. Temos aqui um caso em que uma lembrança desperta um afeto que não havia despertado quando ocorreu, isto porque as mudanças [trazidas] pela puberdade tornaram possível uma compreensão diferente do que foi recordado. (...) Cada indivíduo adolescente porta traços de memória que só podem ser compreendidos com a emergência de suas próprias sensações sexuais” (Freud, 1950c: 403-04).

Pelo exposto, um dos principais traços adquiridos pelo psiquismo, da época do acidente à da lembrança, é a capacidade de *compreensão*. Isto difere claramente das afirmações de Freud em outros textos, nas quais enfatizou que a principal contribuição do tempo duplo do desenvolvimento libidinal era a *intensificação dos eventos sexuais, presentes e passados, com a chegada da puberdade* (1896a ,

¹⁵ Este terceiro caso da perturbação do pensamento pelo afeto foi uma idéia mencionada por Freud no texto *Las neuropsicosis de defensa* (1894). Descreveu na ocasião a dificuldade do trabalho normativo do eu diante de expressões sexuais aflitivas, da forma como segue:

“Esses pacientes por mim analisados gozaram de boa saúde mental até o momento em que *houve uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa* — isto é, até que seu eu se confrontou com uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um afeto tão aflitivo que o sujeito decidiu esquecê-lo, pois não confiava em sua capacidade de resolver a contradição entre a representação incompatível e seu eu por meio da atividade de pensamento” (Freud, 1894: 49). (Grifo acrescentado).

1896b, 1986c, 1896d, 1896e). O interessante da idéia de *compreensão* é o reconhecimento conferido à normatividade egóica.

Em segundo lugar, o autor apresentou um caso que mostra que o prazer da experiência sexual infantil não garante a avaliação positiva da mesma. Trata-se do caso Emma. A experiência de ser estimulada sexualmente por um pasteleiro quando criança foi, segundo Freud, a causa de seu temor adulto de ir sozinha à feira. O contato sexual com o pasteleiro foi repetido, por iniciativa de Emma, e depois abandonado. A repetição e o posterior abandono revelam o caráter significativo da vivência.

“Apesar da primeira experiência, ela voltou lá uma segunda vez; depois, parou de ir. Agora, recrimina-se por ter ido a segunda vez, como se com isso tivesse querido provocar a investida. De fato, seu estado de “consciência pesada e opressiva” remonta a essa experiência” (Freud, 1950c: 401).

A experiência foi prazerosa num primeiro momento, tanto que provocou a repetição. Mas, logo em seguida, avaliada segundo os critérios da normatividade primária, adquiriu provavelmente um tom ameaçador. Em suma, apesar do prazer, algo lhe provocou medo ou aversão. No momento da recordação, a valoração negativa do episódio do abuso e de sua conduta se tornou ainda mais pesada, pelo fato de entrar em cena a normatividade secundária.

Finalmente, nesse mesmo texto, Freud sustentou que, diante da invasão libidinal, o eu se mostrava incapaz de processar a defesa e criar meios para o escoamento ou o controle da demanda afetiva. Em outros termos, se veria impossibilitado de normatizar. Nessa situação, disse Freud, “*desaparecem a seleção, a adequação ao fim e a lógica no decurso*” da ação egóica (: 405). No entanto, ao se referiu ao eu por meio de processos cognitivos como *compreensão* e *pensamento*, Freud deixou de pensá-lo como sendo apenas uma *película* sobre a qual se choca a corrente sexual. O *eu* também passou a ser visto como uma instância ativa que processa o complicado trabalho de avaliação, julgamento e intervenção sobre

demandas afetivas *inconciliáveis*¹⁶ com as condições básicas de adaptação ao ambiente ou com os ideais éticos e estéticos.

O último texto desta primeira etapa de construção da etiologia sexual das neuroses, *La sexualidad en la etiología de las neurosis* (1898), sintetiza o que foi discutido nos artigos anteriores. Reafirma-se o papel da sexualidade e, principalmente, do duplo tempo do desenvolvimento libidinal.

Finalmente, as mudanças posteriores na teoria, como as descobertas da sexualidade infantil, da fantasia de sedução, do complexo de Édipo e da ambivalência afetiva, não modificaram o papel do eu e da moralidade no quadro geral da psicopatologia freudiana. Mantiveram-se, ao longo da obra, as duas teorias concorrentes do conflito e da dor psíquica que serão examinadas a seguir.

3. As versões moralista e sexualista-quantitativista do conflito e da dor psíquica.

Do ponto de vistas desta tese, ambas as interpretações do conflito e da dor psíquica possuem validade e são fundamentais para o entendimento da teoria psicopatológica de Freud. A primeira versão, normativa e dualista, estabelece a existência de duas vertentes de interesses que se confrontam - os sexuais e os

¹⁶ O cuidado de Strachey ao apontar, no texto *Las neuropsicosis de defensa* (1894), o erro de impressão do termo “*unverträglich*”, demonstra a importância de se observar a distinção entre as duas definições de eu.

“Nos escritos de Freud deste período, o termo é usado com muita frequência, e sempre, salvo nestes casos (em que *unverträglich* foi substituído por *unerträglich*), é ‘*unverträglich*’. Que este era o termo que Freud quis usar é confirmado pelo fato de que o traduziu para o francês como ‘*inconciliável*’. Se bem que ambas as palavras têm aproximadamente o mesmo significado, cada uma delas apresenta um quadro diferente da situação psíquica, e parece conveniente preservar essa diferença” (Strachey *apud* Freud, 1894: 53n).

É preciso preservar a diferença já que a mesma alude a dois modos de funcionamento egóico. O termo *inconciliável* coloca, em primeiro plano, a capacidade valorativo-cognitiva do eu; já o termo *insuportável*, enfatiza a sensibilidade do eu aos afetos penosos. Na verdade, abordadas separadamente, estas versões não dão conta da complexidade egóica. Ao escolher o termo *inconciliável*, Freud apenas colocou, em primeiro plano, a face normativa do eu. Isto é, é preciso que a experiência sexual se mostre *inconciliável* com o eu para depois se apresentar como algo *intolerável* ao eu.

ideais -, surgindo daí o conflito e, conseqüentemente, a dor pela frustração de um ou de ambos os interesses. Nessa versão, o conflito é ordenado de um modo tal que fica reservado à normatividade do eu um lugar de destaque, como pólo opositor da experiência sexual desviante. Os ideais entram em conflito com a sexualidade e são diretamente responsáveis pelo incômodo derivado da vivência sexual. Conflito e dor psíquica se apresentam da maneira como os definiu Costa:

“Cada vez que os processos ou desempenhos identificatórios são atravancados por contradições internas a um sistema ou por incompatibilidade entre sistemas diversos, nasce o conflito subjetivo. O sujeito não consegue realizar as exigências da norma identificatória e pode vir a sofrer psicologicamente, julgando o seu desempenho como fora do normal, abaixo do normal ou anormal” (Costa, 1989a: 22).

Apesar da clareza e relevância deste modelo, sua sobrevivência ao longo da obra de Freud foi ameaçada pela teoria sexualista-quantativista da dor. Nessa versão, de caráter fisicalista e monista, defende-se a existência de uma força em si problemática e ansiogênica - o desejo sexual – que ao adquirir intensidade provocaria mal-estar. A função dos ideais é orquestrar a reação defensiva visando controlar e expulsar da consciência a representação sexual ansiogênica. Nesses termos, os ideais entram em conflito com a sexualidade após o psiquismo ter experimentado a dor que a vivência sexual, *per si*, é capaz de provocar. A dor resultante do impacto da excitação sexual é, portanto, anterior ao conflito.

O primeiro modelo teórico valoriza a dimensão normativa do eu como elemento fundamental na constituição da dor psíquica. É do exercício da norma, da interpretação atribuída à experiência sexual com base em ideais, que surge o mal-estar vinculado à sexualidade. Nesse modelo, a razão do segundo tempo do desenvolvimento libidinal ser particularmente propício à eclosão de trauma se deve, não tanto à intensidade, mas sim ao *entendimento* agora possível do que se passou anteriormente. “Entendimento” foi o termo usado pelo próprio Freud. Significa saber sobre o *que é e qual o relevo moral* da experiência sexual vivida no passado. Nas palavras do autor:

“Em toda análise de casos de histeria baseados em traumas sexuais, verificamos que as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança, produzem mais tarde, como lembranças, uma violência traumática, ao se tornar acessível para a moça ou a esposa o entendimento da vida sexual” (Freud, 1895a: 148-49). (Grifo acrescentado).

Desse modo, a vivência sexual infantil é uma experiência traumatogênica devido à interpretação negativa da mesma feita *a posteriori*.

Já no segundo modelo de conflito e dor psíquica, o sexual traumatiza independente de interpretação. O incômodo provocado pelo sexual não depende nem do *entendimento* do púbere, no momento da recordação, nem da capacidade de valorar (pré-moral) da criança, no momento do acontecimento (normatividade primária). O trauma, segundo Freud, só surgiria *a posteriori* por depender da *intensidade* da excitação sexual atingida com a maturação do aparelho sexual; embora, nessa ocasião, a intensidade da excitação sexual atinja um psiquismo melhor preparado para assimilar excitações do que o era na infância. A idéia fundamental deste modelo é que o sexual traumatiza devido a sua *força física* e não devido a seu *significado moral*. Por conseguinte, os ideais teriam, no máximo, o papel de reagir contra a “dor” da pressão libidinal.

Como se pode ver, as questões temporais introduzidas por Freud na etiologia sexual das neuroses não exigiram a modificação do aspecto central da dinâmica psicopatológica. Esta continuava referida ao binômio sexualidade/moralidade, embora a interpretação freudiana do tempo duplo do trauma sexual, ou de sua significação *a posteriori*, nem sempre o realçasse. Apesar de Freud ter afirmado que o trauma sexual depende fundamentalmente da maturação da sexualidade, é possível imaginar que sua ocorrência também se deva a outros motivos. Em paralelo à sexualidade, a moralidade também se desenvolve na passagem da infância à adolescência. Com isso, o eu passa a dispor de critérios para avaliar o evento sexual infantil recordado (ou revivido). A reação do eu diante do evento sexual recordado, descrita por Freud na passagem abaixo, não deixa dúvidas quanto à presença e à relevância da dinâmica dos ideais.

“Assim, a *auto-acusação* (por ter praticado o ato sexual na infância) pode facilmente transformar-se em *vergonha* (de que alguém o descubra), em *angústia hipocondríaca* (medo dos danos físicos resultantes do ato que envolve a auto-acusação), em *angústia social* (medo de ser socialmente punido pelo delito), em *angústia religiosa*, em *delírios de ser observado* (medo de delatar-se pelo ato diante de outras pessoas), ou em *medo da tentação* (justificada desconfiança em relação a seus próprios poderes de resistência), e assim por diante” (Freud, 1896b: 172).

Seguindo essa linha de raciocínio, é plausível interpretar como uma ascese a descrição freudiana da trajetória típica de uma neurose obsessiva. O processo ocorreria em três fases:

“Em um primeiro período — o período da imoralidade infantil — ocorrem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Antes de tudo, na mais tenra infância, temos as experiências de sedução sexual que mais tarde tornarão possível o recalçamento, e então sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de ações reprováveis.

Põe fim a este período o ingresso — freqüentemente antecipado — na maturação sexual. Neste momento, à recordação daquelas ações prazerosas se une uma reprovação; e o nexos com a experiência inicial de passividade possibilita — muitas vezes, só após um esforço consciente e lembrado — recalcar essa reprovação e substituí-la por *sintomas defensivos primários*, como escrúpulos da consciência moral, vergonha e desconfiança de si mesmo. São esses os sintomas que dão início ao terceiro período, de aparente saúde, mas, na realidade, de defesa bem-sucedida. O período seguinte, o da doença, é caracterizado *pelo retorno das lembranças recalçadas*, vale dizer, pelo fracasso da defesa. Não se sabe ao certo se o despertar de tais lembranças ocorre com maior freqüência de modo casual e espontâneo, ou em consequência de perturbações sexuais atuais, como uma espécie de efeito colateral dessas últimas. Entretanto, as lembranças reanimadas e as auto-acusações delas decorrentes nunca ingressam inalteradas na consciência: o que se torna consciente como representações e afetos obsessivos, substituindo as lembranças patogênicas no que concerne à vida consciente, são umas *formações de compromisso* entre as representações recalçadas e as recalçadoras” (: 170).

O fundamental é perceber que no modelo de formação *a posteriori* do sintoma obsessivo o sujeito continua oscilando entre se acusar e se inocentar moralmente. Desse ponto de vista, o binômio sexualidade/moralidade se mantém como o elemento básico na estrutura conceitual da etiologia das neuroses. A tese dos dois tempos do desenvolvimento libidinal funcionou, portanto, como um curinga: de um ponto de vista, excluiu a moralidade como causa da dor e do conflito; de outro, reforçou e aperfeiçoou a função dos ideais na dinâmica psíquica.

Contudo, a questão temporal foi predominantemente associada à teoria quantitativa da dor psíquica. Nessa função, não acrescentou simplesmente um dado à teoria; fez muito mais, instaurou um contraponto à teoria moralista vigente, já ameaçada pelo modelo da física elétrica.

A teoria sexualista-quantitativista se torna problemática à medida que exige mais do que os conceitos de normatividade orgânica e egóica primária podem oferecer. Se o incômodo sexual fosse entendido como um fato derivado da relação entre “intensidade da excitação sexual” e “imaturidade psíquica”, o caso estaria perfeitamente enquadrado nos dois tipos de normatividade citados acima. No texto *Inhibición, síntoma y angustia* (1926), Freud apresentou a tese do desamparo e da dependência infantil como uma das fontes da angústia. Partia da premissa de que a frágil estrutura do psiquismo infantil não suportaria certa magnitude de estímulo, seja ele de natureza sexual ou de outra. Trata-se do *fator biológico*. Nas palavras de Freud:

“Entre os fatores que participam da causação das neuroses, que criam as condições sob as quais as forças psíquicas são lançadas umas contra as outras, há três que adquirem importância para nosso entendimento: um biológico, um filogenético e um puramente psicológico. O fator biológico é o prolongado período de tempo durante o qual o jovem da espécie humana está em condições de desamparo e dependência. Sua existência intra-uterina se apresenta abreviada em comparação com a da maior parte dos animais, sendo lançado ao mundo num estado menos acabado. Isso reforça a influência do mundo externo real, promove prematuramente a diferenciação entre o eu e o isso, eleva a significatividade dos perigos do mundo exterior e incrementa enormemente o valor do único objeto que pode proteger destes perigos e substituir a vida intrauterina perdida. Assim, o fator biológico produz as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, de que o homem não se livrará jamais” (Freud, 1926: 145).

Esta tese valorizava o *desamparo* como o elemento fundamental das teorias causais relativas à angústia infantil. No entanto, Freud foi além e recorreu a uma outra hipótese, mais especulativa, a fim de explicar a angústia. A tese, tomada de empréstimo a Ferenczi (1992, 1993), enfatizava o *fator filogenético*.

“O segundo fator, o filogenético, só foi elucidado por nós. Fomos levados a presumir sua existência por uma marcante característica do desenvolvimento libidinal. Verificamos que a vida sexual do ser humano não experimenta um desenvolvimento contínuo desde o nascimento à maturidade, como na maioria dos animais que lhe são próximos, mas, após um primeiro florescimento inicial, que chega até o quinto ano, sofre uma interrupção enérgica, depois da qual recomeça com a puberdade, retomando o desenvolvimento dos esboços infantis. Supomos que nas peripécias da espécie humana deve ter ocorrido algo importante que deixou como seqüela, na qualidade de precipitado histórico, essa interrupção do desenvolvimento sexual do

indivíduo. A significatividade patogênica deste fator se deve a que a maioria das exigências pulsionais dessa sexualidade infantil são tratadas como perigos pelo eu, que se defende delas como tais, de modo que os posteriores impulsos sexuais da puberdade, que deveriam ser sintônicos com o eu, correm o risco de sucumbir à atração dos arquétipos infantis e de segui-los até o recalque. Aqui nos defrontamos com a etiologia mais direta das neuroses. É notável que o contato inicial com as exigências da sexualidade exerça sobre o eu um efeito parecido ao que é produzido pelo prematuro contato com o mundo exterior” (: 145-46). (Grifo acrescentado).

Hierarquicamente superior à primeira, a hipótese afirma que, independente da intensidade da excitação e da fragilidade do psiquismo, a sexualidade é uma experiência ansiogênica. Acontecimentos traumáticos relativos à vida sexual humana, ocorridos na filogênese da humanidade, tornaram a vivência da sexualidade traumatogênica - causa principal da angústia tanto na infância, quanto na vida adulta. Tal característica justificaria o lugar de destaque da sexualidade na etiologia das neuroses.

Sem dúvida, esse segundo modelo de conflito e dor psíquica ajudou a obscurecer a função dos ideais na dinâmica mental. Sua entrada em cena fez com que o modelo moralista perdesse fôlego já que agora o eu e os ideais apenas *reagem*, não mais *contribuem criativamente* para o caráter problemático da sexualidade

A tese do poder traumatogênico da sexualidade teve o apoio das considerações freudianas acerca das figuras nosológicas da neurastenia e da neurose de angústia. Freud havia estabelecido como causa da neurastenia a prática da masturbação excessiva, e da neurose de angústia, o coito interrompido (1895c, 1895d, 1898). Tais quadros nosológicos baseados na perda e no acúmulo de energia sexual estavam na base das preocupações clínicas de Freud. Neles, fazia sentido atribuir ao excesso ou à ausência de excitação sexual, e *não ao significado ou ao confronto de desejos contrários*, a causa principal dos sintomas. Em tais distúrbios, a sexualidade reinava soberana.

Tratava-se, porém, de quadros derivados menos de uma dinâmica psíquica e mais de um estado fisiologicamente estressante de perda ou acúmulo de energia sexual. Tanto que Freud irá supor, em *La herencia y la etiología de las neurosis* (1896a):

“... que uma exposição completa e verdadeiramente científica desta matéria não é possível na atualidade, e que seria preciso, antes de tudo, abordar o problema

fisiológico da vida sexual sob um ponto de vista novo” (Freud, 1896a: 150). (Grifo acrescentado).

O fato é que a existência desses quadros relacionados à *força* ou à *fisiologia* da sexualidade conferiram plausibilidade à tradução do conflito e da dor psíquica segundo reza a versão fisicalista.

Além de especulativa, a versão radical da tese sexualista se vale de dois pressupostos discutíveis: 1) *a frustração das pulsões de autoconservação (fome e sede), diferente das pulsões sexuais, não produzem angústia*; 2) *as demandas egóicas se confundem com as pulsões de autoconservação*. O primeiro pressuposto dá a entender que os desejos sexuais são ansiogênicos por natureza; o segundo, que o eu não é fonte de angústia. A crítica de ambos, que será feita mais adiante, é uma condição básica para a sustentação da teoria moralista da dor e do conflito psíquico.

4. Considerações finais.

A despeito dos entraves teóricos, a discussão da função normativa do eu, na primeira fase da teoria das neuroses de defesa, se desdobra na afirmação da sensibilidade humana ao juízo alheio, à perda do reconhecimento e à agressividade e ao abandono do outro. Os casos de psicose acima analisados demonstram a presença e a importância das normatividades primária e secundária na dinâmica do conflito psíquico. Criticando a descaracterização da atuação egóica no modelo da física elétrica, assim como a participação do fator filogenético na causação da angústia, resta constatar o fundamental do raciocínio clínico freudiano: o “eu” é uma das fontes do sofrimento. O eu se defende da ameaça de perda do amor, do reconhecimento, do respeito e da proteção do outro; se esforça para responder às expectativas de performance ou ao perfil psicológico ordinário estabelecido numa cultura; se desequilibra se não lhe oferecem as condições básicas de adaptação; e perde a esperança se não consegue exercitar sua capacidade normativa a fim de encontrar novos caminhos e criar realidades. As teses do desamparo e do narcisismo são, portanto, eixos implícitos desta primeira etapa da psicopatologia freudiana.

Capítulo 2

Freud, Jung e as psicoses.

O papel da sexualidade no campo da psicopatologia foi o principal motivo teórico da controvérsia Freud/Jung, e a análise do caso Schreber, o ponto crítico do processo de discórdia. Estavam em questão os papéis das pulsões egóicas e sexuais na sintomatologia psicótica.

Desde a formulação da etiologia sexual das neuroses, Freud já defendia o papel causal da sexualidade na dinâmica das psicoses (1894, 1896b). No entanto, a idéia só foi plenamente estabelecida na análise do caso Schreber (1911a) e em *Introducción del narcisismo* (1914b). A fim de estruturar o argumento metapsicológico, Freud defendeu a interdependência e a fusão das pulsões egóicas e sexuais. Isso significava agregar o eu à dinâmica da sexualidade.

Jung, por sua vez, há muito questionava o grau de abrangência da teoria freudiana da libido e o pouco interesse de Freud nos problemas propriamente egóicos. Em carta de 19 de agosto de 1907, solicitou de Freud os seguintes esclarecimentos:

“Gostaria de pedir-lhe um esclarecimento: O senhor considera a sexualidade a mãe de todos os sentimentos? A sexualidade não é para o senhor apenas um componente da personalidade (ainda que o mais importante) e, nesse caso, o complexo sexual não seria o mais importante e o mais freqüente componente no quadro clínico da histeria? Não há sintomas histéricos que, embora co-determinados pelo complexo sexual, são condicionados predominantemente por uma sublimação ou por um complexo não sexual (profissão, emprego, etc.)? Decerto em minha pouca experiência, vi *apenas* complexos sexuais (...)” (Jung *apud* McGuire, 1976: 120).

Em 1912, ao publicar a segunda parte de *Transformações e símbolos da libido*¹⁷, Jung já não sentia dificuldades para criticar a primazia do sexual na explicação dos quadros psicopatológicos. No seu entendimento, a observação do delírio de grandeza e do estranhamento do esquizofrênico frente à realidade revelavam a existência de vicissitudes egóicas, relacionadas mas não redutíveis à sexualidade. Mais que isso, Jung acreditava ser preciso ampliar o conceito de libido, assim como Freud ampliou o de sexo, a fim de nomear as forças sexuais e egóicas presentes nos transtornos psicóticos. A essa força, Jung deu o nome de *libido genérica* ou *energia unitária*. Nas palavras do autor:

“Na esquizofrenia falta à realidade muito mais do que poderíamos atribuir à sexualidade sensu strictiori. Falta uma quantidade tão grande de ‘fonction du réel’ que necessariamente devem estar incluídos na perda outros instintos aos quais não se pode atribuir caráter sexual; ninguém há de se convencer que a realidade nada mais é que uma função sexual. Além disso, se tal fosse, a introversão da libido (sensu strictiori) já nas neuroses deveria acarretar uma perda da realidade comparável àquela da esquizofrenia. Mas isto não acontece. Como mostra o próprio FREUD, a introversão e regressão da libido sexual ou erótica na melhor das hipóteses leva à neurose, mas não à esquizofrenia. A posição reservada frente à teoria sexual que assumi no Prefácio de minha *Psychologie der Dementia praecox*, apesar de todo reconhecimento dos mecanismos psicológicos afirmados por Freud, foi ditada pela situação da teoria da libido na época, cuja conceituação não me permitia explicar distúrbios funcionais que afetam outras áreas tanto quanto a sexualidade, através de uma teoria sexualista unilateral. Ao invés da teoria sexual das *Drei Abhandlungen*, pareceu-me mais adequado um conceito energético. Ele me tornou possível identificar a expressão ‘energia psíquica’ com o termo ‘libido. Este último indica um desejo ou um impulso que não é refreado por qualquer instância moral ou outra. A libido é um appetitus em seu estado natural. Filogeneticamente são as necessidades físicas como fome, sede, sono, sexualidade, e os estados emocionais, os afetos, que constituem a natureza da libido” (Jung, 1995: 122-123). (Grifo acrescentado).

Retomou o argumento nas conferências que pronunciou na Fordham University, em 1912, frisando a necessidade de expandir a libido a fim de retrair o campo de aplicação da palavra a sexualidade. Nas palavras do autor:

¹⁷ O texto *Transformações e símbolos da libido* foi reeditado com o título *Símbolos da transformação*.

"... reuni os diversos impulsos ou forças psíquicas - todos constituídos mais ou menos *ad hoc* - sob o conceito de energia a fim de eliminar a arbitrariedade quase inevitável de uma psicologia que lida exclusivamente com a força. Portanto, já não falo de forças ou de impulsos individuais, mas de 'intensidade de valores'. Com isso não pretendo negar a importância da sexualidade na vida psíquica, conforme Freud me acusa de fazê-lo. O que pretendo é colocar limites à terminologia avassaladora do sexo que vicia toda discussão da psique humana e, também, colocar a própria sexualidade em seu lugar. (...) O bom senso dirá sempre que a sexualidade é apenas um dos instintos biológicos, apenas uma das funções psicológicas, ainda que muito abrangente e importante. Mas o que acontecerá se, por exemplo, não conseguirmos mais comer? Sem dúvida, está muito conturbada, hoje, a esfera psíquica da sexualidade; é semelhante à situação de um dente que dói e parece que toda a constituição psíquica é pura dor de dente" (Jung, 1998b: 327-8). (Grifo acrescentado).

A ampliação do campo de abrangência da sexualidade corria o risco, segundo Jung, de esgarçar o conceito. Defini-la como condição *sine qua non* para a viabilidade de todo e qualquer tópico do pensamento e da prática clínica em psicanálise, significava equiparar a sexualidade a uma construção metafísica sem qualquer valor heurístico ou pragmático. Sobre essa impressão, o autor argumentou:

"Em minha *Psychologie der Dementia praecox* usei a expressão 'energia psíquica', porque aquilo que se perde é mais do que só o interesse erótico. Se quiséssemos explicar essa perda de relacionamento, a cisão esquizofrênica entre o homem e o mundo, somente pela retração do erotismo, chegaríamos àquela inflação do conceito de sexualidade que, aliás, é característica da teoria de FREUD. Deveríamos então declarar toda a relação com o mundo como relacionamento sexual, o que acarretaria uma tal nebulosidade do conceito de sexualidade que não mais saberíamos o que a palavra 'sexualidade' significa afinal" (Jung, 1995: 122).¹⁸ (Grifo acrescentado).

¹⁸ Jung demonstrava, já naquela época, o mesmo tipo de preocupação que viria a ter um dos críticos modernos do sexualismo, Jos Van Ussel (1980). Segundo esse autor:

"Para começar, temos que estabelecer restrições ao emprego de um conceito pouco definido, como é o de *sexualidade*. [...] Não se encontra a palavra sexualidade nem na Bíblia, nem em Homero, nem em Shakespeare. Marx e Lênin a utilizam muito pouco, e, na maior parte das vezes, para por de sobreaviso contra uma excessiva atenção concedida ao sexo em geral. [...] É provável que o conceito *sexualidade* tenha aparecido no século XIX, quando se reuniram num todo os componentes sexuais de numerosos comportamentos, porque o caráter sexual é só um aspecto fragmentário do comportamento. Além disso, esse conceito resulta de uma posição hipersexualizada, pois não há a certeza de ser este aspecto o mais importante. Podemos adiantar que uma cultura que se coloca frente à sexualidade de forma intensamente negativa ou positiva cria um *conceptual frame*, que está sexualizado de

Por fim, nas conferências da Fordham University, Jung sintetizou seu argumento sobre o mecanismo da psicose, da seguinte forma:

“O ponto de vista descritivo da psicanálise considera a pluralidade dos instintos e, entre eles, o instinto sexual como fenômeno parcial; além disso, admite certos suplementos libidinosos para instintos não sexuais. O ponto de vista genético é diferente: ele vê a pluralidade dos instintos saindo de uma unidade relativa, a libido; vê porções da libido se separando continuamente da função reprodutora e associando-se, como suplementos libidinosos, a novas funções que se vão formando, onde acabam se dissolvendo. Sob esse ponto de vista podemos afirmar, sem mais, que o doente mental retira sua libido do mundo exterior e, em consequência, sofre uma perda da realidade, cujo equivalente é a intensificação da atividade da fantasia” (Jung, 1998b: 134).

Jung entendia que a mudança na conceituação da *libido* era a única forma de dar conta do feixe de motivos inerentes à relação sujeito-realidade. Negar esse ajuste à teoria significava defender que interesses alheios à sexualidade não possuíam relevância na dinâmica psíquica, e que a sexualidade era o *motivo por excelência* da dinâmica paranóica.

Além da crítica a um dos pilares da estrutura conceitual da psicanálise, Jung sustentou que o próprio Freud teria repensado o conceito de libido, em *Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente* (1911a), a fim de melhor explicar o quadro sintomático da paranóia de Schreber. Tal afirmação se tornou um dos pontos mais polêmicos do debate Freud-Jung.

“... apesar de definir a libido como sexualidade, Freud não disse que ‘tudo’ seja ‘sexual’, mas sim que reconhece a existência de forças instintivas especiais, de

uma forma mais intensa do que em outras culturas. [...] Por conseguinte, é muito possível que o conceito de "sexualidade" não passe de uma construção hipotética que, aliás, se constitui semanticamente, sem, porém, se ligar a nenhum acontecimento explícito na ordem ôntica.[...] Se analisarmos contextualmente o emprego do conceito "sexualidade" na literatura especializada, ou examinarmos quais são os assuntos tratados nas obras de sexologia e nos estudos da história da sexualidade, obtém-se, sem dúvida, uma definição máxima e mínima. Não podemos porém chegar a uma determinação precisa do núcleo e da essência do conteúdo conceitual. O uso do termo "sexualidade" é tão evidente que não nos damos mais ao trabalho, sequer, de refletir a seu respeito. [...] Se não reconhecermos isto claramente, corremos o risco de passar a utilizar inconscientemente uma metalinguagem. Caso nossa suposição esteja certa, vemo-nos obrigados a ter muito cuidado com o manejo da palavra "sexualidade". *Esta deve seu surgimento a uma*

natureza todavia não apreciada, com capacidade de receber ‘suplementos libidinais’. A imagem hipotética, base desta concepção, é o símbolo do ‘feixe de instintos’, no qual figura o instinto sexual como instinto parcial. A experiência tem demonstrado a irrupção do instinto sexual em outros setores instintivos. A teoria de Freud resultante dessa concepção, segundo a qual as forças instintivas de um sistema neurótico correspondem precisamente àqueles suplementos libidinais a outras funções instintivas (não sexuais), passou a ser a base da teoria psicanalítica das neuroses (isto é, da doutrina da escola vienense). Não obstante, pouco depois Freud teve que considerar se ao fim e ao cabo a libido não coincide com o interesse em geral. Tenho que observar que foi um caso de paranóia esquizofrênica o que o induziu a fazer esta reflexão” (Jung, 1998b: 144-45). (Grifo acrescentado).

Na passagem à qual Jung se refere, Freud afirmou desconhecer o verdadeiro mecanismo da paranóia e, portanto, o exato papel da sexualidade no mesmo. Ainda lhe faltava uma teoria confiável das pulsões. Pronunciou-se a respeito do caso da seguinte forma:

“Uma terceira reflexão que se situa no terreno dos pontos de vista aqui desenvolvidos, [acerca da dinâmica da paranóia] nos sugere perguntar se devemos considerar o desligamento geral da libido do mundo exterior como suficientemente eficaz para explicar o ‘fim do mundo’, e se em tal caso não alcançariam os investimentos egóicos, que servem para manter a relação com o mundo exterior. Deveria então fazer coincidir o que chamamos investimento libidinal (interesse proveniente de fontes eróticas) com o interesse em geral, ou considerar a possibilidade de que uma vasta perturbação na distribuição da libido possa induzir também uma perturbação correspondente nos investimentos do ego. Atualmente, estes são problemas para os quais somos incompetentes e carecemos de todo socorro. Seria diferente se pudéssemos partir de uma doutrina bem fundamentada das pulsões. Na verdade, não possuímos nada parecido” (Freud, 1911a: 68)¹⁹. (Grifo acrescentado).

posição hipersexual; se continuarmos a empregá-la, tal posição continuará existindo” (Ussel, 1980: 23-24).

¹⁹ Freud repetirá em vários momentos da obra a mesma postura crítica frente à teoria das pulsões. Nas palavras de Strachey:

“Em uma quantidade de passagens, Freud expressou sua insatisfação com o estado do conhecimento psicológico acerca das pulsões. (...) em ‘Introdução ao narcisismo’ (1914, pág. 75) havia se queixado da ‘total inexistência de uma doutrina das pulsões que de algum modo nos oriente’. Mais tarde, em ‘Mais além do princípio do prazer’ (1920), AE, 18, pág. 34, aludiu às pulsões como ‘o elemento mais importante e obscuro da investigação psicológica’, e em seu artigo para a Enciclopédia Britânica (1926), AE, 20, pág. 253, confessou que ‘a doutrina das pulsões é para a psicanálise, sem dúvida, um âmbito obscuro’” (Strachey *apud* Freud, 1915c: 109).

Como se pode ver, Freud admitia que sem uma teoria das pulsões mais confiável não era possível avaliar a força dos componentes pulsionais envolvidas na psicose. Porém, embora atento às dificuldades, conservava a etiologia sexual na explicação do sintoma do alheamento do mundo. Nesse ponto, intervinha o estilo freudiano: suas autocríticas não o impediam de seguir com a hipótese criticada caso não houvesse outra que lhe parecesse mais convincente. É o que ocorre nessa passagem:

“Não se pode excluir a possibilidade de que as perturbações libidinais exerçam efeitos de contragolpe sobre os investimentos egóicos, como tampouco o inverso, a saber, que alterações anormais no interior do eu produzam a perturbação secundária ou induzida dos processos libidinais. É provável que processos desta índole constituam o caráter diferencial das psicoses. No presente, somos incapazes de indicar o que de tudo isso importa para a paranóia. Queria destacar um só ponto de vista. Não se pode afirmar que o paranóico, ainda que no apogeu da repressão, haja retirado completamente seu interesse do mundo externo — descrição esta que é preciso adotar, por exemplo, com respeito a certas formas de psicose alucinatória (a amênia de Meynert). O paranóico percebe o mundo externo, se dá conta de suas alterações, e o efeito que lhe causa estimula-o a operações explicativas (tais como os ‘homens apressadamente improvisados’, de Schreber), e por isso considero totalmente verossímil que sua relação alterada com o mundo possa ser explicada de maneira exclusiva ou predominante pela falta de interesse libidinal” (: 69). (Grifos acrescentados).

Diante do questionamento de Freud acerca da validade de redefinir a *libido sexual* como *interesse em geral*, Jung reforçou sua tese de que nem a sexualidade poderia ser entronizada na psicose, nem muito menos separada das demais pulsões.

“Na natureza não existe esta separação artificial. Aqui só vemos um instinto vital contínuo, uma vontade de existir, que pela conservação do indivíduo busca alcançar a propagação de toda a espécie. Neste ponto esta concepção coincide com o conceito de vontade de Schopenhauer... (...) Esta consideração nos leva a um conceito de libido que se amplia para um conceito do ‘tender para’ de modo geral. Como a citação de Freud mostra, realmente sabemos muito pouco sobre a natureza dos instintos humanos e sua dinâmica psíquica para poder ousar atribuir a primazia a um único instinto. É mais prudente entender por isso, ao falarmos de libido, entender

com este termo um valor energético que pode transmitir-se a qualquer área, ao poder, à fome, ao ódio, à sexualidade, à religião, etc., sem ser necessariamente um instinto específico” (Jung, 1995: 123-24). (Grifo acrescentado).

No argumento de defesa, Freud primeiro inverteu o ônus da prova e solicitou de Jung as evidências dessa participação mais modesta da sexualidade nos laços que ligam o sujeito ao mundo.

“Outro argumento de Jung, a saber, que não é concebível que a perda da função normal do real possa ser causada somente pela retirada da libido, não é senão um decreto; *its beg the question*, toma a decisão de antemão e se furta à discussão, pois justamente deveria ser investigado se isso é possível e o modo em que o é” (Freud, 1914b: 77-8).

Quanto à afirmação de que teria repensado a definição de libido, Freud se defendeu minimizando a especulação que havia feito com relação à existência de uma possível identidade entre a “libido” e o “interesse em geral”.

“... a afirmação de Jung é, no mínimo, precipitada. Suas fundamentações são pobres. Sobretudo, apresenta meu próprio testemunho; eu havia dito que tinha precisado, em vista das dificuldades da análise de Schreber, ampliar o conceito de libido, isto é, abrir mão de seu conteúdo sexual e fazer coincidir libido com interesse psíquico em geral. Ferenczi (1913b), em uma crítica ao trabalho de Jung, expôs o que havia a ser dito para retificar essa interpretação falsa. Não me resta senão declarar-me de acordo com ele e repetir que eu não expressei semelhante renúncia à teoria da libido” (: 77). (Grifo acrescentado).

Ferenczi, no texto *Crítica de 'Metamorfoses e Símbolos da Libido'* (1992b), já havia adotado essencialmente os mesmos argumentos. Chamava a atenção para a existência de dois lados na consideração de Freud sobre a capacidade heurística da etiologia sexual no caso da paranóia, e que o caminho adotado por Freud mantinha e não reformava a teoria da libido. Em sua opinião, Jung não poderia centrar seu argumento crítico sobre a hesitação de Freud, como se a mesma possuísse o caráter de uma redefinição de percurso. Tratava-se apenas de uma passagem pontual dos seus escritos.

“... a afirmação de Jung, segundo a qual Freud teria, em seus trabalhos recentes, usado o conceito de libido num sentido diferente, mais amplo do que antes, não é confirmada, em absoluto, pela única passagem a que Jung pudesse referir-se a tal respeito. Pelo contrário! As reflexões de Freud resultam na manutenção de sua

concepção atual quanto à necessidade de uma distinção entre os interesses do ego e a libido sexual e quanto à importância patogênica da libido (tomada no sentido do sexual) em todas as psicose, inclusive na paranóia e na parafrenia. Em suma, cumpre considerar a assimilação do conceito de libido à vontade de Schopenhauer e ao conceito de energia de Robert Mayer como fruto de uma especulação pessoal de Jung” (Ferenczi, 1992: 94-5). (Grifo acrescentado).

Ferenczi ainda criticou Jung pela falta de provas e, em paralelo, apresentou as que confirmariam a tese freudiana.

“Sem prestar a menor atenção à hipótese, sublinhada por Freud, de que distúrbios da libido poderiam reagir sobre os investimentos do ego e provocar secundariamente os distúrbios da função do real que caracteriza a paranóia e a parafrenia, Jung decreta pura e simplesmente: *‘É difícil acreditar’* que a função do real normal só seja mantida por contribuições libidinais e interesse erótico, pois *‘os fatos são tais’* que, em numerosos casos, a realidade em geral é suprimida e não se encontra, por conseguinte, nenhum indício de adaptação ou de orientação psicológica nesses doentes. Por exemplo, nos catatônicos e nas vítimas de estupro, a adaptação à realidade desapareceu totalmente. Essa declaração categórica, que Jung promulga sem outras provas, simplesmente como algo axiomático, não nos pode satisfazer, tanto mais que conhecemos em outros domínios distúrbios funcionais indiretos que correspondem perfeitamente à segunda possibilidade prevista por Freud. Assim como em cães descerebrados surgem ‘sintomas periféricos’ imediatamente após a operação, ou seja, parecem igualmente perturbadas funções cujos centros nervosos permaneceram na realidade intatos, também a perturbação profunda da esfera sexual pode produzir transtornos da função do ego, mesmo que as pulsões do ego não tenham sido diretamente afetadas” (...) “estamos muito longe de conhecer as proporções do dano que pode sofrer a função do real em consequência de verdadeiros traumatismos sexuais. Vemos a que ponto o homem é capaz de se desviar da realidade na histeria e na neurose obsessiva, em virtude de traumas psíquicos de natureza erótica; conhecemos, por outro lado, estados suscitados pelo amor (indubitavelmente uma causa sexual *strictissimo sensu*) em que o indivíduo está quase tão alienado da realidade quanto aquele que sofre de demência precoce (: 95-6). (Grifos acrescentados).

Concluiu suas principais críticas a Jung apontando para um último equívoco: confundir a afirmação freudiana de que distúrbios sexuais poderiam produzir consequências indiretas sobre a função do eu, com a defesa da inexistência de outros laços, além do sexual, na relação do sujeito com a realidade.

“Ninguém achará evidente, escreve Jung, num outro ponto, que o real seja uma função sexual’. Jung contesta aí o que, até onde chega o meu conhecimento, ainda não foi sustentado por ninguém, e muito menos por Freud, que no seu artigo sobre ‘Os princípios do funcionamento psíquico’ considera haver uma relação, secundária mas das mais íntimas, entre o sentido de realidade e as pulsões do ego (e não as pulsões sexuais).” (: 96). (Grifo acrescentado).

Essas parecem ser as passagens centrais do debate em torno do caso Schreber. A fim de realçar as questões postas por Jung, é preciso inicialmente deixar claro que a sustentação de seu argumento não depende de Freud ter um dia aventado a possibilidade de redefinir “libido sexual” como “interesse em geral”. Tanto assim que Jung não escondia a preferência de Freud pela teoria da libido. Em suas palavras: “... *finalmente FREUD decide que a alteração paranóica se explica suficientemente pela retração da libido sexual*” (Jung, 1995: 121). O autor citou a hesitação de Freud como um fato a mais no conjunto dos argumentos que dirigia à etiologia sexual das psicoses. Não é este o aspecto central do debate.

Fica claro que Freud apontava a sexualidade como o *principal* fator causal dos distúrbios paranóicos, como dá a entender a passagem: “*considero totalmente verossímil que sua relação alterada com o mundo possa ser explicada de maneira exclusiva ou predominante pela falta de interesse libidinal*” (Freud, 1911a: 69). Se há exclusividade ou predominância do fator sexual, é conseqüentemente nula ou minoritária a participação do fator egóico. Como explicar, então, o estranhamento da realidade na paranóia se o sentido de realidade é uma função do eu?

Nesse ponto, há uma certa oscilação no pensamento de Freud. Para explicar a perda do sentido de realidade, Freud afirmou haver “*a possibilidade de que as perturbações libidinais exerçam efeitos de contragolpe sobre os investimentos egóicos*” (Ibid.), retirando-lhes a capacidade de manter o vínculo com o real. Isto é, o eu participaria apenas indiretamente na formação do quadro paranóico, pois sua atuação seria um efeito da perturbação libidinal. Mas, logo em seguida, considerou igualmente plausível que um distúrbio do eu pudesse estar à frente desse processo: “*Não se pode excluir (...) tampouco o inverso, a saber, que alterações anormais no interior do eu produzam a perturbação secundária ou induzida dos processos libidinais*” (Ibid.).

Conclusões: a) é possível que um distúrbio da sexualidade produza sobre o eu a perda do sentido de realidade; b) também é possível que um distúrbio diretamente relacionado ao eu prejudique o exercício do princípio de realidade e ainda provoque efeitos patogênicos sobre os investimentos libidinais. Por conseguinte, o debate em torno do sintoma da perda da “função do real”, como a nomeava Pierre Janet, não justificaria a predominância do fator sexual na etiologia. Tanto podia predominar o fator sexual quanto o egóico.

Se o debate houvesse finalizado nesse ponto, a crítica de Jung teria sido vitoriosa. Freud havia admitido que o eu poderia exercer um papel central nos distúrbios paranóicos e psicóticos em geral, e ainda afirmado ser *“provável que processos desta índole constituam o caráter diferencial das psicoses”* (Freud, 1911a: 69). A tese estaria afinada ao ponto de vista de Jung, que defendia o papel do eu mas não negava a importância da sexualidade no campo das psicoses. Como foi visto acima, os transtornos funcionais responsáveis pela psicose *“afetam outras áreas tanto quanto a sexualidade”* (Jung, 1995: 123). A importância atribuída ao eu na etiologia da psicose ajudaria a repensar o papel privilegiado desempenhado pelo conceito de sexualidade nos estudos freudianos das psicopatologias.

Ocorre que, imediatamente após a concessão, Freud redefiniu a característica central da paranóia. Argumentou que:

“Não se pode afirmar que o paranóico, ainda que no apogeu da repressão, haja retirado completamente seu interesse do mundo externo. (...) O paranóico percebe o mundo externo, se dá conta de suas alterações, e o efeito que lhe causa estimula-o a operações explicativas” (Freud, 1911a: 69).

Em lugar da perda do sentido de realidade, Freud sustentou haver uma relação *“alterada com o mundo”*, passível de *“ser explicada de maneira exclusiva ou predominante pela falta de interesse libidinal”* (Ibid.).

Esta foi sua última palavra e o ponto forte de seu argumento. Do início ao fim do caso Schreber, Freud apontou a natureza sexual ou, mais precisamente, *homossexual* da ligação do paranóico com o objeto de seu investimento. O retraimento da libido seria, em seu ponto de vista, uma defesa contra fantasias de desejos homossexuais. Sobre a natureza homossexual do vínculo paranóico, Freud assim se pronunciou:

“Diríamos que o caráter paranóico reside no fato de que para se defender de uma fantasia de desejo homossexual o paciente reage, especificamente, com um delírio de perseguição desta natureza. (...)”

Os históricos clínicos que possuímos como material de pesquisa eram tanto de homens quanto de mulheres, de diferentes raças, profissões e posição social, e vimos com surpresa quão nitidamente se podia discernir em todos eles, no centro do conflito patológico, a defesa frente ao desejo homossexual, e como todos haviam fracassado em dominar sua homossexualidade reforçada desde o inconsciente” (: 55).

Segundo Freud, o paranóico formula quatro tipos de defesa com o intuito de se defender de seu desejo homossexual. A primeira nega o desejo, “*eu o amo*”, por via da inversão do *verbo*: “eu não o *amo* - pois eu o *odeio*” (Freud, 1911a: 58). A mudança dá margem ao *delírio de perseguição* à medida que:

“O mecanismo da formação de sintoma na paranóia exige que a percepção interna, o sentimento, seja substituída por uma percepção externa. Assim, a frase ‘pois eu o odeio’ se modifica, pela projeção, nesta outra: ‘Ele me odeia (me persegue), o que justificará depois o meu ódio’” (: 59).

Do enunciado inicial “eu o amo” surge, ao final, o resultado: “ele me odeia”.

A segunda fórmula paranóica contradiz o desejo amoroso por via da inversão do gênero do objeto: “Eu não o amo – pois eu *a* amo” (ibid.). A projeção da segunda parte do enunciado produz o *delírio erótico*: “Eu não o amo – eu *a* amo – porque ELA ME AMA” (ibid.).

A terceira fórmula altera o *sujeito* do desejo e provoca o *delírio de ciúmes*. No caso masculino, a inversão é a seguinte: “Não sou *eu* quem ama o homem - *é ela quem o ama*” (Freud, 1911b: 60). Falta o mecanismo de projeção à dinâmica deste sintoma.

Finalmente, a quarta e última negação é a mais radical e provoca o *delírio de grandeza*: “*Eu não amo de modo algum, eu não amo ninguém*” (ibid.). Como a libido, segundo Freud, tem que estar posta em alguma parte, o resultado desse processo é: “*Eu não amo ninguém, eu só amo a mim mesmo*” (ibid.). Novamente, há a mudança do objeto, só que agora o *outro* é substituído pelo próprio *eu*.

“Esta variedade da contradição nos dá então como resultado o delírio de grandeza, que podemos conceber como uma sobrestimação sexual do eu e ser, assim, colocada ao lado da supervalorização do objeto amoroso, com a qual já estamos familiarizados” (Freud, 1911b: 60).

O amor negado nos delírios erótico, de grandeza, de perseguição e de ciúmes compõem a fenomenologia dos sintomas paranóicos. É revelado, por via da contradição, o nexos causal entre paranóia e homossexualidade.

Da forma como está posta, a tese freudiana esbarra nas duas principais questões elaboradas por Jung: 1) Como é possível sustentar que a reação *“alterada com o mundo”* é passível de *ser explicada de maneira exclusiva ou predominante pela falta de interesse libidinal* se é possível encontrar *“casos de dementia praecox onde desapareceram todos os cuidados de autopreservação, mas permaneceram bem vivos os interesses eróticos”* (Jung, 1998b: 130n)?; 2) por que chamar de sexual ou homossexual o investimento afetivo do paranóico no outro?

A principal cartada de Freud foi, na verdade, o conceito de narcisismo. Provando ser este de natureza sexual, a tese da paranóia estaria fundamentada; do contrário, seria preciso reconhecer o mérito da crítica de Jung. Como o exame do conceito de narcisismo é o objeto do próximo capítulo, vejamos, por enquanto, as contribuições de Ferenczi e Borch-Jacobsen (1982) ao debate.

Os argumentos apresentados por Ferenczi não ajudam na defesa do ponto de vista freudiano. Limitam-se a afirmar: 1) a existência de distúrbios funcionais indiretos; e 2) a efetiva diminuição do sentido de realidade nas neuroses. A existência de distúrbios funcionais indiretos não é prova da *exclusiva* e *predominante* causalidade libidinal das psicoses. Segundo consta na primeira posição de Freud, há relações de causalidade mútua entre o ego e a sexualidade. Em suas palavras:

“Não se pode excluir a possibilidade de que as perturbações libidinais exerçam efeitos de contragolpe sobre os investimentos egóicos, como tampouco o inverso, a saber, que alterações anormais no interior do eu produzam a perturbação secundária ou induzida dos processos libidinais” (Freud, 1911a: 69).

Portanto, a tese dos distúrbios funcionais indiretos não decide se a causa da retirada dos investimentos libidinais do mundo exterior é sexual ou egóica.

A segunda prova apresentada por Ferenczi, a analogia das neuroses com as psicoses, também fracassa em seu propósito. O fato de haver perda do sentido de realidade nos neuróticos, afetados por problemas na sexualidade, não garante que na psicose o mesmo fato seja causado pelo mesmo motivo. Na verdade, não

há propriamente um *mesmo fato*, já que o grau de distanciamento neurótico da realidade não é equivalente ao psicótico. Mas, caso seja levado em conta a existência desse denominador comum, ainda seria preciso decidir se a semelhança revela a presença central da sexualidade no distúrbio psicótico ou a do ego no distúrbio neurótico.

Em consonância com Jung, a crítica de Borch-Jacobsen à teoria freudiana da paranóia reforçou a importância dos distúrbios egóicos na psicose. Tomando o caso do delírio de grandeza, o autor criticou a sinonímia estabelecida por Freud entre *recolhimento da libido* e *auto-erotismo* - aspecto central da descrição freudiana da dinâmica paranóica nas primeiras cartas endereçadas a Jung. Segundo o autor:

“... Freud fala de um recolhimento da libido sobre o Ego, e ele pensa manifestamente na degradação das relações com o outro ('hostilidade dirigida ao objeto', misantropia, delírio de perseguição, etc.) e, sobretudo, na megalomania delirante. Mas por que qualificar essa retirada sobre si mesmo de auto-erótica? Seria esta equivalente ao retrocesso da pulsão sobre sua fonte orgânica (definição estrita de auto-erotismo)? Sem dúvida o megalômano é fascinado por seu 'Ego', em detrimento dos 'objetos' (e é por isso que ele escreve freqüentemente 'auto'- biografias: *Confissões*, *Ecce homo*, *Memórias de um enfermo nervoso*, etc.); mas é para clamar sua singularidade extraordinária, sua solidão incomparável, sua autonomia absoluta. Esse 'Ego' não é o corpo próprio do auto-erotismo, e Freud não podia desconhecer isso”²⁰ (Borch-Jacobsen, 1982: 89). (Grifo acrescentado).

Num segundo momento, Borch-Jacobsen criticou o modelo adotado por Freud para a análise do caso Schreber. Nesse, Freud associou o *recolhimento da libido* ao *narcisismo* e não ao auto-erotismo, como havia feito anteriormente. Contudo, o problema permanecia o mesmo: o lugar privilegiado reservado por Freud à libido transformava a *megalomania* do eu em *supervalorização sexual* do eu.

²⁰ “... Freud parle d'un retrait de la libido sur le Moi, il pense manifestement à la dégradation des rapports avec autrui ('hostilité envers l'objet', misanthropie, délire de persécution, etc.) et, surtout, à la mégalomanie délirante. Mais pourquoi qualifier ce repli sur soi d'*auto-érotique*? Pouvait-il sérieusement le tenir pour équivalent au rebroussement de la pulsion vers sa source organique (définition stricte de l'*auto-érotisme*)? Sans doute le mégalomane est-il fasciné par son 'Moi', au détriment des 'objets' (et c'est pourquoi il écrit si souvent des 'auto'-biographies: *Confessions*, *Ecce homo*, *Mémoires d'un névropathe*, etc.); mais c'est pour clamer sa singularité inouïe, sa

“... pode-se assimilar [o problema da megalomania delirante] a uma ‘supervalorização sexual do Eu’? O que é que isto quer dizer? Que o megalômano superestima sua potência sexual? Em suma, é seu corpo que ele superestima, ou seu Ego? É a mesma coisa? Não é sobretudo sua identidade e a possibilidade mesma de dizer ‘eu’ o que obseda o delirante (Nietzsche: ‘Eu sou Prado, eu sou o pai de Prado, [...] eu sou também Lesseps’; Artaud: ‘Eu sou meu filho, meu pai, minha mãe e eu’)? E se isto é o caso, não estaríamos perto da afirmação de si de Jung?²¹ (: 92-3).

Borch-Jacobsen acreditava que, ao invés de homossexualidade, encontrava-se por trás das rivalidades do vínculo paranóico uma relação *mimética*. Havia fascinação pela personalidade do outro, tomado como um igual, um duplo, a quem o sujeito ama narcisicamente como a si mesmo, e de quem precisa se afastar para manter íntegra sua identidade²². Apesar de extenso o comentário merece ser citado na íntegra.

“Discutamos sobretudo o seguinte ponto: essa estranha semelhança que solda o ego delirante a um duplo (e isso mesmo enquanto ele clama sua *incomparável* identidade: ‘Não me confunda com um outro’), é ela forçosamente uma semelhança sexual, uma homossexualidade? Por que postular que o Ego narcísico e seu ‘semelhante’ se parecem só com relação a seus ‘órgãos genitais’? O equívoco notado mais acima a propósito do narcisismo nos alerta sobre esse ponto. Se o Eu que se afirma na megalomania é um Eu ‘dessexualizado’, assim como foi dito, a hipótese não poderia ser formulada do mesmo modo para o objeto que obsedia seu delírio? Notemos que o Presidente Schreber tinha uma doutrina muito diferente da de Freud, visto que ele atribuía sua doença ao complô feito pelo Professor Flechsig para o impedir de se tornar ‘especialista das doenças dos nervos’ – ou seja (levando em conta a projeção), atribuía sua doença a seu próprio desejo de ocupar o posto de Flechsig. (Octave Mannoni notou claramente que há um ‘conflito de prestígio, de autoridade e de saber’

solitude incomparable, son autonomie absolue. Ce ‘Moi’ n’est pas le corps propre de l’auto-érotisme, et Freud ne pouvait pas ne pas le savoir”.

²¹ “... peut-on assimiler celle-ci à une ‘surestimation sexuelle du Moi propre’? Qu’est-ce que cela veut dire? Que le mégalomane surestime sa puissance sexuelle? En somme, est-ce son corps qu’il surestime, ou son Moi? Est-ce la même de dire ‘je’, ‘moi’, que obsède le délirant (Nietzsche: ‘Je suis Prado, je suis le père de Prado, [...] je suis aussi Lesseps’; Artaud: ‘Je suis mon fils, mon père, ma mère et moi’)? Et si tel est le cas, ne serait-on pas tout près de l’affirmation de soi de Jung?”

²² Sabe-se que Lacan foi um dos principais autores da psicanálise a tratar do problema da relação mimética e da questão do Duplo, tomando como base as teses de Hegel. No entanto, tendo em vista a especificidade do vocabulário lacaniano, a apresentação de seus argumentos exigiria um desenvolvimento à parte, o que desviaria o texto de seu foco central. Como a “relação mimética com o Duplo” não é o tema principal dessa tese, mas sim uma das ferramentas conceituais utilizados por Borch-Jacobsen para afirmar o problema egóico envolvido na paranóia, ficará para outra oportunidade o aprofundamento da matéria por meio das contribuições de Lacan, dentre outros.

entre o Presidente Schreber e o Professor Flechsig que, digamos, desencadeou o delírio). Seguindo essa hipótese (e por que não fazer? porque Schreber era louco? Freud não admirava em Schreber o teórico da loucura?) Flechsig não seria um duplo sexual mas um duplo profissional, do tipo concorrente. Hipótese delirante? Todavia, o que há de mais estranhamente semelhante do que um concorrente, do que um irmão inimigo do qual se quer ocupar o lugar, com o qual se rivaliza pelo mesmo objeto, etc.? L' *Unheimlichkeit* do Duplo está implicado no princípio de toda rivalidade, quer ela seja profissional, política ou intelectual, e nós havíamos começado a entrevistá-la a propósito da correspondência Freud-Jung. Por que não pensar então que é essa semelhança concorrencial, tanto incômoda como inevitável, que o delírio rejeita e simultaneamente agrava até a estranheza absoluta? E por que Freud é tão estranhamente cego à rivalidade odiosa que envenena a relação do delirante com seu duplo?²³ (Borch-Jacobsen, 1982: 96-7).

Segundo Borch-Jacobsen, *“Jung era bem mais sensível aos incidentes da rivalidade sobre a doença mental”*²⁴ (: 97). Em carta de 19 de agosto de 1907, Jung perguntou a Freud: *“a sexualidade”* é, de fato, *“a mãe de todos os sentimentos”*? Não haveria sintomas *“condicionados predominantemente por uma sublimação ou por um complexo não sexual (profissão, emprego, etc.)”* (Jung apud McGuire, 1976: 120). Numa carta endereçada a Freud em 1909, Jung estabeleceu o quadro fundamental do conflito, válido tanto para a obsessão quanto para a demência precoce.

²³ “Discutons plutôt le point suivant: cette étrange ressemblance qui soude le Moi délirant à un double (et ceci lors même qu’il clame son *incomparable* identité: ‘Ne me confondez pas avec un autre’), est-elle forcément une ressemblance *sexuelle*, une *homosexualité*? Pourquoi postuler que le Moi narcissique et son ‘semblable’ se ressemblent sous le seul rapport des ‘organes génitaux’? L’équivoque notée plus haut à propos du narcissisme est de nature à nous alerter sur ce point. Si le Moi qui s’affirme dans la mégalomanie est un Moi ‘déssexualisé’, ainsi qu’on l’a dit, l’hypothèse ne peut-elle pas être faite qu’il en va de même pour l’‘objet’ qui obsède son délire? On remarquera que le Président Schreber avait là-dessus une doctrine très différente de celle de Freud, puisqu’il attribuait sa ‘maladie nerveuse’ au complot ourdi par le Professeur Flechsig pour l’empêcher de devenir ‘spécialiste des maladies des nerfs’ – soit (en tenant compte de ladite ‘projection’) à son ‘propre’ désir d’occuper le poste de Flechsig. A suivre cette hypothèse (et pourquoi ne pas le faire? Parce que Schreber était fou? Freud n’admirait-il pas en Schreber le *théoricien* de la folie?), Flechsig ne serait pas un double sexuel, mais un double professionnel, du type ‘concurrent’. Hypothèse délirante? Après tout, qu’y a-t-il de plus étrangement semblable qu’un concurrent, qu’un frère ennemi dont on veut occuper la place, avec lequel on rivalise pour le même objet, etc.? L’*Unheimlichkeit* du Double est impliquée au principe de toute rivalité, qu’elle soit professionnelle, politique, intellectuelle, sexuelle, et nous avons commencé à l’entrevoir à propos de la correspondance Freud-Jung. Pourquoi ne pas penser, alors, que c’est cette ressemblance concurrentielle, aussi gênante qu’inévitable, que le délire rejette et simultanément aggrave jusqu’à l’étrangeté absolue? Et pourquoi Freud est-il si étrangement aveugle à la rivalité haineuse qui empoisonne les rapports du délirant avec son double?”.

²⁴ “... Jung, lui, était beaucoup plus sensible aux incidences de la rivalité sur la ‘maladie mentale’.

“Em relação [ao] componente sádico da libido, devo observar que o sadismo como constitucional não me agrada. Encaro-o antes como um fenômeno reativo, pois para mim a base constitucional das neuroses é o desequilíbrio entre libido e resistência (auto-afirmação). Se a libido demonstrasse de início uma atração muito forte ou uma necessidade de amor, o ódio apareceria em breve, como compensação, subtraindo da libido masoquista (que por natureza se aparenta muito mais ao masoquismo que ao sadismo) boa parte do trabalho de gratificação. Penso que esta é a base da imensa auto-afirmação que aparece mais tarde na neurose obsessiva: sempre temendo perder o próprio ego, o paciente é levado a se vingar de cada ato de amor e só com grande relutância desiste do sistema obsessivo sexualmente destrutivo (...)

Aqui temos também, a meu ver, a razão da ilimitada crença do neurótico obsessivo na veracidade das conclusões a que chega; a validade universal que lhes é conferida ignora por completo a razão e a probabilidade lógica: ele está certo, sempre certo, e assim tem de continuar. Desse apego irrestrito às próprias convicções fica-se a apenas um passo da superstição, que por sua vez não é mais que um exemplo especial de auto-hipercatexia, ou melhor, de fraqueza na adaptação (uma sempre acompanha a outra). É desse solo que brota a superstição, arma com que desde tempos imemoriais o fraco ataca e se defende” (Jung *apud* McGuire, 1976: 328-29). (Grifo acrescentado).

Em seguida, restaurando a hierarquia entre os tipos, o autor concluiu:

“É evidente que a auto-afirmação da neurose obsessiva é ultrapassada em muito pela demência precoce” (: 329).

Diante da hipótese, Freud não foi apenas um opositor. Na 26^o das *Conferencias de introducción al psicoanálisis – la teoría de la libido y el narcisismo* (1916-17b), uma de suas ponderações reforçou a hipótese junguiana. Referindo-se ao destino da libido retirada dos objetos na paranóia, Freud pôs em questão o alicerce de sua teoria do delírio de grandeza. Ponderou sobre a validade da tese que afirmava que o retraimento da libido objetal era acompanhado pelo reinvestimento libidinal do eu. Na análise do caso Schreber, o estado da hipótese era o seguinte:

“... na paranóia temos um indício clínico de que a libido subtraída do objeto é levada a um emprego particular. Recordemos que a maioria dos casos de paranóia mostram um pouco de delírio de grandeza, e que este último pode constituir por si só uma paranóia. Daí inferimos que na paranóia a libido liberada vincula-se ao eu, e é utilizada para o engrandecimento deste” (Freud, 1911a: 67).

Na conferência, Freud ressaltou o limite dessa hipótese afirmando que:

“A única tese que não é sedimento direto de nossa experiência analítica é a que sustenta que a libido segue sendo libido seja aplicada aos objetos ou ao próprio eu, e que nunca se transpõe em interesse egoísta, nem o inverso” (Freud, 1916-17b: 382).

Com a afirmação, Freud fragilizou dois pontos-chaves de seu argumento: a libido subtraída do objeto era mesmo posta no eu? E se conservava como *libido* após essa passagem? Nessa mesma conferência, o autor recapitulou os pontos principais do debate com Jung e, ao final, fez uma declaração surpreendente embora adequada a algo que já havia proposto na análise do caso Schreber.

“Não me surpreenderia se o poder de produzir efeitos patogênicos de fato constituísse uma prerrogativa das pulsões libidinais, de modo que a teoria da libido pudesse celebrar seu triunfo por toda a extensão que vai desde as mais simples neuroses atuais até a mais grave alienação psicótica do indivíduo. Afinal, sabemos que é uma faceta característica da libido lutar contra sua submissão à realidade do mundo — à Ananke. Porém, considero muito provável que as pulsões do ego sejam arrastadas secundariamente pela incitações patogênicas da libido e levadas a perturbações funcionais. E não vejo em que sentido haveria fracassada a orientação dada a nossas pesquisas, se descobríssemos que nas psicoses graves são as próprias pulsões egóicas as extraviadas de modo primário. O futuro dará a resposta, pelo menos para os senhores” (: 391). (Grifos acrescentados).

O final dessa passagem retoma o ponto de vista de Freud, apresentado na análise do caso Schreber, segundo o qual o eu poderia ser um fator primário na causação da psicose. Vale citá-lo mais uma vez:

“Não se pode excluir a possibilidade de que as perturbações libidinais exerçam efeitos de contragolpe sobre os investimentos egóicos, como tampouco o inverso, a saber, que alterações anormais no interior do eu produzam a perturbação secundária ou induzida dos processos libidinais” (Freud, 1911a: 69).

Outro recurso freudiano que auxilia essa hipótese é a distinção acerca das modalidades de desejo, proposta em *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921). Seria possível considerar presente no vínculo paranóico o que Freud nomeou como o *desejo de ser* - desejo que visa a uma identidade e não à obtenção de prazer sexual. Segundo o autor, na origem da relação da criança com os pais, coexistem “*dois laços psicologicamente diversos: com a mãe, um direto investimento sexual de objeto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo*” (Freud, 1921: 99). Trata-se do mesmo tipo de desejo que está em

questão no apaixonamento. Não é com vistas a sua realização que o sujeito supervaloriza o outro, visando nele as perfeições que não encontra em si, visando ser nele assim como o ideal que estabeleceu para si? Não é nessa relação que Freud apontou haver a perda de si à medida que o eu coloca o outro no lugar do ideal (do eu)? Sobre a idealização, como o mecanismo de tornar perfeito ou dotar o objeto de perfeição a fim de usufruir da mesma, Freud comentou:

“A tendência que falsifica o julgamento nesse respeito é a da *idealização*. Agora, porém, é mais fácil encontrarmos nosso rumo. Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto. Em muitas formas de escolha amorosa, é fato evidente que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo. (...) O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando; no caso extremo, são simplesmente intensificados e como resultado da retirada das reivindicações sexuais, permanecem em solitária supremacia. (: 106). (Grifos acrescentados).

Semelhante à relação com o Duplo, descrita por Borch-Jacobsen, o apaixonamento tem como principal problema o fato de que “*o outro, inexplicavelmente, me rouba de mim mesmo*” (Borch-Jacobsen, 1982: 115). O *desejo de ser como o outro*, originário da relação de identificação do filho com o pai, estabelece esse tipo de relação potencialmente marcada pela rivalidade. Implica, no limite, em um desejo de existir *sem o outro*, pois este, ao mesmo tempo que permite a identificação, impede a identidade.

O enredo dessa questão faz crer que no centro do problema psicopatológico se encontra uma relevante e complexa dinâmica egóica.

As idéias de Jung quanto ao papel das pulsões egóicas na dinâmica da psicose sobreviveram aos argumentos de Freud e Ferenczi. Se a posição junguiana não foi inicialmente bem recebida, gerou com o tempo reflexões importantes. Caso Freud houvesse rejeitado categoricamente a posição de Jung, não teria deflacionado a tese sexualista com a hipótese alternativa do eu como fonte potencial dos distúrbios mentais e da angústia

(1911a, 1916-17b, 1926). Mesmo não sendo a hipótese favorita de Freud, essa idéia contribuiu na construção da psicologia do ego freudiana. E com o realce do papel do ego na dinâmica psíquica, ganharam proeminência os conceitos de narcisismo e desamparo.

Capítulo 3

Narcisismo e Sexualidade

As críticas de Jung à etiologia sexual das psicoses e o fenômeno da homossexualidade levaram Freud a desenvolver o conceito de narcisismo. Definido como a concentração ou o investimento da libido no eu, e caracterizado como uma etapa normal do desenvolvimento sexual, o narcisismo seria “o complemento libidinal do egoísmo inerente à pulsão de auto-conservação (Freud, 1914b: 71). Nas psicoses, Freud acreditou ter havido uma retirada defensiva da libido homossexual investida nos objetos e um retorno maciço da mesma para o eu, onde se manteria retida. A alta concentração de libido na estrutura egóica seria o fator explicativo do delírio de grandeza, um dos principais sintomas das afecções narcísicas.

“Qual o destino da libido subtraída dos objetos na esquizofrenia? O delírio de grandeza próprio destes estados nos indica aqui o caminho. Sem dúvida, nasceu às expensas da libido de objeto. A libido subtraída do mundo exterior foi conduzida ao eu e assim surgiu uma conduta que podemos chamar narcisismo”²⁵ (Freud, 1914b: 72).
(Grifo acrescentado).

A homossexualidade e as psicoses – esquizofrenia e demência precoce – serviram, portanto, como as principais fontes empíricas dessa constatação. Assim definido, o narcisismo mantinha a mais estreita relação com a sexualidade. O valor atribuído a si no delírio de grandeza refletia a intensa sexualização do ego. Com esta hipótese, Freud atingia dois objetivos: explicava a dinâmica dos

²⁵ No entanto, apesar do propósito implícito de estabelecer por meio da idéia de narcisismo uma base teórica para o estudo das psicoses, Freud afirmou que seu objetivo era mais modesto. Em suas palavras:

“Entenda-se bem: não pretendo aqui esclarecer o problema da esquizofrenia nem me aprofundar nele, mas somente recompilar o já dito em outros lugares, a fim de justificar uma introdução do narcisismo {como conceito da teoria da libido}” (Freud, 1914b: 73).

sintomas esquizofrênicos e, ao mesmo tempo, reafirmava a primazia da sexualidade no funcionamento psíquico, posta em cheque pelos comentários de Jung.

Embora a intenção fosse ampliar a teoria da sexualidade, na prática, nada do que Freud afirmou sobre o narcisismo serviu a esse propósito. A tentativa de expandir a sexualidade para o interior do eu e construir uma psicologia do ego mais adequada (leia-se, mais sexualizada) do que a junguiana, provocou, paradoxalmente, a manutenção do dualismo pulsional e o reforço das pulsões egóicas.

Entre a crítica de Jung e a defesa de Freud, algo de novo emergiu na teoria psicanalítica da satisfação²⁶. Sem dúvida, a idéia de narcisismo, presente desde os *Tres ensayos de teoría sexual* (1905) e desenvolvido no texto *Introducción del narcisismo* (1914b), reformulou a teoria psicanalítica dos móveis da ação. A definição do homem freudiano como um ser movido pelo prazer não representava mais uma visão ampla da sensibilidade psíquica. Na definição estava ausente um termo constituinte do novo desenho freudiano de subjetividade: o desejo de reconhecimento e valorização, reivindicado pelas pulsões egóicas e, mais especificamente, pelo conceito de narcisismo. A constatação e a inclusão desse desejo na gramática da satisfação psicanalítica enriqueceu a teoria e operou uma discriminação importante entre sexualidade e narcisismo.

A particularidade do narcisismo foi, ao mesmo tempo, revelada e ocultada por Freud. Ao longo da obra de Freud, houve um progressivo ocultamento da

²⁶ Não pretendemos aprofundar a discussão sobre a noção de “satisfação” na teoria psicanalítica. Limito-me, aqui, a apontar para as sugestões de Costa e Souza sobre o tema. Embora com referências diversas, ambos acreditam ser útil distinguir dois componentes na noção de “satisfação”: a) um componente semântico, isto é, o sentido da palavra, estabelecido pelo uso e b) os diversos referentes ou suportes da palavra, isso é, o fenômeno sentido. O fenômeno sentido concerne ao que, nas diferentes teorias, é postulado como o afeto, o instinto, a pulsão, o desejo, a vontade, o prazer, o gozo, ou qualquer outro termo do mesmo tipo lógico, do qual se possa dizer que “foi satisfeito”, “foi inibido”, “foi frustrado”, “foi realizado”, “foi recalçado”; “foi negado”, “foi descarregado”, “foi controlado”, “foi representado”, “foi excluído do nível da representação”, “não se deixa representar”, “não pode ser satisfeito”, “só pode ser parcialmente satisfeito” e assim por diante. Em suma, o que é ou não passível de satisfação não é apenas uma só coisa, estado de coisas, processo ou evento, mas vários existentes irreduzíveis a um só denominador comum. Ver, COSTA, Jurandir Freire (1994). *Pragmática e Processo psicanalítico: Freud, Wittgenstein, Davidson e Rorty*, in *Redescrições da Psicanálise - Ensaios Pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, pp. 9-61; SOUSA, Ronald de (1987). *The Rationality of Emotion*. Cambridge/London: The MIT Press.

natureza não sexual da pulsão egóica. Aos poucos, as atividades egóicas foram sendo “colonizadas” pela sexualidade, de modo a se tornarem inseparáveis na semântica do narcisismo. A análise do caso Schreber (1911a) representou o início do processo de fusão pulsional. As pulsões egóicas e sexuais deixaram de ser pensadas como opositoras e passaram a ser vistas como forças articuladas entre si. Com o texto *Introducción del narcisismo* (1914b), ocorreu a fusão propriamente dita. As chamadas pulsões egóicas se transformaram em “libido egóica”, radicalizando o processo de interdependência pulsional. Os propósitos em conflito não mais representavam princípios opostos, pois giravam em torno de uma meta comum. A libido egóica rivalizava com a libido objetal com vistas apenas à *direção* do investimento ou, em última análise, do *objeto* a ser investido. Há, nesse momento, uma clara hegemonia da sexualidade.

Hegemonia, no entanto, apenas aparente. Apesar do esforço realizado por Freud, a tentativa de sexualizar as pulsões egóicas não foi feliz. Os *usos* do conceito de pulsão egóica, operantes no caso Schreber e, principalmente, no texto *Introducción del narcisismo* mostram que a fusão pulsional não ocorreu na prática. A atividade egóica em nenhum momento foi efetivamente subordinada à sexualidade. O conceito de libido narcísica, desenvolvido no texto *Introducción del narcisismo* (1914b), representa a máxima aproximação entre os conceitos de pulsão egóica e pulsão libidinal. Por essa razão, fornece o material adequado para a avaliação do grau de independência do eu perante a sexualidade.

À medida que se observam as exteriorizações somáticas e psíquicas dos fenômenos do narcisismo e da sexualidade, não há outra opção senão constatar a identidade singular dos conceitos. Os critérios de comparação foram recomendados pelo próprio Freud, na 26ª das *Conferencias de introducción al psicanálisis* (1916-17b).

“Teremos que averiguar em que medida as pulsões sexuais, em suas exteriorizações somáticas e psíquicas, se comportam diversamente das outras que lhes contrapomos, assim como a importância dessas diferenças” (Freud, 1916-17b: 375).

A análise diferencial das pulsões sexuais e egóicas se desdobra na conclusão de que sexualidade e narcisismo são dois tipos de atividades com formas de satisfação e funcionamento psicologicamente distintas.

Nessa mesma conferência, Freud historiou o surgimento do conceito de *narcisismo* da seguinte forma:

“Em épocas iniciais de nosso trabalho começamos a estender as observações psicanalíticas a essas outras afecções. Já em 1908, Karl Abraham, após um intercâmbio de idéias comigo, formulou a tese de que a principal característica da demência precoce (que se contava entre as psicoses) consiste em que *nela o investimento libidinal de objetos estava ausente*. No entanto, se colocava esta questão: o que acontecia à libido nos pacientes com demência precoce, retirada dos objetos? Abraham não hesitou em dar a resposta: ela se volta novamente para o ego e *esse retorno reflexivo é a fonte do delírio de grandeza* na demência precoce. A megalomania é, em todos os aspectos, comparável à conhecida supervalorização sexual do objeto, bem conhecida na vida amorosa [normal]. Desse modo, pela primeira vez chegamos a compreender um traço de uma doença psicótica relacionando-o com a vida amorosa normal. Posso dizer-lhes que essas primeiras concepções de Abraham se conservaram na psicanálise e se tornaram a base de nossa posição relativa às psicoses. Assim, aos poucos nos familiarizamos com a noção de que a libido, que encontramos ligada aos objetos e que é expressão de um esforço para obter satisfação por seu intermédio, também pode abandoná-los e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles. Fomos elaborando essa idéia de maneira cada vez mais conseqüente” (: 378).

A montagem deste modelo explicativo requisitava diretamente o aprendizado obtido com as neuroses de transferência. A diferença é que, nestas, a sexualidade não se voltava para o eu, ao ser impedida de investir nos objetos. Ocorria, ao invés disso, a busca de satisfações substitutivas por via do acionamento de fantasias inconscientes.

Além da psicopatologia e da homossexualidade, Freud encontrou duas outras ilustrações para o conceito de narcisismo. Suas características estariam presentes no pensamento mágico do psiquismo infantil e dos povos primitivos, como já havia tratado em *Tótem y tabú* (1913). Freud expôs esse argumento do seguinte modo:

“Nesses últimos encontramos traços que, se se apresentassem isolados, poderiam ser imputados ao delírio de grandeza: uma superestimação do poder de seus desejos e de seus atos psíquicos, a ‘onipotência dos pensamentos’, uma fé na virtude curativa das palavras e uma técnica dirigida ao mundo exterior, a ‘magia’, que aparece como uma aplicação conseqüente das premissas da mania de grandeza. Supomos uma atitude totalmente análoga, frente ao mundo exterior, nas crianças de nosso tempo,

cujo desenvolvimento nos resulta muito mais impenetrável. Formamos assim a imagem de um originário investimento libidinal do eu, cedido depois aos objetos. Porém, no fundo, este persiste e é, em relação aos investimentos de objeto, como o corpo de uma ameba para com seus pseudópodes (Freud, 1914b: 73).

Em seguida, a fim de estabelecer a identidade semântica entre os conceitos de libido *objetal* e *egóica*, utilizou o exemplo dos deslocamentos de investimento operados nas enfermidades orgânicas.

“É sabido - e nos parece um fato trivial - que a pessoa afligida por uma dor orgânica e por sensações penosas abandona o interesse por todas as coisas do mundo exterior que não se relacione a seu sofrimento. Uma observação mais precisa nos ensina que, enquanto sofre, também retira de seus objetos de amor o interesse libidinal, cessa de amar. A trivialidade deste fato não há de nos dissuadir de procurar tradução dentro da terminologia da teoria da libido. Diríamos então: o enfermo retira sobre seu eu os investimentos libidinais para tornar a enviá-los ao mundo depois de se curar. Disse Wilhelm Busch, acerca do poeta com dor de dente: ‘Na estreita cavidade de seu molar se recolhe toda sua alma’. Libido e interesse egóico têm aqui o mesmo destino e se tornam outra vez indiscerníveis” (: 79). (Grifo acrescentado).

Os exemplos das crianças e dos povos primitivos revelavam que o narcisismo era uma etapa normal do desenvolvimento psicosexual. Os comportamentos da ameba e dos doentes, por sua vez, atestavam a existência de uma mesma energia, de qualidade sexual, circulando entre o interior e o exterior. Os investimentos libidinais do *eu* e do *objeto* expressariam diferenças de *lugar* e não de *natureza*. Por se tratar de uma mesma energia de investimento, Freud afirmava que: “*quanto mais se gasta uma, tanto mais se empobrece a outra*” (: 74). O narcisismo, nesse contexto, possuía as mesmas características da sexualidade. Tratava-se, tão somente, de uma *posição* na dinâmica libidinal.

Com a montagem do conceito de narcisismo Freud respondia ao monismo e a dessexualização da libido, propostos pela hipótese da libido genérica Jung. A fim de evitar o monismo, Freud reforçou a identidade das pulsões egóicas. Opondo-se à dessexualização da libido, sublinhou a natureza sexual da energia narcísica que impulsionava a atividade egóica. Contudo, o argumento freudiano não obteve sucesso: nem contestou a crença junguiana em uma energia pulsional indiferente que investiria as ações e se especificaria conforme a natureza das

mesmas; nem muito menos evitou a antinomia entre as teses do dualismo pulsional e da natureza sexual do narcisismo.

1. A contestação freudiana do conceito de libido genérica.

Freud se colocou diante dos seguintes questionamentos acerca do conceito de libido de Jung:

“Se admitirmos a existência de um investimento de libido primário no eu, por que seguiríamos forçados a separar uma libido sexual de uma energia não sexual das pulsões egóicas? Acaso supor uma energia psíquica unitária não evitaria todas as dificuldades que traz separar energia pulsional egóica e libido egóica, libido egóica e libido de objeto?” (Freud, 1914b: 74). (Grifo acrescentado).

Em seguida, descartou a hipótese junguiana definindo-a como um problema de ordem abstrata e especulativa, sem qualquer interesse prático.

“A exortação a responder terminantemente a segunda pergunta não pode senão suscitar um mal-estar notável em todo psicanalista. O mesmo se depara com esse dilema: é desagradável abandonar a observação em troca de umas estereis disputas teóricas, porém não é lícito se subtrair de uma tentativa de clarificação. Por certo, representações como as de libido egóica, energia pulsional egóica e outras semelhantes não são apreensíveis com facilidade, nem seu conteúdo é suficientemente rico. Uma teoria especulativa das relações entre elas pretenderia obter primeiro, em qualidade de fundamento, um conceito circunscrito com nitidez. Só que, no meu entendimento, esta é precisamente a diferença entre uma teoria especulativa e uma ciência construída sobre a interpretação da *empiria*. Esta última não invejará da especulação o privilégio de uma fundamentação pura, incontrastável de um ponto de vista lógico. De bom grado, se contentará com uns pensamentos básicos que se perdem no nebuloso e apenas se deixam conceber. Espera apreendê-los com maior clareza no curso de seu desenvolvimento enquanto ciência e, se for o caso, está disposta a trocá-los por outros. É que tais idéias não são o fundamento da ciência, sobre o qual tudo descansaria. Esta função é, muito mais, da observação. Não são o cimento mas o acabamento do edifício pronto, e podem ser substituídas e afastadas sem prejuízo” (: 74-5).

Arrematou seu comentário acrescentando o seguinte:

“Também podia ser que a energia sexual, a libido - em seu fundamento último e em sua remota origem -, não fosse senão um produto da diferenciação da energia que

atua em todo o psiquismo. Porém, uma asseveração assim é irrelevante. Refere-se a coisas tão distantes dos problemas de nossa observação e de tão escasso conteúdo cognitivo que é igualmente ocioso impugná-la ou validá-la" (: 76-7).

Sua opinião sobre o conceito de Jung já havia sido exposta em *Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico* (1914a): “A libido sexual foi substituída por um conceito abstrato, sobre o qual se pode dizer com segurança que continua tão enigmático e incompreensível para os entendidos quanto para os leigos” (Freud, 1914a: 60).

Acusando Jung de se entregar à especulação, Freud abandonou mas não combateu efetivamente a hipótese do adversário. Considerava suas discordâncias irrelevantes pois construídas por meios inadequados. Embora admitisse a existência de “*dificuldades e obscuridades no tocante à sexualidade e à sua relação com a vida total do indivíduo*” (: 18), entendia que só novas observações empíricas poderiam esclarecê-las. No entanto, Freud sempre foi consciente de que observações empíricas não são feitas sobre um vazio de hipóteses. A especulação relativa a conceitos e princípios fundamentais é não só legítima como necessária, já que as conclusões finais do conhecimento científico são subdeterminadas pela empiria (Quine, 1975). No primeiro parágrafo do texto *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c), Freud se posicionou do seguinte modo sobre esta questão:

“Ouvimos com freqüência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas sobre conceitos básicos claros e bem definidos. Na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição de fenômenos que, em seguida, são agrupados, ordenados e correlacionados. E mesmo na fase de descrição é inevitável aplicar ao material certas idéias abstratas provenientes de alguma outra parte e não apenas das novas observações. Tais idéias — que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência — são ainda mais indispensáveis no tratamento posterior do material. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indeterminação; não se pode pensar em delimitar claramente seu conteúdo. Enquanto se encontram nesse estado, temos que nos por de acordo acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, possuem o caráter de convenções, embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só

depois de uma investigação mais completa do campo de fenômenos em questão, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com exatidão progressivamente maior, afinando-os para que se tornem úteis e coerentes num vasta âmbito e, além disso, isentos de contradição. Então, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. A física proporciona excelente ilustração da forma pela qual mesmo ‘conceitos básicos’, que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo” (Freud, 1915c: 113). (Grifos acrescentados).

Por sua vez, a “teoria das pulsões”, o “narcisismo originário” e a “sexualidade traumática” foram alguns dos objetos da especulação freudiana. Não houve, no entanto, caso mais exemplar de especulação do que o da descoberta da pulsão de morte, comentado por Freud em *Más allá del principio de placer* (1920).

1) “O que segue é especulação, muitas vezes de alto grau, que cada um estimará ou desdenhará de acordo com sua posição subjetiva. É, além disso, uma tentativa de explorar conseqüentemente uma idéia, pela curiosidade de saber até onde ela nos pode levar” (Freud, 1920: 24).

2) “É plenamente lícito entregar-se a uma argumentação, persegui-la até onde leve, só por curiosidade científica ou, se quiser, como um *advocatus diaboli* que nem por isso entregou sua alma ao diabo. (...) A afirmação do caráter *regressivo* das pulsões descansa também, é certo, em um material observado, a saber, os fatos da compulsão à repetição. Só que talvez eu tenha sobrestimado sua importância. Como quer que seja, só é possível levar até o final esta idéia combinando várias vezes, em sucessão, o fático com o meramente imaginado, o qual nos afasta muito da observação” (: 57-8). (Grifos acrescentados).

A indeterminação dos postulados teóricos de base e a flexibilidade necessária das definições finais são as duas teses centrais de Freud a serem extraídas dessas passagens. A primeira, torna necessária a especulação. O próprio Freud usou e recomendou abstrações do gênero em diversos momentos da obra. A segunda, franqueia a redefinição do conceito de libido. Nesse sentido, o abandono das questões postas por Jung não se justifica com a alegação da ilegitimidade dos meios utilizados pelo adversário.

Na verdade, acusar Jung de ser especulativo é uma crítica, além de ilegítima, inadequada. Os argumentos de Jung acerca das psicoses e, mais

especificamente, sua definição genérica de libido estão longe de serem tão *enigmáticos e incompreensíveis, para leigos e entendidos*, como Freud quis retratá-los. A racionalidade e a objetividade do posicionamento de Jung saltam à vista nas exposições de motivos sobre o que o levou a ampliar o conceito de libido e a desfazer, por conseguinte, a ligação exclusiva entre os termos “libido” e “sexualidade” (1995, 1998b). Uma ilustração disso é a passagem a seguir:

“Nossas considerações mostram que o termo ‘libido’, introduzido por FREUD, de modo algum está isento de conotação sexual, mas que uma definição exclusiva e unilateralmente sexual deste conceito deve ser rejeitada. (...) Já o simples fato de ser impossível que a totalidade dos fenômenos psíquicos seja derivada de *um único* instinto proíbe uma definição unilateral da libido. Eu uso esse conceito naquela aplicação geral que já a linguagem clássica lhe conferira. Em Cícero a libido está enquadrada num sentido muito amplo: (...) *‘Vontade é aquilo que se deseja com a razão. Aquilo, porém, que é contrário à razão e veementemente excitado chama-se libido ou desejo desenfreado, que se encontra em todos os tolos’*. O significado da libido aqui é desejar (...). Também SALÚSTIO diz: *‘Iracundia pars est libidinis’* (a ira é parte da libido); em outro trecho, em sentido mais brando e geral, que se aproxima de nosso uso do termo: *‘Magisque in decoris armis et militaribus equis, quam in scortis et conviviis libidinem habebant’* (Eles sentiam mais prazer com belas armas e cavalos militares do que com prostitutas e festins). Também: *‘Quod si tibi bona libido fuerit patriae’* etc. (Se tu tivesses real interesse por tua pátria). O emprego de libido é tão geral que a frase *‘libido est scire’* quer dizer apenas *‘eu quero’*, *‘me apraz’*. Na frase *‘aliquam libido urinae lacessit’*, libido tem o sentido de ânsia. Também o significado de volúpia sexual é antigo. Bem a propósito, AGOSTINHO define a libido como um *‘generale vocabulum omnis cupiditatis’* e diz: *‘Existe um impulso para a vingança, que se chama ira, um impulso para ganhar dinheiro, que se chama ganância, um impulso para triunfar de qualquer maneira, que se chama obstinação, um impulso para gabar-se que se chama jactância. Existem portanto muitos e variados impulsos, alguns dos quais também têm nomes próprios enquanto outros não (...)’*²⁷. Para ele, libido é um *appetitus* como fome e sede, e no que toca à sexualidade diz: *‘A volúpia é precedida por um desejo que se sente na carne, como que um apetite pela mesma, como fome e sede’*, etc. Com este emprego clássico e geral do conceito coincide também o contexto etimológico do termo libido (...) Podemos dizer que desde ROBERT MAYER o conceito de libido no campo da psicologia funcionalmente tem o mesmo significado que o conceito de energia no campo da física” (Jung, 1995: 116-119).

²⁷ A palavra ‘impulso’ está traduzindo o termo ‘libido’, utilizado por Agostinho no texto original.

Como se pode observar, a ampliação do conceito de libido tinha, segundo Jung, a meta de evitar o reducionismo (*a totalidade dos fenômenos psíquicos não pode derivar de uma única pulsão*), e contava com o apoio conceitual dos clássicos. O argumento é, portanto, *objetivo* no que diz respeito à meta, e *claro* no que tange às referências sobre as quais se apoia. Em resumo, não há nada que possa caracterizá-lo como especulativo.

2. A contradição entre as teses do dualismo freudiano e do narcisismo sexual.

O segundo argumento utilizado por Freud para contrariar a hipótese da libido genérica de Jung foi o dualismo pulsional. O monismo junguiano, segundo Freud, impedia o entendimento dos conflitos inerentes à neurose e à condição biológica do homem. No entanto, o raciocínio dualista fez da pulsão egóica um conceito independente da sexualidade ou, no mínimo, sem a predicação sexual explícita.

Freud ora apresentou a pulsão egóica como *libido* egóica, imprimindo-lhe uma natureza sexual; ora a conceituou como *pulsão* egóica, separando-a claramente da pulsão sexual. A primeira possibilidade é, sem dúvida, a hipótese explicitamente defendida por Freud ao longo de *Introducción del narcisismo* (1914b). A segunda aparece por meio dos exemplos utilizados por Freud para referendar o dualismo pulsional. Na mesma proporção em que reforçam o dualismo, as ilustrações enfraquecem a idéia de narcisismo sexual.

Um primeiro exemplo é a passagem em que Freud tratou da diferenciação das energias psíquicas:

“Em definitivo concluimos, à respeito da diferenciação das energias psíquicas, que no início estão juntas no estado do narcisismo e são indiscerníveis numa análise superficial, e somente com o investimento de objeto se torna possível diferenciar uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões egóicas” (Freud, 1914b: 74).
(Grifo acrescentado).

Da forma como está organizado o argumento, parece existir a *libido* e as *pulsões egóicas*, embora possa ter havido apenas uma elipse. Ao invés de ter

escrito: “energia (*libidinal*) das pulsões egóicas”, Freud escreveu “energia das pulsões egóicas”. Ora, a defesa seria plausível se Freud não tivesse, logo em seguida, mantido a diferença qualitativa entre as pulsões com o uso de argumentos retirados da clínica e da biologia. Os argumentos testemunham a diferença fundamental entre os investimentos da libido do eu e da libido dos objetos. Por ordem, o argumento clínico propõe o seguinte:

“O valor dos conceitos de libido egóica e libido de objeto provêm do fato de serem derivados do entendimento de características íntimas da neurose e da psicose. A separação da libido em uma que é própria do eu e outra que é voltada aos objetos é o prolongamento inevitável de um primeiro pressuposto que dividia as pulsões sexuais das pulsões egóicas. Pelo menos me obrigou a este último a análise das neuroses de transferência puras (histeria e neurose obsessiva), e tudo o que sei é que as tentativas de explicar estes fenômenos por outros meios fracassaram radicalmente” (: 75).

Já a biologia fornece apoio para a divisão libido objetal - libido egóica por meio do que Freud denominou de *dupla função do indivíduo*. Nas palavras do autor:

“Dada a total inexistência de uma doutrina das pulsões que de algum modo nos oriente, está permitido ou, melhor, é obrigatório adotar provisoriamente algum pressuposto e submetê-lo à prova de maneira conseqüente até que fracasse ou se corrobore. (...) a suposição de uma separação originária entre umas pulsões sexuais e outras egóicas (...) responde à distinção popular tão corrente entre fome e amor. Em segundo lugar, considerações *biológicas* intercedem em seu favor. O indivíduo leva realmente uma existência dupla, enquanto é fim para si mesmo e elo dentro de uma cadeia da qual é tributário contra sua vontade ou, pelo menos, sem que interceda nesta. Ele tem a sexualidade como um de seus propósitos, enquanto que outra consideração o mostra como mero apêndice de seu plasma germinal, a cuja disposição põe suas forças em troca de um prêmio de prazer. (...) A separação das pulsões sexuais com respeito às pulsões egóicas não faz senão refletir esta função dupla do indivíduo” (...) “Precisamente porque sempre me esforcei por manter distante da psicologia tudo o que lhe é estranho, incluído o pensamento biológico, quero confessar neste lugar de maneira expressa que a hipótese de umas pulsões sexuais e egóicas separadas, e portanto a teoria da libido, descansa minimamente em bases psicológicas, e no essencial tem apoio biológico” (: 75-6). (Grifo acrescentado)

A defesa do conceito de libido narcísica, por via do argumento clínico, esbarra na própria estrutura dualista, montada sobre a diferença dos propósitos em jogo. Se a pulsão egóica se confronta com a sexual, como poderia ser da mesma natureza que esta?

Na teoria das neuroses, ancorada sobre o dualismo pulsional, há, de um lado, as pulsões egóicas impelindo o sujeito para o trabalho de edificação e manutenção de sua integridade física e moral; e, de outro, a sexualidade, impulsionando-o à busca do prazer. Fica evidente a contraposição entre dois tipos de *objetivos*: o das sensações prazerosas e o da segurança e do reconhecido do outro. São metas que, freqüentemente, entram em conflito entre si. A afirmação de que ambas são sexuais precisaria estabelecer, antes de mais nada, qual o denominador comum dessas *sexualidades*. Tarefa, a princípio, fadada ao fracasso já que a realização inviabilizaria a própria dinâmica dualista.

É verdade que a hipótese do narcisismo foi desenvolvida para resolver exatamente essa questão. Dada a existência do narcisismo, o conflito se explicaria pela tensão entre os investimentos sexuais no eu e os investimentos sexuais nos objetos. Acontece que Freud superpôs o novo dualismo ao velho, e utilizou uma característica do modelo antigo incompatível com o atual. Isto é, reeditou a teoria da defesa e, conseqüentemente, a autonomia das pulsões egóicas. A finalidade do ego narcisicamente investido continuou a ser a defesa e a realização de ideais éticos e estéticos, transferidos do narcisismo dos pais para o dos filhos. Tratava-se, portanto, da reedição da função normativa do eu, já exposta desde os estudos iniciais sobre as psiconeuroses (1893-1898). Borch-Jacobsen (1982) interpretou a questão do seguinte modo:

“... essa *libido* do ego por mais que seja nitidamente diferenciada por Freud das *pulsões* do ego, junta-se ou se combina a esta última como ‘complemento’ e colabora, por conseguinte, com forças que ele já tinha descrito como estando *opostas à sexualidade*. É verdade que a terceira seção de *l'Einführung* é essencialmente consagrada às implicações do narcisismo na ‘psicologia do recalque’: aprende-se entre outras coisas que a formação de um ideal do Ego narcísico é a ‘condição do recalque do lado do ego’ e que esse ideal ‘requer’ a sublimação das pulsões sexuais. De modo que se o narcisismo nomeia um desejo (e não uma necessidade ou ‘interesse’: ainda uma vez, Freud fala de *libido* narcísica, e isto não é por acaso), devemos acrescentar que esse desejo não é mais de tipo erótico, pois ele contribui

de um modo ou de outro a tudo que vem inibir a sexualidade – à idealização, ao recalque, à sublimação²⁸ (Borch-Jacobsen, 1982: 74). (Grifos acrescentados).

Transformar o eu em mero agente da libido significa inviabilizar o raciocínio da teoria da defesa. Conforme argumentou Costa (1991): “a *filiação narcísica do Ideal era teoricamente incompatível com a exigência de um princípio extralibidinal necessário ao funcionamento do recalque*” (Costa, 1991: 115). Que conflito poderia existir se ambas as formas de investimento visassem ao mesmo tipo de prazer? Como guardiões da perfectibilidade, os ideais de eu narcisicamente investidos desempenham a função *recalcadora* no psiquismo, o que reafirma a autonomia do narcisismo com relação à sexualidade. Não seria cabível pensar em defesa, formação de compromisso ou em qualquer outro elemento da dinâmica do conflito freudiano se se tratasse apenas de um confronto entre rumos a serem dados à mesma libido.

Em resumo, a ação narcísica se realiza por diversas vias, entre elas o recalque ou a defesa psíquica em geral. O narcisismo, ou os ideais que lhe são correlatos, acionam a capacidade normativa do eu para aprovar ou reprovar, entre outras coisas, o exercício parcial ou absoluto da sexualidade. Se o narcisismo pode contrariar o sexual, não pode, em absoluto, ser da mesma natureza. O dualismo libido do eu versus libido de objeto foi, na verdade, como o próprio Freud constatou em *Más allá del principio de placer* (1920), um monismo libidinal disfarçado.

O uso da biologia como critério para lastrear a tese da libido egóica produz resultado semelhante. Organizar a divisão pulsional pondo o *interesse do eu no prazer sexual*, de um lado, e o *interesse do material genésico [do indivíduo] em ser reproduzido e transmitido*, de outro, não permite a descrição de um conflito

²⁸ “... cette *libido* du Moi a beau être nettement différenciée par Freud des *pulsions* du Moi, il n'en reste pas moins qu'elle s'y ajoute ou s'y combine comme un 'complément' et qu'elle collabore par conséquent avec des forces qu'il avait toujours décrites comme étant *opposées à la sexualité*. C'est si vrai que la troisième section de l'*Einführung* est essentiellement consacrée aux implications du narcissisme dans la 'psychologie du refoulement': on y apprend entre autres choses que la formation d'un idéal du Moi narcissique est la 'condition du refoulement du côté du Moi' et que cet idéal 'requiert' la sublimation des pulsions sexuelles. De sorte que si le narcissisme nomme un désir (et non pas un besoin ou un 'intérêt': encore une fois, Freud parle de *libido* narcissique, et ce n'est pas par hasard), on doit ajouter que ce désir n'est plus de type érotique, puisqu'il contribue d'une façon ou d'une autre à tout ce qui vient inhiber la sexualité – à l'idéalisation, au refoulement, à la sublimation”.

propriamente dito, pois os interesses citados não são contraditórios. Nesse caso, os interesses do eu se confundem com os da sexualidade - obter prazer - e também com os da espécie - reproduzir. À medida que os interesses egóicos de ordem sexual são satisfeitos, ocorre involuntariamente as condições para a preservação da espécie. Enfim, a *busca de prazer* e a *transmissão do material genésico* não se confundem, mas também não se confrontam. Como disse Freud, trata-se apenas da *dupla função* exercida pelo indivíduo.

Por outro lado, o fato do eu buscar prazer não prova que os interesses egóicos são, exclusivamente, sexuais, como quer a idéia de narcisismo. Apenas o que era antes definido como a meta da pulsão sexual, passou agora a ser definido como mais uma das metas do eu. Com o uso do critério biológico, parece mais plausível afirmar que Freud incluiu a sexualidade entre os interesses egóicos, do que sustentar que reduziu os últimos aos interesses da sexualidade.

Em resumo, o argumento freudiano extraído da clínica garantiu o dualismo pulsional mas, em troca, inviabilizou a tese da homogeneidade entre as pulsões sexuais e egóicas. Já o argumento extraído da biologia não facilitou o entendimento do dualismo pulsional, embora tenha enriquecido a imagem do eu. Provocou a articulação entre os interesses egóicos e sexuais sem homogeneizá-los. Isto é, o eu *também* seria constituído por desejos de prazer²⁹.

3. A singularidade da satisfação narcísica.

Em uma passagem que se tornou célebre, Freud assim definiu a vivência da realização narcísica da criança:

“A superestimação, marca inequívoca que apreciamos como estigma narcisista já no caso da eleição de objeto, governa, como todos sabem, este vínculo afetivo. Assim, prevalece uma compulsão a atribuir à criança toda classe de perfeições (para a qual um observador desapaixonado não descobriria motivo algum) e a encobrir e esquecer todos seus defeitos (o que mantém estreita relação com o desmentido da sexualidade

²⁹ Essa forma de conceituar a atividade egóica permitiu o desenvolvimento da noção de *egoísmo* (Vide capítulo 4).

infantil). (...) A criança deve ter melhor sorte que seus pais, não deve estar submetido a estas necessidades objetivas cujo império na vida teve que reconhecer. Enfermidade, morte, renúncia ao gozo, restrição da vontade própria não hão de ter vigência para a criança. As leis da natureza e da sociedade hão de cessar ante ele, e realmente deve ser de novo o centro e o núcleo da criação. His Majesty the Baby, como uma vez nos acreditamos. Deve cumprir os sonhos, os irrealizados desejos de seus pais. O menino será um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como tardia recompensa para a mãe” (Freud, 1914b: 87-8). (Grifos acrescentados).

Ter suas qualidades pessoais superestimadas e seus defeitos negados; obter melhor sorte que os pais nos desafios da vida; estar acima de necessidades como a enfermidade, a morte, a renúncia ao gozo, a restrição da vontade; acima das leis da natureza e da sociedade; estar no centro de tudo, ser o núcleo da criação; realizar os sonhos e os irrealizados desejos dos pais; enfim, ser um grande homem - um herói no lugar do pai -, ou uma grande mulher - casada com um príncipe, em recompensa à má escolha da mãe -, eis o resultado, para Freud, de um *projeto narcisista bem sucedido*. É isso o que os pais esperam de seus filhos, a fim de realizar por intermédio dos mesmos seus sonhos narcísicos. E é nesse estado narcísico, por conseguinte, que se encontra a criança no início de seu desenvolvimento, antes de se deparar com os limites da realidade.

Freud identificou o mesmo quadro na vida psíquica dos povos primitivos: sobrestimação das capacidades do indivíduo, do poder do desejo, dos atos psíquicos, dos pensamentos e das palavras – forças que o tornam apto a executar magias. Havia, portanto, um perfeito parentesco entre as expressões psíquicas das crianças (imaginadas pelos pais), dos povos primitivos e dos psicóticos. Nos dois primeiros, pensamento mágico, no segundo, delírio de grandeza. Os denominadores comuns a esses fenômenos seriam o desejo de adaptar a realidade a si próprio, o destaque de si perante a massa e a excelência da performance nas diversas áreas da vida. Em resumo, realizar-se narcisicamente significa experimentar os sentimentos de poder e de superioridade típico das majestades.

A partir dessas constatações, Freud concluiu que a expansão egóica é o resultado do investimento libidinal dirigido ao eu. Em outros termos, a libido se tornou a causa da sobrestimação egóica. No entanto, as “exteriorizações

somáticas e psíquicas” dos investimentos sexuais e dos investimentos narcísicos não são sinônimas. São distintos os tipos de satisfação, de objetos e de efeitos físico-mentais contidos nas mesmas. Por conseguinte, a relação entre as atividades narcísicas e sexuais pode ser harmônica ou conflituosa. Tais indicadores revelam a particularidade e a autonomia desses fenômenos.

4.1. Quanto aos tipos de satisfação e de objeto.

As satisfações sexuais e narcísicas são casos específicos do campo geral da satisfação psicológica. A sexual tem como modelo a fruição do ato de mamar, na infância, e o coito genital seguido de orgasmo, na vida adulta (Freud, 1905); e está articulada ao prazer resultante da estimulação de uma zona erógena do corpo. Já a fenomenologia da satisfação narcísica tem como modelo a exaltação do ego e está associada aos sentimentos de reconhecimento e poder. Segundo Bleichmar:

“Ambos os tipos de objetos permitem que se alcance um fim: no caso da pulsão, a satisfação da zona erógena; no caso do narcisismo, a exaltação do ego, e a demonstração de seus méritos” (Bleichmar, 1985: 30-31).

A diferença adquire maior visibilidade numa passagem de *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c), na qual Freud identificou o *prazer de órgão* como o objetivo da pulsão sexual:

“Com vistas a uma caracterização geral das pulsões sexuais se pode enunciar o seguinte: são numerosas, brotam de múltiplas fontes orgânicas, atuam inicialmente com independência uma das outras, e só depois se reúnem numa síntese mais ou menos acabada. A meta a que aspira cada uma delas é o ganho do prazer de órgão” (Freud, 1915c: 121). (Grifo acrescentado).

Como se pode observar, a *corporeidade* é a referência principal do prazer de órgão. Prazer de órgão significa, segundo Strachey, “o prazer adscrito a um órgão específico do corpo” (Strachey *apud* Freud, 1915c: 121). A satisfação narcísica, por sua vez, é resultante da valorização e do reconhecimento do outro. Isto é, de trocas simbólicas, intersubjetivas, mediadas pela linguagem. Não tem

como meta o *prazer de órgão*, apesar de poder vir acompanhada pelo mesmo. Segundo Bleichmar:

“... o que acontece se a satisfação já não é apenas a sensualidade de uma zona do corpo – prazer de órgão –, se o prazer deriva do significado que tem o encontro do ser global ou de uma de suas funções com um objeto, se esse gozo é da ordem do narcisismo, do reconhecimento pelo outro?” (Bleichmar, 1985: 30).

A identidade da satisfação narcísica foi discriminada, originalmente, por Lacan. Baseado em Hegel, o autor afirmou existir uma “*necessidade fundamental do sujeito que é a de se fazer reconhecer*” (Lacan, 1993: 280). E apontou a “*palavra*” como “*o meio de ser reconhecido*” (: 273). Utilizando os termos de Austin (1990), a satisfação narcísica seria um tipo de efeito performativo da linguagem. Como produto lingüístico, a satisfação narcísica não se adequa à concepção reflexológica das pulsões, conforme argumentou Bercherie (Bercherie, 1983: 338). O desejo que a acompanha, segundo Borch-Jacobsen (1982), “*é, por definição, desejo de potência: assimilação e, portanto, sujeição do outro a Sua Majestade o Eu*” (Borch-Jacobsen, 1982: 120). Trata-se de uma potencialidade egóica, autônoma e originária.

Se a base da atividade narcisista é a *valorização* do eu, sua expressão fenomênica é a auto-estima e não o auto-erotismo. Não é óbvia nem direta a associação estabelecida por Freud entre auto-estima e auto-erotismo. Como mostrou Borch-Jacobsen:

“Amar ou desejar a *si mesmo* no sentido do narcisismo não equivale, por exemplo, a amar o *corpo próprio* sob o modo auto-erótico (lhe acariciando, lhe afagando, etc.). Não vemos, de outro modo, porque Freud teria o cuidado de distinguir o narcisismo da perversão sexual isolada sob esse nome pelos sexólogos (Näcke, Ellis)”³⁰ (: 74).

Nem tampouco é plausível a ligação entre auto-estima e narcisismo, se este último for definido como um fenômeno libidinal. A relação entre narcisismo e auto-estima foi abordada por Freud em *Introducción del narcisismo* (1914b):

³⁰ “S’aimer ou se désirer *soi-même* au sens du narcissisme n’équivaut pas, par exemple, à aimer le *corps propre* sur le mode auto-érotique (en le cajolant, en le caressant, etc.). On ne voit pas, sinon, pourquoi Freud prendrait soin de distinguer le narcissisme de la perversion sexuelle isolée sous ce nom par les sexologues (Näcke, Ellis)”.

“A auto-estima se nos apresenta como expressão da ‘grandeza do ego’ (...). Tudo o que uma pessoa possui ou alcançou, todo remanescente do sentimento primitivo de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a incrementar sua auto-estima. Se introduzirmos nossa diferenciação entre as pulsões sexuais e as pulsões egóicas, devemos reconhecer que a auto-estima depende intimamente da libido narcisista.” (Freud, 1914b: 94-5). (Grifos acrescentados).

Como se vê, a auto-estima foi referida por Freud à ‘grandeza do eu’; significa *prestígio* imputado ao eu, e esse *valor* é uma qualidade irreduzível ao universo da sexualidade. A *libido narcisista* envolvida na auto-estima só pode significar *desejo apaixonado*, conforme a aceção genérica do conceito de libido proposto por Jung (1995, 1998b).

É preciso, portanto, desfazer a premissa de que a megalomania revela a sexualização do eu (Jung, 1995, 1998b; Borch-Jacobsen, 1982). O que Freud observou na vida anímica das crianças, dos povos primitivos e dos psicóticos, tomados como exemplos de experiência narcísica, tem como base o jogo da *valorização* – que pode ou não conter elementos eróticos - e não da simples *erotização* do eu. É o sentimento de onipotência e não a sensação de excitação sexual o que se encontra elevado em todos eles.

A diferença entre as formas de satisfação sexual e narcísica pode ser esclarecida pela analogia com os conceitos de *sensação* e *sentimento*, presentes na psicologia idealista do século XIX. O comentário de Costa ilustra esse ponto.

“Uma das conseqüências da diferenciação proposta é acentuar o fato de que a *satisfação sentimental* tem um sentido diverso da *satisfação das sensações*. De modo geral, aprendemos a reconhecer sensações com a ajuda de indicadores corporais localizáveis ou não em órgãos específicos. Sensações são mais ou menos fortes ou duradouras, e sua principal característica é a de ser regulada pelo trinômio dor, prazer, desprazer. O que produz dor e desprazer tende a ser violentamente repudiado e o que produz prazer, a ser buscado. Além de sensações corporalmente localizadas, como dores físicas, outras como ‘frio na barriga’, ‘coração disparado’, ‘soco no estômago’, ‘enrubescimento do rosto’, ‘palidez’, ‘sensação de desmaio, tonteira ou opressão no peito’, ‘sensação de leveza’, ‘sensação de conforto físico’ etc., são sempre referidas a imagens corporais e tratadas como estados, processos ou eventos físico-mentais que provocam dor, prazer ou desprazer. Os sentimentos, ao contrário, dispensam o referente da imagem corporal para serem reconhecidos e sua aceitação ou rejeição independem da dor, desprazer e prazer. Sentimentos como piedade, compaixão, pena, indignação, reprovação ou mesmo culpa e remorso são

reconhecíveis sem auxílio de imagens ou estímulos corpóreos e não dependem de prazer para serem desejados. Os sentimentos, pelo fato de serem ‘sentimentos de uma pessoa’, *‘fantasiada, sobretudo, como sujeito moral’*, e não ‘sensações de um corpo’, *‘fantasiado como sujeito corporal’*, podem trazer um tipo de satisfação que não segue as regras de satisfação do prazer sensorial, modelado pela imagem da satisfação sensual” (Costa, 1998: 210-11).

A distinção permite posicionar a satisfação narcísica no campo dos afetos ou representações que têm como modelo sentimentos. Articulada a elementos pessoais e sentimentais, a realização narcísica incorpora ou supera a referência à corporeidade e à sensualidade. Seu terreno é o das trocas simbólicas, do qual faz parte os sentimentos de potência e reconhecimento.

Acompanha a variedade das satisfações uma nítida diferença entre os objetos do investimento sexual e narcísico. O primeiro é um objeto parcial, uma parte do corpo, o segundo, um objeto total, uma pessoa. Nas palavras de Bleichmar:

“Se o objeto da pulsão existe até mesmo antes de uma representação do sujeito, se a zona erógena na fase que Freud denominou de auto-erotismo ainda não está coordenada na imagem de um ego unificado, e isso permitiu falar de pulsão parcial e de objeto dessa, no caso dos objetos da atividade narcisista esses são, em contrapartida, desde o começo correlativos da representação unificada, isto é, o ego. Seguindo Freud, não se pode falar de narcisismo sem um ego, sem o qual tampouco há objetos da atividade narcisista. Desde o início da vida, a zona erógena é base de prazer, mas quando o olhar do outro adquire importância e se produz um prazer adicional, o objeto já não apenas origina prazer orgânico, mas pode outorgar prazer narcisista (...) para que se veja como é uma necessidade da teoria outorgar um status teórico ao objeto da atividade narcisista, examinemos aqueles objetos que não estão diretamente ligados com uma zona erógena parcial. Pensemos no corredor de corrida de automóveis no momento em que, no transcurso de uma competição, coordena a vista, seus receptores labirínticos, cenestésicos, sua musculatura, sendo o resultado final um domínio sobre o automóvel. Onde reside o prazer? Na sensibilidade de sua pele, no aperto de seus músculos, nos olhos, ou, quem sabe, no significado que tem essa experiência e no que diz sobre seu ego, em como a situa em relação a outros egos? Com o narcisismo, a diferença do prazer de órgão, que é biológico, reflexo, assegurado pela filogenia, tudo está na ordem da significação, do que algo é para o olhar daquele que pode outorgar reconhecimento com sua admiração. E o ego, mesmo quando a analogia poderia resultar tentadora, não é uma zona erógena em

sentido estrito. A tatuagem dói para a pele, o erógeno por autonomasia, mas acaricia o narcisismo” (Bleichmar, 1985: 31-32) (Grifos acrescentados).

Bleichmar identificou o gozo narcísico como algo semelhante ao que foi chamado por Costa de *satisfação sentimental*. O desejo narcísico não se dirige a um objeto concreto, com localização corporal específica, mas sim a um estado subjetivo, ao amor do outro significativo.

“Para avaliar a importância desses objetos, privemos o pianista de seu piano, o desportista da prática do esporte, o polemista de alguém a quem se opor, a dona de casa dos objetos a ordenar e limpar, a mãe dos filhos a alimentar, o anfitrião dos amigos que atende, o professor dos alunos que ensina, o filantropo de seus necessitados, o médico dos doentes para salvar, o executivo dos mil problemas a resolver, o escritor dos artigos ou livros que produz, e ficará em todos estes casos um vazio de objeto para realizar a atividade na qual reconhecem-se eficientes e na qual seu ego aproxima-se do ideal (...) Ante a ausência dos objetos da atividade narcisista produz-se um profundo desequilíbrio no sujeito, que pode conduzir à depressão, à irritação ou manifestar-se fenomenicamente como tédio. É o que acontece, por exemplo, com o estado de ânimo que podem apresentar certos intelectuais numa reunião em que só se dance, se coma ou beba, já que não encontram o objeto que facilita a colocação em atividade de seu modo básico e prevalecente de prazer narcisista” (Bleichmar, 1985: 31-33). (Grifos acrescentados).

4.2. Quanto aos efeitos físico-mentais.

Além de suas qualidades e objetos distintos, as satisfações narcísicas e sexuais provocam efeitos psicológicos específicos. Freud identificou, entre outros traços, o sono e o rubor facial como constituintes da fenomenologia da satisfação sexual infantil (Freud, 1905). Observou ainda que a satisfação sexual é um dos melhores soníferos, a tal ponto que atribuía a insônia neurótica a problemas nessa área. Em suas palavras:

“Já se apresenta aqui o que terá vigência toda a vida: a satisfação sexual é o melhor sonífero. A maioria dos casos de insônia neurótica remete à uma insatisfação sexual” (Freud, 1905: 163).

Rubor facial e sono estão, portanto, entre as exteriorizações somáticas e psíquicas da satisfação sexual. Na satisfação narcísica, por sua vez, é possível constatar a presença de rubor facial mas não de sono. O que é típico de quem se sente narcisicamente realizado é o estado de alerta. Na linguagem ordinária, se usa a expressão “não durmo hoje” para indicar o impacto de ter sido gratificado narcisicamente, seja por algum comentário ou pela realização de uma meta considerada ideal. Em outros termos, o bem-estar narcísico é acompanhado de excitação mental; já o sexual, de relaxamento.

O estado de excitação mental decorrente do investimento narcísico está presente no apaixonamento. Segundo Freud, o apaixonamento é um investimento narcísico, que visa capturar as perfeições do amado por meio de sua colocação na posição de ideal do eu. Em suas palavras:

“... [no apaixonamento] discernimos que o objeto é tratado como o próprio eu, e portanto afluí ao objeto uma medida maior de libido narcisista. E ainda, em muitas formas de eleição amorosa, salta à vista que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio eu. Ama-se em virtude das perfeições que se aspira para o eu e que agora se deseja adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer seu narcisismo” (Freud, 1921: 106).

Segundo Freud, *“A situação pode se resumir cabalmente em uma fórmula: o objeto foi posto no lugar do ideal do eu”* (: 107).

Nesse contexto, a idealização do objeto amado não é necessariamente sexual pois não se dirige exclusivamente a suas capacidades ou dotes sexuais, mas sim a qualquer um de seus méritos (reais ou supostos). O fundamental da idealização é o objeto ser superestimado pelas perfeições que apresenta, aos olhos do idealizador. Na verdade, no auge da paixão, as demandas sexuais ocupam o segundo plano. Sobre esse fato, Freud afirmou o seguinte:

“Em uma série de casos, o apaixonamento nada mais é que um investimento de objeto por parte das pulsões sexuais com vistas a uma satisfação sexual direta, investimento que se extingue após satisfeito; é o que se chama de amor sensual comum. Mas, como sabemos, raramente a situação libidinal é tão simples” (Freud, 1921: 105).

“Se a supervalorização sexual e o estar amando aumentam ainda mais (...) os impulsos cuja inclinação se dirige para a satisfação diretamente sexual podem agora ser empurrados inteiramente para o segundo plano, como por exemplo acontece

regularmente com a paixão sentimental de um jovem; o ego se torna cada vez mais despretenso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o amor próprio do ego, cujo auto-sacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando; no caso extremo, são simplesmente intensificados e como resultado da retirada das reivindicações sexuais, permanecem em solitária supremacia” (: 106-07).

Se a dinâmica amorosa ensina que a satisfação narcísica corresponde à realização de metas ideais e pode ser confundida com a tendência ao aperfeiçoamento, há que distinguir narcisismo de sexualidade segundo o objetivo funcional que cada um desses móveis desempenha na dinâmica mental. A seguinte tipologia parece pertinente: o impulso sexual desempenharia um papel *restaurador e homeostático*; sua função seria conduzir o sujeito de volta a um estado de equilíbrio já vivido. O impulso narcísico, por sua vez, teria uma dimensão *criativa e edificante*; visaria a um estado físico-mental nunca atingido. Desse modo, a sexualidade se enquadra perfeitamente na definição de pulsão fornecida por Freud:

“A *pulsão seria, então, um impulso, inerente à vida orgânica, de restaurar um estado anterior de coisas*, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, é uma espécie de elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. Essa maneira de conceber a pulsão nos soa estranha porque nos acostumamos a ver nelas um fator impulsionador no sentido da mudança e do desenvolvimento, ao passo que agora nos pedem para reconhecer neles o exato oposto, isto é, uma expressão da natureza *conservadora* do ser vivo” (Freud, 1920: 36).

Incitar o sujeito a se tornar algo que ele nunca foi antes ou a se tornar melhor do que era antes não pode ser o resultado das pulsões sexuais pois, como disse Freud:

“Contraria a natureza conservadora das pulsões a meta da vida ser um estado nunca alcançado antes. Há de ser muito mais um estado antigo, inicial, que o vivo abandonou uma vez e ao qual aspira a regressar por todos os rodeios da evolução” (: 38).

Em resumo, a sexualidade é um móvel que *procura restaurar um estado anterior de coisas*; e o narcisismo, um móvel que *procura aproximar o sujeito de seu ideal*.

A hipótese do narcisismo levou Freud a caracterizar a relação do sujeito com suas metas ideais como uma das forças regentes do psiquismo. Dado que os ideais apontam para a *perfeição* (moral, estética, intelectual etc.), instala-se na dinâmica freudiana da subjetividade o *perfeccionismo*, ao lado do *hedonismo sexual*. Recorrendo ao campo conceitual do narcisismo, mais especificamente à teoria da identificações, é possível verificar que um dos principais móveis da ação humana é a tendência ao *aperfeiçoamento*³¹.

Inserir no conjunto dos móveis da ação pensados por Freud, a *busca de perfeição*, ao lado da *busca de prazer*, é algo controverso. O autor, em *Más allá del principio de placer* (1920), posicionou-se de forma crítica sobre a existência de uma “tendência ao aperfeiçoamento”.

“Pode ser difícil, para muitos de nós, abandonar a crença de que no ser humano habita uma pulsão para o aperfeiçoamento, que o levou a seu atual nível de realização intelectual e sublimação ética, e do qual se pode esperar que zele pelo seu desenvolvimento em super-homem. Não tenho fé, contudo, em uma pulsão interior desta índole e não vejo nenhum caminho que permitiria preservar esta consoladora ilusão. A evolução atual dos seres humanos não exige, segundo me parece, uma explicação diferente da dos animais. E o infatigável esforço que se observa em uma minoria de indivíduos humanos no sentido de maior aperfeiçoamento pode ser compreendido sem violência como resultado da repressão das pulsões, sobre a qual se edifica o que há de mais valioso na civilização humana. A pulsão recalçada nunca cessa de aspirar a sua satisfação plena, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação. Formações reativas e substitutivas, bem como sublimações, não bastarão para remover a tensão persistente da pulsão recalçada, e a diferença entre o prazer da satisfação alcançado e o pretendido engendra o fator impulsionador (pulsionante), que não admite se aferrar a nenhuma das situações estabelecidas, mas que, nas palavras do poeta, ‘estimula, indomado, sempre

³¹ Vale salientar, antes de mais nada, que o que está sendo chamado de *tendência ao aperfeiçoamento* não é uma força que propicia o progresso humano em sentido absoluto. A *tendência ao aperfeiçoamento* deve ser entendida apenas como a aspiração a cumprir uma meta tão bem quanto fizeram outros que foram tomados como modelos, ou tão bem quanto estes desejaram e não foram capazes de realizar. Assim, a aspiração perfeccionista de *se tornar melhor do que era antes* coincide com o desejo de aproximar-se do perfil psicológico ordinário ou da performance ideal proposta por uma cultura.

adiante'. O caminho para trás que conduz à satisfação plena acha-se, via de regra, obstruído pelas resistências que mantêm os recalques, de maneira que não há alternativa senão avançar na direção em que o crescimento ainda se acha livre, embora sem perspectiva de levar o processo a uma conclusão ou de ser capaz de atingir o objetivo. (...) Na verdade, as condições dinâmicas para o seu desenvolvimento estão universalmente presentes, mas apenas em raros casos a situação econômica parece favorecer a produção do fenômeno" (Freud, 1920: 41-2).

A busca pelo aperfeiçoamento, tomada nesse texto em sentido absoluto, seria um evento raro e indireto, uma espécie de compensação pelo déficit de prazer gerado com o recalque das pulsões. Não existiria, de modo algum, uma pulsão *perfeccionista*. Pelo contrário, a busca pela perfeição seria exatamente um dos resultados, e dos mais raros, do bloqueio da ação pulsional. Não se tratava, tampouco, de sublimação - conceito à primeira vista adequado para representar a tendência ao aperfeiçoamento humano. O *fator impulsional* foi caracterizado por Freud como um movimento em busca do prazer que as vias diretas ou indiretas, dentre as quais se inclui a sublimação, não foram capazes de alcançar. E apesar de ser posto como móvel da tendência ao aperfeiçoamento, o destino do *fator impulsional* é o prazer e não a conquista da perfeição. Freud enriqueceu essa tese com o conceito de Eros. Sua função aglutinadora participaria da busca humana pelo aperfeiçoamento. Nas palavras do autor:

"Acrescentarei apenas uma palavra para sugerir que os esforços de Eros para combinar substâncias orgânicas em unidades cada vez maiores provavelmente fornecem um sucedâneo para essa 'pulsão para a perfeição', cuja existência não podemos admitir. Os fenômenos que lhe são atribuídos parecem passíveis de explicação por esses esforços de Eros, tomados em conjunto com os resultados do recalque" (Freud, 1920: 42).

Apesar do posicionamento crítico, o que se constata é que a tese de Freud em *Más allá del principio de placer* subaproveitou um dos conceitos mais adequados para se pensar o aperfeiçoamento em psicanálise: o ideal do eu ou o superego. Na 31^a das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: la descomposición de la personalidad psíquica* (1933b), Freud resgatou esse conceito e afirmou sobre a "exigência por perfeição" o que segue:

"Mencionaremos todavia uma importante função que atribuímos a esse superego. É também o portador do ideal do eu com o qual o eu se mede, ao qual o eu aspira a alcançar e cuja exigência por uma perfeição cada vez maior se esforça por cumprir.

Não há dúvida de que esse ideal do ego é o precipitado da antiga imagem dos pais, a expressão de admiração pela perfeição que a criança então lhes atribuía” (Freud, 1933b: 60) (Grifos acrescentados).

Mais adiante, Freud complementou o argumento:

“O superego é para nós o representante de todas as restrições morais, o advogado de um esforço tendente à perfeição — é, em resumo, tudo o que pudemos captar psicologicamente daquilo que é catalogado como o superior na vida humana” (: 62).

Dessa forma, a tese freudiana do ideal do eu responde diretamente pelo fenômeno da busca por aperfeiçoamento. Tal exigência não é mais vista um produto indireto, decorrente da falha na satisfação pulsional, mas sim o resultado das identificações que levam a criança a admirar a imagem dos pais, tomados como símbolos de perfeição, assumindo, por conseguinte, os desejos narcísicos desses pais e edificando, assim, seus ideais de eu ou superego. Sobre a transformação do vínculo parental em superego, Freud afirmou:

“A base desse processo é o que se chama ‘identificação’, ou seja, a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si” (Freud, 1933b: 58).

Nesse ponto, entra em cena o mecanismo da identificação como *desejo de ser o outro*. Há uma clara correspondência entre a aspiração narcísica pelo ideal e o que Freud chamou de relação de identificação, assim como entre o desejo sexual e o que foi chamado por Freud de relação de objeto. O desejo narcísico é desejo pelo ideal e a satisfação narcísica, segundo Freud, “*se obtém mediante o cumprimento deste ideal*” (Freud, 1914b: 96). O ideal, por sua vez, é o resultado da identificação com o pai que não é outra coisa senão um desejo por ser como ele. O desejo narcísico pelo ideal reitera, portanto, o desejo original de identificação.

Em *A Psicología de las masas y análisis del yo* (1921), Freud havia comentado sobre o fenômeno da identificação o que segue:

“A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa. Desempenha um papel na pré-história do complexo de Édipo. O menino manifesta um particular interesse com relação a seu pai; queria crescer e ser como ele; ocupar o seu lugar em todos os terrenos. Digamos,

simplesmente: toma o pai como seu ideal. Esta conduta nada tem a ver com uma atitude passiva ou feminina com relação ao pai (e ao homem em geral); ao contrário, é masculina por excelência. Se concilia muito bem com o complexo de Édipo, ao que contribui para preparar. (...) Contemporaneamente a esta identificação com o pai, e talvez antes, o menino empreende um cabal investimento de objeto na mãe segundo o tipo de apoio [anacrítico]. Mostra, então, dois laços psicologicamente diversos: com a mãe, um direto investimento sexual de objeto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo (...) Pode ocorrer depois que o complexo de Édipo experimente uma inversão, que se tome por objeto o pai em uma atitude feminina, um objeto do qual as pulsões sexuais diretas esperam sua satisfação; em tal caso, a identificação com o pai se converte na precursora da ligação de objeto que recai sobre ele. (...) É fácil expressar em uma fórmula a distinção entre uma identificação deste tipo com o pai e uma eleição de objeto que recaia sobre ele. No primeiro caso, o pai é o que se queria ser; no segundo, o que se queria ter. A diferença depende, então, de que a ligação recaia sobre o sujeito ou sobre o objeto do eu. No plano metapsicológico é mais difícil apresentar esta diferença graficamente. Só se discerne que a identificação aspira a configurar o eu próprio à semelhança do outro, tomado como 'modelo'” (Freud, 1921: 99-100). (Grifos acrescentados).

A diferença entre relação de objeto e de identificação foi retomada por Freud em *El yo y el ello* (1923a), quando voltou a sustentar a originalidade da tarefa da identificação no conjunto da dinâmica psíquica.

“Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego. Por trás do ideal do ego jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal. À primeira vista, não parece o resultado nem o desenlace de um investimento de objeto; trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua primeiro que qualquer relação de objeto. Porém, as eleições de objeto pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária” (Freud, 1923a: 33). (Grifo acrescentado).

A tese foi, por fim, reeditada na 31ª das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: la descomposición de la personalidad psíquica* (1933b), na qual Freud insistiu sobre a diferença entre os laços de identificação e de escolha de objeto. Em suas palavras:

“A identificação é uma forma muito importante de vinculação a uma outra pessoa, provavelmente a primeira forma, e não é o mesmo que escolha objetal. A diferença entre ambas pode ser expressa mais ou menos assim: se um menino se identifica com seu pai, ele quer *ser igual* a seu pai; se fizer dele o objeto de sua escolha, o

menino quer *tê-lo*, possuí-lo. No primeiro caso, seu eu se modifica conforme o modelo de seu pai; no segundo caso, isso não é necessário. Identificação e escolha objetal são, em grande parte, independentes uma da outra” (Freud, 1933b: 58).

Nesse sentido, a tese freudiana de *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921), do *El yo y el ello* (1923a) e das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: la descomposición de la personalidad psíquica* (1933b) acerca da existência desse desejo de identidade, mais uma vez demonstra que, embora em psicanálise domine a concepção sensualista, o sujeito freudiano não se move exclusivamente com vistas a sensações de prazer e desprazer. Também age impulsionado por modelos identificatórios, narcisicamente investidos. A vinculação identificatória produz, portanto, a instância superegógica na qual está contido o ideal do eu, que funciona como um *desejo de perfeição*. Conclusão: se no pensamento de Freud a busca por perfeição não foi descrita como uma *pulsão* propriamente dita, existiu, no entanto, na forma de uma injunção superegógica.

Todavia, a caracterização usual do supereu, como instância *proibitiva* e *punitiva*, escondeu sua dimensão *edificante*. A ênfase freudiana sobre o caráter restritivo do procedimento superegógico ofuscou as credenciais do *ideal do eu* para constar na posição de causa da ação humana.

No entendimento de Freud, as regras superegógicas desempenhavam uma função inercial, cuja meta seria mais *barrar* do que *promover* a ação psíquica. Estão normalmente associadas à palavra *supereu* termos como *severidade*, *autoridade*, *agressividade*, *rigidez*, *exigência*, *ordem*, *censura*, *punição*, *culpa*, *proibição* etc. Na 31ª das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: la descomposición de la personalidad psíquica* (1933b), Freud afirmou:

“O superego, que assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, não é só o sucessor dela, mas, de fato, seu legítimo herdeiro. Procede dela em linha direta, e verificaremos agora por que processo. Antes, porém, atentemos para uma discrepância entre ambos. O supereu, em uma eleição unilateral, parece ter ficado apenas com o rigor e a severidade dos pais, com sua função proibitiva e punitiva, ao passo que o cuidado carinhoso dos mesmos parece não ter sido assimilado e mantido” (Freud, 1933b: 58) (Grifos acrescentados).

Freud se manteve afinado, ao longo de toda obra, a esta interpretação *proibitiva* e *punitiva* das injunções superegóicas. Mezan (1998) comentou o assunto afirmando o seguinte:

“Freud sempre foi muito sensível ao aspecto coercitivo das regras morais e das normas sociais. Quando diz que a cultura repousa sobre a coerção das pulsões - o superego proíbe aquilo que os desejos desejam - esta tendência fica bem nítida. Os analistas que vieram depois se deram conta de que essas regras e normas não têm só um papel coercitivo e privativo, mas que são também essenciais para a *constituição* da personalidade e do funcionamento mental. Sem algum tipo de limitação, ou, como se diz em psicanálise, de castração, o funcionamento mental se vê impedido de se desenvolver, e passa de alguma forma a girar em círculos sobre si mesmo. Ou seja, o limite não é só aquilo que nos *impede de*, mas também é aquilo que nos *faculta para*. Por exemplo: a lei da exogamia pode ser lida no negativo - *não terás como mulher as mulheres de teu clã* - mas também como um mandamento positivo - *buscarás mulher nos outros clãs*” (Mezan, 1998, p. 224).

A crítica de Mezan atinge a conotação negativa mas não o núcleo do conceito freudiano de regra. A regra permanece definida como um *limite* imposto a algo. Embora a idéia de limite seja reinterpretada, positivamente, como aquilo que nos *faculta para*, não deixa de ser uma caracterização insuficiente. *Regra*, segundo Abbagnano, é uma “*proposição de natureza prescritiva*” (Abbagnano, 1982: 807). É algo que exprime um *dever ser*; não é, portanto, de modo algum, sinônimo de *limite*. As regras operam tanto por via de procedimentos *restritivos* quanto *incitativos*. Tais procedimentos podem operar paralelamente, mas não se confundem. Vale salientar que são apenas *procedimentos* e não o *fim último* das regras.

Distorcida, a idéia de regra não ocupou seu devido lugar na teoria freudiana dos móveis da ação. A regra se transformou num instrumento que se interpõe diante de uma força ou movimento que já existe no interior do sujeito. Provavelmente devido à premissa de que o psiquismo se move por via da pressão pulsional, Freud concebeu a regra como um freio, uma barreira ou um elemento coercitivo.

A definição restritiva do conceito de regra foi decisiva para o ocaso da noção de narcisismo na psicanálise freudiana. Contudo, como já foi visto acima, na teoria das identificações uma das principais funções do superego é colocar o

sujeito diante de sua imagem ideal, fomentando a paixão humana pela perfeição. Trata-se de uma reivindicação egóica (ou superegóica), traduzida, normalmente, como *desejo de completude*. Assim, no modelo de funcionamento perfeccionista do psiquismo, o conceito de superego veicula a imagem do *super-homem* freudiano.

4.3. Quanto à possibilidade de confronto.

Cauciona a diferença entre atividade narcisista e sexual o fato do eu poder ser valorizado tanto por performances sexuais quanto ascéticas. Apesar de paradoxal, é justo afirmar que a natureza da satisfação do amante ao ser elogiado por seus feitos sexuais, é semelhante à do asceta ao ver destacado seu poder de controle e renúncia da sexualidade. No primeiro caso, a satisfação narcísica está articulada à sexual; no segundo caso, é independente da mesma. A variação da cota de prazer sexual, na composição da meta narcísica, faz crer que se tratam de padrões de conduta distintos e, conseqüentemente, de tipos diversos de satisfação.

“O narcisismo, árbitro supremo no homem, pode fazer com que [se] goze tanto com a liberação das pulsões como com sua repressão” (Bleichmar, 1985: 16).

No século II, Clemente de Alexandria comparava os cristãos aos filósofos pagãos, e afirmava que os primeiros eram mais virtuosos porque iam além da meta de domínio do desejo. Estava falando do ponto de vista de um ideal de renúncia, valorizado pela comunidade cristã. Sobre o fato, comentou Peter Brown:

“Escrevendo no final do século II, Clemente de Alexandria, um cristão que conhecia bem os autores pagãos, resumiu com admirável clareza e justeza a essência das expectativas do corpo que vimos descrevendo. Os filósofos pagãos, como ele sabia, adotavam uma imagem austera da pessoa: ‘*O ideal humano da continência, ou seja, o que é estabelecido pelos filósofos gregos, ensina-nos a resistir à paixão, para que não nos tornemos subservientes a ela, e a treinar os instintos para que busquem metas racionais*’. Mas os cristãos, acrescentou ele, iam mais longe: ‘*nosso ideal é não experimentar desejo algum*’ (Brown, 1990: 36).

Essa forma de relação do sujeito com a sexualidade era menos uma expressão de fragilidade e mais um sinal de força e sofisticação ascética. Tratava-se de uma meta para privilegiados, para aqueles que queriam se destacar. Como argumentou Peter Brown:

“Os autores do século II d.C. formulavam seus preceitos em termos universais. Na realidade, escreviam para uns poucos privilegiados. Os códigos de conduta sexual que descrevemos eram valorizados pelos beneficiários da orientação moral por serem considerados congruentes com o refinamento e o autocontrole que distinguem os bem-nascidos de seus inferiores desregrados” (: 30-1) (Grifo acrescentado).

Do mesmo modo que os ascetas cristãos, os amantes profissionais se vangloriam de sua performance e não da possibilidade de usufruir de doses abundantes de prazer sexual em decorrência de suas práticas. Pelo contrário, há a possibilidade do gozo narcísico implicar em desprazer sexual, para um ou para ambos os companheiros. É o que comenta Hugo Bleichmar ao se referir ao personagem Casanova, filmado por Fellini.

“A primeira seqüência erótica do filme é reveladora: Casanova dá uma prova do que ele denomina suas capacidades amorosas ante um observador oculto que contempla a proeza através dos olhos de um quadro. Tudo o que faz Casanova, verdadeira ginástica do sexo, é exclusivamente para provocar o elogio do exigente juiz. Sua satisfação explode no momento do veredicto favorável. As formas que sua sexualidade adota não derivam do prazer sexual que lhe provocam, mas do fato de que confirmam ser ele o melhor dos amantes, preocupação que o leva a participar do torneio sexual até o final do filme, como o compreende dolorosamente sua companheira desse momento” (Bleichmar, 1985: 15).

(...)

“Casanova é forçado, na presença dos participantes de uma festa, a competir com um empregado para determinar quem era capaz de ter mais relações sexuais num tempo determinado. Toda a ginástica sexual do herói realiza-se sem prazer erógeno e, quando termina triunfante, é patético o contraste entre seu júbilo narcisista e a dor de sua companheira ocasional, que se reconhece simplesmente como o meio para provar a superioridade de Casanova, isto é, como um objeto da atividade narcisista desse” (: 31). (Grifos acrescentados).

Com base em tais práticas, segundo Bleichmar, é formulado “*um juízo sobre o ego no qual o sexo é um instrumento a serviço do narcisismo*” (: 32).

Do ponto de vista da motivação individual, os cristãos e os amantes se aproximam ao expressarem os mesmos desejos de distinção e superioridade que caracterizam o narcisismo. Com usos tão discrepantes do sexual, as práticas narcisistas acima citadas só revelam o quanto demandas sexuais e narcísicas são modalidades de desejo teoricamente independentes. Em tese, o ego-narcísico não depende da sexualidade para se expressar. É o que afirma Bleichmar na passagem que segue:

“Igual afã de afirmar a superioridade na diferença aninha-se tanto no ideal do super-homem de Nietzsche como na vida de Lou Andrea-Salomé (...) Em última instância, tudo pode servir para satisfazer o desejo narcisista, cuja essência é sentir-se único, diferente, superior a todos os demais, recebendo um olhar que assim o ateste. A moral, a inteligência, e estética, a sensualidade são capazes de serem metabolizados dentro do sistema narcisista, com o objetivo de afirmar a sublime diferença em relação àqueles que não possuíssem essas qualidades. O *gourmet* ou o *bom vivant* não é simplesmente um sensual, mas sim alguém que se contempla sendo-o, e grande parte de sua satisfação deriva do conhecimento que se atribui no sentido de saber viver” (Bleichmar, 1985: 15).

Se a) posso me gratificar narcisicamente pelo desempenho sexual, produza este prazer ou dor, como é o caso dos amantes; e b) posso me gratificar pela capacidade de renunciar radicalmente à sexualidade, como no caso dos primeiros cristãos, conclui-se que *o melhor, do ponto de vista narcísico, nem sempre é o mais prazeroso, sexualmente falando*. Isso só vem a reforçar a conclusão de que o gozo narcísico é uma espécie de satisfação exterior ao campo semântico da palavra *prazer* - essa entendida no sentido preciso de *sensações de prazer decorrentes da diminuição da tensão pulsional*.

5. Réplica à hipótese da singularidade do narcisismo.

Uma réplica aos argumentos acima desenvolvidos poderia ser formulada afirmando que a demanda egóica por reconhecimento é uma expressão do princípio de realidade, cuja função não é contrária nem estranha ao princípio do prazer. Pelo contrário, o princípio de realidade também visa ao prazer, só que

com a garantia da segurança. Neste sentido, a satisfação egóica de natureza narcísica pode então ser interpretada como uma satisfação derivada da realização do princípio de realidade. A passagem de *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico* (1911b), atesta o que foi dito:

“Assim como o ego-prazer nada pode fazer a não ser *desejar*, trabalhar para alcançar prazer e evitar o desprazer, de igual modo o ego-realidade nada necessita fazer a não ser aspirar por *benefícios* e assegurar-se contra prejuízos. Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição do primeiro, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro” (Freud, 1911b: 228).

Com base nesse argumento, Freud interpretou a renúncia do asceta religioso como uma forma indireta de obtenção de prazer, marcada pelo princípio de realidade.

“Todavia, a impressão endopsíquica causada por esta substituição foi tão poderosa que se reflete num mito religioso particular. A doutrina da recompensa noutra vida pela renúncia — voluntária ou forçada — dos prazeres terrenos nada mais é que uma projeção mítica desta subversão psíquica. As religiões, atendo-se constantemente a este modelo, puderam impor a renúncia absoluta ao prazer na vida em troca do ressarcimento numa existência futura; mas não conseguiram, por este meio, derrotar o princípio de prazer” (Ibid.).

Não há dúvida de que se a palavra *prazer*, do termo “princípio do prazer”, abrangesse todas as formas de satisfação identificadas por Freud, nada haveria para ser criticado. No entanto, como já foi visto, há no pensamento de Freud uma sinonímia entre os termos *prazer* e *prazer sexual*. Dessa forma, a satisfação narcísica deveria se encaixar em algumas das alternativas seguintes, todas subordinadas ao sexual: a) ser uma satisfação sublimada; b) ser uma satisfação antecipada do prazer sexual (assim como a angústia sinal antecipa a real); c) ser uma satisfação que antecede a satisfação sexual, como parte do processo que resultará na mesma.

Em defesa da identidade semântica entre sexualidade e narcisismo, poder-se-ia sustentar que a pulsão do eu é um tipo sublimado de energia sexual, reforçando o parentesco entre narcisismo e sexualidade. É verdade que nos textos *El yo y el ello* (1923a), *Inibição, sintoma e angústia* (1926) e na 32^a das

Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis (1933a), que versa sobre Angústia e vida pulsional, Freud especificou como dessexualizada e sublimada a energia que mobilizava o eu. No entanto, a conclusão de que o caráter dessexualizado da energia do eu revela seu parentesco com a sexualidade esbarra na seguinte constatação: o objetivo da hipótese da sublimação, nos textos acima citados, foi muito mais apontar a diferença entre a energia egóica e a sexual, do que fundamentar uma estreita ligação entre sexualidade e narcisismo. *Indicava a diferença* entre os investimentos egóicos e sexuais mas não *explicava o processo de transformação da energia sexual em energia egóica, nem justificava a necessidade da mudança advir desse processo*. Em outros termos, o conceito de sublimação foi usado de forma descritiva e não explicativa. Manteve-se mais como uma hipótese do que um mecanismo bem explicado. Por conseguinte, mostrou-se frágil e impotente para dar conta da tarefa de explicar a transformação do igual (sexualidade) no diverso (amor, trabalho, religião, ideais etc.). No final das contas, o conceito de sublimação nada acrescentou à constatação fenomênica de que o móvel da ação egóica é específico o suficiente para não se deixar confundir com outros móveis atuantes no psiquismo.

Na hipótese da antecipação, o caso b), que não está presente em Freud mas que poderia ser suposta, há o problema de não haver identidade semântica ou fenomênica entre a satisfação antecipada (ou sinal) e a vivência de satisfação real. A angústia sinal é, tanto do ponto de vista fenomênico quanto semântico, um tipo de sofrimento idêntico à angústia real. Por isso, é plausível afirmar que a angústia sinal antecipa a real. Já na relação entre a satisfação narcísica e a sexual, não há identidade de qualquer natureza entre o antecedente e o subsequente.

Por fim, é inútil do ponto de vista pragmático afirmar que a satisfação narcísica está condicionada à promessa de satisfação sexual futura. Em termos práticos, não são as benesses ou os prazeres pós-morte a causa da ação e da satisfação que o asceta experimenta no presente. Para fins de uma teoria leiga, o importante é saber como o sujeito vai agir em vida. O asceta age renunciando aos prazeres. Sua ação segue determinadas prescrições ideais a fim de garantir o reconhecimento da autoridade terrena ou celestial. É verdade que muitos não vêem no que fazem mais do que uma troca ou um adiamento em prol de ganhos

de prazer mais intensos no futuro. Para outros, no entanto, é o amor de Deus que está em questão. Não se trata de mera estratégia montada pelo princípio de realidade. Muitos eternizariam sua ascese se após a morte continuasse a ser importante renunciar ao prazer para conquistar o amor de Deus. Ser amado ou valorizado pelo outro significativo é, para o humano (ou para estes humanos), um bem em si mesmo.

O campo da satisfação psicológica inclui mas não se reduz ao domínio do prazer. No entanto, a primazia teórica do sensualismo em psicanálise ofuscou o espaço das *satisfações sentimentais não relacionadas a sensações de prazer*. Pode-se sugerir que o domínio do princípio do prazer foi uma das possíveis razões para Freud, e grande parte de seus seguidores, terem confundido o investimento narcísico com o sexual.

Numa passagem de *Más allá del principio de placer* (1920), Freud afirmou: “Na teoria psicanalítica adotamos sem reserva o suposto de que o decurso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer” (Freud, 1920: 07). Caracterizado, na prática, como princípio do prazer sexual (à medida que prazer se tornou sinônimo de prazer sexual), a idéia fez da sexualidade a matéria por excelência da economia do sujeito freudiano. Neste contexto, formas alternativas de gratificação psicológica, que não se enquadrassem nesse código, se tornariam intraduzíveis e ficariam, por assim dizer, *fora da psicanálise*. Desse modo, o vocabulário psicanalítico das emoções restringiu o leque das “satisfações psíquicas” tematizadas pelo próprio Freud.

Conforme argumentou Costa (1998):

“Não temos em português uma palavra específica para falar de ‘satisfação não prazerosa’, embora a noção psicanalítica de ‘gozo’, inventada por Lacan, aponte para a possibilidade de satisfações distintas da ‘satisfação da ordem do prazer’. De qualquer forma o importante é notar que a educação sentimental do sujeito pode se voltar mais para o aprendizado e a valorização da ‘satisfação sentimental sob o modo do prazer das sensações’ do que para a ‘satisfação sentimental além do princípio do prazer’. A capacidade de ser sentimentalmente ativo pode, dessa maneira, se inclinar para o lado das *emoções que visam sobretudo ao prazer das sensações* ou para o lado das *emoções que visam satisfações não ‘sensuais’ ou ‘sensoriais’*. Em geral, ao falarmos de ‘prazer’, na esfera dos sentimentos, reduzimos toda satisfação sentimental à satisfação prazerosa do tipo das sensações, o que é um equívoco. Ser

sentimentalmente complexo e sofisticado pode ser uma habilidade diferente da habilidade de ser sensível a sensações; é tudo uma questão do contexto em que a habilidade foi ensinada e aprendida” (Costa, 1998: 212).

A referência exclusiva ao binômio prazer-desprazer, utilizado para predicar a satisfação psíquica, mesmo a de ordem sentimental, foi moldado pelos pressupostos sensualistas e fisicalistas do mecanicismo dos séculos XVI e XVII. Com o advento do mecanicismo, ocorreram transformações profundas no desenho de subjetividade vigente até então. O humano foi interpretado como um ser de sensações, centrado no desejo de prazer (sexual). Tal imagem repercutiu diretamente sobre a psicanálise. A concepção sensacionista, que entende serem os fenômenos psíquicos derivados de desejos e de sensações de prazer/desprazer e dor, foi obra de autores como Hobbes, Locke, Condillac e La Rochefoucauld, que deram um tratamento sistemático a idéias já defendidas por Aristipo e Epicuro, na antigüidade; por Lorenzo Valla, no renascimento; e por Bentham, na contemporaneidade (Abbagnano, 1982: 364-366). Em resumo, esses autores seguiram o pressuposto geral do mecanicismo, ilustrado por Monzani (1995) da seguinte forma:

“... se passou a pensar em termos mecânicos coisas que até então eram representadas de forma teleológica - explicações baseadas no conceito de utilidade e Bem - abandonam-se definitivamente em favor da noção que as verdadeiras explicações do homem e de seu espírito, assim como as demais coisas, devem ser em termos de suas partes mais simples” (Monzani, 1995: 66).

Para Hobbes, Locke, Condillac e La Rochefoucauld essa simplicidade estaria contida na idéia do princípio do prazer.

“Enfim, se consideramos que não existem sensações absolutamente indiferentes, concluiremos mais uma vez que os diferentes graus de prazer e dor são a lei segundo a qual desenvolveu-se o gérmen de tudo aquilo que somos, para produzir todas as nossas faculdades; (...) portanto, desejar (no sentido de buscar o prazer) é a mais premente de todas as nossas necessidades; por isso, mal um desejo é satisfeito e formamo-nos um outro. (...) Assim, nossas paixões se renovam, se sucedem, se multiplicam, e vivemos só para desejar e na medida em que desejamos” (: 211-213).

Essa idéia foi a tal ponto assimilada pela psicanálise que Freud acreditou ser o princípio do prazer o resultado de suas observações empíricas. Em *Más allá del principio de placer* (1920), ressaltou o seguinte:

“... não tem para nós interesse algum indagar se nossa tese do princípio do prazer nos aproxima ou nos afilia a um determinado sistema filosófico formulado na história. É que chegamos a tais supostos especulativos a partir de nosso empenho por descobrir e avaliar os fatos de observação cotidiana em nosso campo. Nem a prioridade nem a originalidade se contam entre os objetivos a que se propõe o trabalho psicanalítico, e as impressões que servem de sustentação à formulação deste princípio são tão claras que apenas se podia desconhecê-las” (Freud, 1920: 7).

O fato é que o princípio do prazer dos sensualistas condicionou a formulação da sinonímia entre prazer psíquico e prazer sexual, e a tradução sexualista da intencionalidade humana. A idéia de *sujeito do desejo*, cuja meta são *sensações prazerosas*, moldou a teoria da satisfação. Tomando como referência o vocabulário sensacionista, é realmente impossível entender a particularidade da satisfação de ser valorizado ou reconhecido pelo outro significativo.

6. Considerações finais.

Pelas razões apresentadas acima, os fenômenos narcísicos fazem parte de outro terreno que não o sexual. O estudo detido das características desse desejo, do tipo de satisfação que produz, do objeto que persegue, dos efeitos físico-mentais que acarreta e dos confrontos que estabelece com outras modalidades de desejo, confere ao narcisismo um caráter singular e, por conseguinte, a carta de acesso ao reino dos móveis da ação psicanalíticos. A teoria freudiana do narcisismo não proporcionou a extensão do campo sexual, mas sim a ampliação do repertório da satisfação psicológica.

Capítulo 4

Narcisismo e egoísmo

1. Sobre a noção de egoísmo.

As críticas de Jung levaram Freud a postular uma nova modalidade de satisfação psíquica, o narcisismo. Além da identificação da singularidade do narcisismo, sua resposta também apontou para o campo onde este estaria inserido: o egoísmo. Conceitualmente mais abrangente que o narcisismo, a noção de egoísmo surgiu como conceito propriamente dito, na 26ª das *Conferencias de introducción al psicanálisis* (1916-17b), embora Freud já o tivesse citado várias vezes como palavra da linguagem ordinária. Na condição de conceito, reforçou o papel das pulsões egóicas na metapsicologia freudiana.

Freud definiu o *egoísmo* como a disposição para alcançar o *que é útil para o eu*; e *narcisismo*, como o *complemento libidinal do egoísmo*. Em suas palavras:

“Quando se fala de egoísmo se tem em vista a vantagem para o indivíduo; quando se menciona o narcisismo, também se leva em conta sua satisfação libidinal (Freud, 1916-17b: 380).

O egoísmo, em outras palavras, expressa o *interesse geral* do eu, ao qual, em condições normais, todas as demandas específicas estão subordinadas. Sobre a tendência egóica de submeter os desejos específicos ao seu interesse geral, a articulação egoísmo/sexualidade, apresentada por Freud, fornece uma perfeita ilustração:

“É possível ser absolutamente egoísta e, não obstante, manter fortes investimentos libidinais de objeto, à medida que a satisfação libidinal no objeto esteja entre as necessidades do eu; o egoísmo cuidará para que a aspiração pelo objeto não traga prejuízo ao eu” (Ibid.).

O mesmo posicionamento se encontra no texto *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c). Tratando das pulsões sexuais, Freud afirmou:

“Logo que surgem, apoiam-se nas pulsões de autopreservação, das quais só gradativamente se separam; também na escolha de objeto, seguem os caminhos indicados pelas pulsões egóicas” (Freud, 1915c: 121). (Grifo acrescentado).

Em resumo, é o egoísmo o princípio regulador dos investimentos libidinais voltados para o objeto³². Dessa forma, Freud separou o interesse do *investimento libidinal no objeto*, do *cuidado egóico com os resultados desse investimento*. O egoísmo seria a disposição para evitar que a aspiração libidinal pelo objeto, assim como qualquer outra aspiração, venha a trazer prejuízos ao eu (Freud, 1916-17b: 380).

Freud também defendeu que o egoísmo e o narcisismo poderiam ser estudados separadamente (Ibid.). Na conferência citada, sustentou que “o egoísmo é o óbvio, o constante, e o narcisismo, o elemento variável” (Ibid.). Sobre a relação entre egoísmo e narcisismo, Freud afirmou, em *Introducción del narcisismo* (1914b), que “o narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo” (1914b: 71-2). No *Complemento metapsicológico a la doutrina de los sueños* (1917b), esclareceu que:

“O narcisismo e o egoísmo, na realidade, coincidem; a palavra narcisismo destina-se apenas a ressaltar o fato de que o egoísmo é também um fenômeno libidinal; ou, expressando-o de outra maneira, o narcisismo pode ser descrito como o complemento libidinal do egoísmo” (Freud, 1917b: 222).

O importante a ser retido dessas passagens é a possibilidade de separação entre egoísmo e narcisismo, e a colocação do primeiro na posição de *interesse geral*. Com base na distinção feita anteriormente entre narcisismo e sexualidade³³, é possível sustentar que o narcisismo não é o *complemento libidinal do egoísmo*, como pensava Freud, nem tampouco o “*complemento egoísta da sexualidade*”, como o definiu Bercherie (1983), invertendo a fórmula freudiana.

³² A exploração do conceito de egoísmo não visa transformar o eu numa entidade metafísica capaz de controlar e ordenar as ações psíquicas. Trata-se apenas da elaboração de uma referência que evita a associação compulsória entre a sexualidade e os fatos mentais.

³³ Vide capítulo 3.

“O investimento narcísico tende assim a inverter sua definição, aparecendo mais como o ‘complemento egoísta’ da sexualidade que o inverso”³⁴ (Bercherie, 1983: 338).

A primeira tese freudiana é criticável pois o narcisismo não se confunde com a libido e, portanto, não pode ser o complemento *libidinal* do egoísmo. Como já foi visto, o narcisismo é um investimento egóico e não libidinal³⁵. Por sua vez, o narcisismo também não é o *complemento egoísta da sexualidade*, como sugeriu Bercherie. Em primeiro lugar, porque o narcisismo é uma forma de investimento que pode ou não estar articulado à sexualidade. Em segundo lugar, porque o egoísmo não é um atributo exclusivo do narcisismo. O resultado de uma *complementação egoísta da sexualidade* é uma *atividade sexual egoísta*, não necessariamente narcisista. *Querer o que o outro não quer com vistas a atingir prazer para si*, e *querer o que o outro não quer a fim de atingir notoriedade entre os pares* são ações diferentes. A primeira, é um ação *egoísta e sexualista*; a segunda, *egoísta e narcisista*. Se um sujeito força a(o) companheira(o) a manter uma freqüência de relações sexuais acima do limite do desejável ou mesmo do suportável para o outro, com vistas a dar conta de sua demanda de prazer, está sendo egoísta e sexualista. Caso o faça a fim de alcançar reconhecimento entre os seus pares, está sendo como *Casanova*³⁶: egoísta e narcisista. Portanto, não basta ser egoísta para ser narcisista. O egoísmo é o campo geral; o narcisismo, um de seus componentes.

Definido como uma disposição psíquica para garantir benefícios e evitar prejuízos, o *egoísmo* possui um parentesco direto com o *ego-realidade*, abordado por Freud em *Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico* (1911b). Assim como o egoísmo, “o *ego-realidade* nada necessita fazer a não ser aspirar por benefícios e assegurar-se contra prejuízos” (Freud, 1911b: 228). Ambos estariam envolvidos mais numa parceria do que numa contenda com “o *ego-prazer [que] nada pode fazer a não ser desejar, trabalhar para alcançar prazer e evitar o desprazer*” (Ibid.). Sobre a parceria, Freud assegurou que:

³⁴ “L’investissement narsissique tend ainsi à inverser sa définition, apparaissant plus comme le ‘complément égoïste’ de la sexualité que l’inverse”.

³⁵ Vide capítulo 3.

³⁶ Ver capítulo 3.

“Na realidade, a substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade não implica a deposição do primeiro, mas apenas sua proteção. Um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro” (Ibid.).

A comparação permite afirmar que a disposição *egoísta* congrega os interesses e o modo de ação do ego-realidade.

2. A paixão como um fenômeno egoísta.

Além de cobrir a função do *ego-realidade*, o conceito de egoísmo assimila uma tarefa originalmente atribuída à *libido narcísica*. Não ficava claro, em *Introducción del narcisismo* (1914b), se a libido narcísica foi assim predicada por Freud por estar ocupando o eu ou por alguma qualidade específica que possuía. Em estrito senso, deveria ser apenas por estar ocupando o eu, já que a libido era uma só. Porém, o fenômeno do apaixonamento desfazia essa crença homogeneizante, revelando-se o resultado de um tipo específico de investimento libidinal. Freud não se contentou em explicá-lo usando simplesmente a palavra *libido*; preferiu a expressão composta *libido narcísica*. A escolha faz crer que o fenômeno da idealização apaixonada foi tratado por Freud, em *Introducción del narcisismo* (1914b) e em *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921), como um evento que a libido sexual, *por si só*, não seria capaz de explicar. Reforça o que foi dito, o comentário de Bercherie (1983):

“... parece que a característica narcísica é intrínseca a certos tipos de investimentos: a escolha do objeto não é suficiente para defini-la visto que, mesmo deslocada sobre objetos externos, a libido narcísica conserva seus atributos, engendrando esse estilo particular de relação que é a idealização. A integração dos fenômenos narcísicos ao desenvolvimento da libido parece assim causar mais e mais problemas”³⁷ (Bercherie, 1983: 334).

³⁷ “... il apparaît que le caractère narcissique est intrinsèque á certains types d'investissements: le choix d'objet ne suffit pas á le définir puisque, même déplacée sur des objets externes, la libido narcissique conserve ses attributs, engendrant ce style particulier de relation qu'est l'idéalisation.

O mesmo ponto foi discutido por Borch-Jacobsen (1982):

“... falar de egoísmo libidinal significa ampliar não somente o conceito de ego como também o de libido. Com toda evidência, este conceito não se deixa mais conter numa definição unilateralmente sexual, erótica. (...) Não se vê, sobretudo, porque Freud experimentaria a necessidade de suscitar a esse propósito uma nova libido ('libido do ego', 'libido narcísica'), lá onde estava perfeitamente satisfeito até o momento somente com a *libido sexual*”³⁸ (Borch-Jacobsen, 1982: 74).

A linguagem do egoísmo ajudou a desfazer esse problema fornecendo ao investimento narcísico o *veículo* egóico, ao invés do libidinal. Isto é, a ação narcísica não seria mais concebida como um investimento libidinal, mas sim como um tipo de investimento egoísta. Definindo o *altruísmo* como o oposto do egoísmo ou, mais propriamente, como o egoísmo voltado aos objetos, Freud o distinguiu do *investimento objetal libidinal*, afirmando faltar ao primeiro “*as aspirações à satisfação sexual*” (Freud, 1916-17b: 380). Em seguida, afirmou que no apaixonamento “*o altruísmo se superpõe ao investimento libidinal objetal*”; e à medida que ocorre “*uma transposição altruísta do egoísmo para o objeto sexual, o objeto se torna extremamente poderoso; é como se absorvesse o eu*” (Ibid.).

Ora, tais fenômenos relativos ao apaixonamento, à idealização e à conseqüente sobrestimação do objeto sexual foram interpretados, nos textos *Introducción del narcisismo* (1914b) e *Psicología de las masas y análisis del yo* (1921), como resultados do investimento de *libido narcísica* no objeto. No primeiro, Freud afirmou:

“O apaixonamento consiste no transbordamento da libido egóica sobre o objeto. (...) Eleva o objeto sexual a ideal sexual” (Freud, 1914b: 97).

Os mesmos termos foram usados no segundo:

“Vemos que o objeto está sendo tratado da mesma maneira que nosso próprio ego, de modo que, quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido

L'intégration des phénomènes narcissiques au développement de la libido paraît ainsi faire de plus en plus problème”.

³⁸ “... parler d'égoïsme libidinal, cela revient à élargir non seulement le concept de Moi, mais aussi celui de libido. De toute évidence, celui-ci ne se laisse plus contenir dans une définition unilatéralement sexuelle, érotique. (...) On ne voit pas, surtout, pourquoi il éprouverait le besoin de susciter à son propos une nouvelle libido ('libido du Moi', 'libido narcissique'), là où il s'était parfaitement contenté jusque-là de la seule *libido sexualis*”.

narcisista transborda para o objeto. (...) A situação pode resumir-se cabalmente na fórmula: O objeto foi posto no lugar do ideal do eu” (Freud, 1921: 106-07).

Portanto, a *transposição altruísta do egoísmo para o objeto* desempenha a mesma função do investimento de libido narcísica no objeto, e parece mais compatível com a imagem do *posicionamento do outro no lugar do ideal do eu*. Conclusão: o fenômeno do apaixonamento recebeu, da parte de Freud, uma explicação egoísta, não sexualista. A seguinte passagem de *El malestar em la cultura* (1930) representa bem esse modelo egóico de explicação do apaixonamento:

“No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se assim fosse” (Freud, 1930: 67).

No entanto, essa função mimética que faz do outro um duplo no apaixonamento, Freud a atribuiu ao trabalho de Eros. A dinâmica de transposição altruísta do egoísmo ao objeto seria, portanto, uma das expressões fundamentais da pulsão de vida. A passagem a seguir retrata o que foi dito:

“No ápice de uma relação amorosa, não resta interesse algum pelo mundo circundante; o casal de amantes se basta a si mesmo, e nem sequer precisa do filho em comum ser feliz. Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser: o propósito de converter o múltiplo em uno; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além” (: 105).

A “relação narcísica com o outro”, a “transposição altruísta do egoísmo ao objeto”, o “laço mimético com o duplo”, o “desejo de ser como o outro”, a “colocação do outro no lugar do ideal do eu”, o “propósito de Eros de converter o múltiplo em uno” etc. são proposições teóricas que se sobrepõem, revelando a complexidade da psicologia do ego freudiana, intimamente articulada à operação da pulsão de vida. Repetimos, nesse momento, a pergunta feita por Costa (2001), no texto *A comédia do demônio sexual*:

“O que impediu, até agora, de levarmos a sério a idéia de que ‘a vida é pulsão’ e que a pulsão de vida, o impulso de vida, pode se manifestar de várias formas, todas tão importantes quanto ‘a forma sexual’?” (Costa, 2001: 2).

3. Amor como expressão do eu.

As relações entre o amor e a instância egóica haviam sido destacadas por Freud, em *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c). Segundo o autor, o amor e o ódio não seriam atividades pulsionais mas sim reações globais do eu diante dos objetos que, de imediato ou potencialmente, poderiam propiciar ou evitar satisfações e prejuízos. Em outros termos, seriam afetos derivados de avaliações normativas dos objetos feitas pelo eu com base nos interesses gerais (ou egoístas). O amor corresponderia à relação positiva do eu total com os objetos que lhe servem, e o ódio, o inverso. Não seriam, portanto, tipos de desejos mas sim reações às conseqüências dos desejos. O egoísmo levaria o eu a amar o que reafirma sua potência, e a odiar o que a enfraquece. Amor e ódio foram, assim, concebidos por Freud como reações egoístas derivadas da satisfação ou frustração de seus interesses gerais. Em suas palavras:

“... se (...) o objeto se revela como fonte de prazer, então é amado. (...) Se o objeto se torna uma fonte de sensações prazerosas, se estabelece uma tendência motora que procura aproximar o objeto do eu, incorporá-lo ao eu. Falamos também da ‘atração’ exercida pelo objeto proporcionador de prazer, e dizemos que ‘amamos’ o objeto. Inversamente, se o objeto é fonte de sensações desprazerosas, uma tendência se esforça em aumentar a distância entre ele e o eu, em repetir com relação a ele a tentativa originária de fuga do mundo exterior emissor de estímulos. Sentimos ‘repulsa’ do objeto, e o odiamos; esse ódio pode depois intensificar-se ao ponto de uma inclinação agressiva contra o objeto — uma intenção de destruí-lo” (Freud, 1915c: 131).

Afirmou em seguida:

“Se nos víssemos precisados, poderíamos dizer que uma pulsão ‘ama’ o objeto ao qual aspira para sua satisfação, mas dizer que uma pulsão ‘odeia’ um objeto nos parece estranho. Assim, tornamo-nos cômicos de que os vínculos de amor e ódio não são aplicáveis às relações das pulsões com seus objetos, mas estão reservadas para as relações do eu total com os seus objetos” (: 131-32).

Nesse sentido, à dinâmica dos desejos de prazer, reconhecimento e amparo se agrega o dualismo amor e ódio. Seguindo Freud, “*se por enquanto definimos o amar como a reação do eu com suas fontes de prazer*” (: 130) e o odiar como “*a relação frente ao mundo exterior hostil*” (: 131), amar e odiar fazem parte das ferramentas criativas ou destrutivas do eu diante de um mundo de objetos a serem explorados, conforme o potencial de satisfação/insatisfação existente nos mesmos. O eu é novamente elevado à condição de elemento fundamental da dinâmica psíquica.

Mas Freud não deixou por menos a atenção que devotou ao eu na psicologia do amor e do ódio. Desenvolveu, posteriormente, uma hipótese alternativa. Em *El yo y el ello* (1923a) e *El malestar en la cultura* (1930), retomou a idéia de que tais sentimentos são expressões pulsionais diretas, representantes psíquicos das pulsões de vida e morte, respectivamente. No texto de *El yo y el ello* (1923a), Freud defendeu a substituição da “*oposição entre as duas classes de pulsões* [pulsões de vida e de morte] *pela polaridade entre amor e ódio*” (Freud, 1923a: 43). Em *El malestar en la cultura* (1930), fez a seguinte observação:

“Partindo de especulações sobre o começo da vida, e de paralelos biológicos, concluí que, ao lado da pulsão para conservar a substância viva e para reuni-la em unidades cada vez maiores, deveria haver outra pulsão, contrário àquela, buscando dissolver essas unidades e reconduzi-las ao estado inorgânico inicial. Isso eqüivale a dizer que, assim como Eros, existe também uma pulsão de morte” (Freud, 1930: 114).

Em seguida, sintetizou seu novo dualismo afirmando:

“O nome libido pode ser aplicado novamente às exteriorizações da força de Eros, a fim de separá-las da energia da pulsão de morte” (: 117).

Já no próprio texto *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c), Freud compensou a afirmação sobre o caráter egóico do sentimento de amor defendendo que a reação amorosa do eu só ocorria diante de objetos *sexuais* ou *sublimados*. Se não era a expressão direta da sexualidade, ‘amar’ era, no entanto, uma reação emocional do eu frente a objetos capazes de proporcionar prazer sexual. Diante daqueles que serviam apenas para sua conservação, experimentava sentimentos mais amenos, como *gostar, achar agradável, ter apreço*. Foi o que defendeu Freud na seguinte passagem:

“... a observação do uso lingüístico, pleno de sentido indubitavelmente, nos mostra outra restrição no significado do amor e do ódio. Não se diz que se ama os objetos que servem para a conservação do eu; se ressalta o fato de que se *necessita* deles, e talvez se expressa a ingerência de uma relação de outra índole, empregando rodeios de frase que indicam um amor muito debilitado — tais como, por exemplo, ‘gostar’, ‘apreciar’, ‘achar agradável’.

A palavra ‘amar’ se instala então, cada vez mais, na esfera do puro vínculo de prazer do ego com o objeto, e se fixa definitivamente a objetos sexuais em sentido estrito e àqueles que satisfazem as necessidades das pulsões sexuais sublimadas. A divisão entre pulsões egóicas e pulsões sexuais que impusemos à nossa psicologia está, dessa forma, de acordo com o espírito de nossa língua. Se não costumamos dizer que a pulsão sexual isolada ama o seu objeto, em contrapartida consideramos que o uso mais adequado da palavra ‘amor’ se aplica ao vínculo do eu com seu objeto sexual. Essa observação nos ensina que sua aplicabilidade a tal relação só começa com a síntese de todas as pulsões parciais da sexualidade sob o primado dos órgãos genitais e a serviço da função reprodutora (Freud, 1915c: 132).

No entanto, uma dos trechos mais significativos da psicologia freudiana do amor, contido no texto *Inhibición, síntoma y angustia* (1926), assinala o desamparo como a fonte, por excelência, da *demanda amorosa* do eu.

“Entre os fatores que participam da causação das neuroses, que não criam condições sob as quais se medem entre si as forças psíquicas, há três que cobram relevo para nosso entendimento: um biológico, um filogenético e um puramente psicológico. O biológico é o prolongado desvalimento e dependência da criatura humana. A existência intra-uterina do homem se apresenta abreviada com relação à da maioria dos animais; é dado à luz mais inacabado do que estes. Isso reforça o influxo do mundo exterior real, promove prematuramente a diferenciação do eu com relação ao isso, eleva significativamente os perigos do mundo exterior e incrementa o valor do único objeto que pode proteger destes perigos e substituir a vida intra-uterina perdida. Assim, este fator biológico produz as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, de que o homem não se livrará mais” (Freud, 1926: 145).

Segundo essa passagem, o bem do amor possui significado plural. Proteger, acarinhar e valorizar podem ser interpretados igualmente como gestos de amor. Portanto, em sintonia com o que Freud afirmou em *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c), o amor não se confunde com a expressão pulsional. O amor é uma expressão emocional de apreço do eu pelo que lhe garante benefícios e lhe evita prejuízos. Reforça essa tese a passagem de *Pulsiones y destinos de pulsión*

(1915c) em que Freud verifica que o ódio é mais uma expressão da frustração egóica que sexual.

“É digno de nota que no uso da palavra ‘odiar’ não apareça uma referência tão estreita ao prazer e a função sexuais. Parece ser muito mais a relação de *desprazer* a única decisiva. O eu odeia, se aborrece e persegue, com fins destrutivos, todos os objetos que constituem fonte de sensações desprazerosas para ele, sem levar em conta que signifiquem frustração quer da satisfação sexual, quer das necessidades de conservação. E ainda se pode asseverar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio não se originam da vida sexual, mas da luta do eu para se preservar e se afirmar” (Freud, 1915c: 132).

Em suma, a psicologia do amor é mais um subsídio para a psicologia do ego freudiana.

4. A herança da Escola de Zurique.

A noção de egoísmo apresenta traços semelhantes à idéia de *interesse geral* de Jung. Por essa razão, caso o comentário de Jung sobre a análise freudiana do caso Schreber tivesse sido feito à luz da 26ª das *Conferencias de introducción al psicanálisis* (1916-17b), ganharia sem dúvida maior destaque.

“Não obstante, pouco depois Freud teve que considerar se ao fim e ao cabo a libido não coincide com o interesse em geral” (Jung, 1952: 144-45).

Em outros termos, a especulação de Freud quanto à relação entre libido e interesse em geral poderia ter sido melhor recebida se tivesse ocorrido na ocasião da 26ª conferência de introdução à psicanálise. Em suas palavras:

“Deveria então fazer coincidir o que chamamos investimento libidinal (interesse proveniente de fontes eróticas) com o interesse em geral...” (Freud, 1911a: 68).

No contexto do debate sobre a função do egoísmo na dinâmica psíquica, uma hipótese sobre os sintomas do afastamento da realidade e do delírio de grandeza na paranóia poderia ser lançada. Se o *egoísmo* é a dimensão responsável pelo cuidado, proteção e afirmação das necessidades do eu, não

seria plausível conceituar os sintomas citados como formas patológicas de expressão do egoísmo? Em outros termos, a frustração de algumas das aspirações egoístas não poderia ser eleita como a causa que provoca o recolhimento dos investimentos *gerais* do sujeito e a afirmação megalomaniaca de si? Afirmação necessária para a reapropriação de si, para retirar do outro o eu nele projetado, destituindo-o do papel de ser uma extensão de mim mesmo. Na carta *Algumas observações teóricas sobre a paranóia*, enviada por Freud a Jung, encontra-se a afirmação de que o ego paranóico é *egoísta*.

“O ego paranóide é por conseguinte hiper-catexizado, egoísta, megalômano” (Freud *apud* McGuire, 1976: 80).

A formulação do conceito geral de egoísmo, e dos conceitos específicos de desamparo e narcisismo, parecem esclarecem, em linguagem freudiana, o quadro global da dinâmica egóica na sintomatologia paranóica. O egoísmo é a fonte do interesse ou do laço social, componentes centrais da paranóia. No entanto, vale salientar, trata-se de uma linguagem freudiana marcada pelas contribuições de Jung. O conceito de egoísmo parece ter sido uma forma criativa de Freud assimilar a idéia junguiana de *interesse geral*.

Quase dez anos após a elaboração do conceito de egoísmo, verifica-se a preocupação de Freud em redefinir a estrutura energética do modelo pulsional. Nesse processo, ocorreu a assimilação da segunda tese de Jung. A existência de um tipo de energia psíquica, *genérica e indiferente*, se transformou em um fato fundamental para Freud, necessário à manutenção do dualismo pulsional. O tema foi objeto dos textos *El yo y el ello* (1923a), *Inhibición, síntoma y angustia* (1926) e da 32^a das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis* (1932-1936), que versa sobre Angústia e vida pulsional.

Junto à formulação do último dualismo pulsional, Freud identificou o eu como portador de uma energia dessexualizada. A razão para tanto retomava literalmente a idéia junguiana de uma energia única e indiferente, antes descartada. A tese de Jung era necessária para o entendimento do jogo de oscilações entre afetos contrários, presente, por exemplo, na dinâmica da paranóia. Neste quadro, ocorria uma inversão do afeto dirigido ao objeto. Após o desinvestimento libidinal, o objeto, que antes havia sido amado, passava a ser alvo de hostilidade. O fenômeno da “mudança da pulsão em seu contrário”, já

descrito desde de *La interpretación de los sueños* (1900), agora demandava de Freud a crença em uma energia indiferente que pudesse investir, de forma alternada, os impulsos de amor e de ódio. Caso não houvesse esse terceiro termo, seria preciso afirmar que o amor se transforma diretamente em ódio e vice-versa, inviabilizando a hipótese dualista. Se na discussão com Jung, Freud criticou a idéia de *energía única* por receio desta vir a por em cheque o dualismo pulsional, agora recorria à mesma a fim de fundamentá-lo.

No texto *El yo y el ello* (1923a), a hipótese aparece da seguinte maneira:

“... a investigação analítica do processo da transformação paranóica nos familiariza com a possibilidade de um mecanismo diverso. Uma atitude ambivalente acha-se presente desde o início e a transformação é efetuada por meio de um deslocamento reativo do investimento. Assim, se subtrai energia erótica e se adiciona energia à moção hostil. (...)”

Por conseguinte, nenhum desses casos nos obriga a supor uma mudança direta de amor em ódio, o que seria incompatível com a distinção qualitativa entre as duas classes de pulsões. Notamos, contudo, que ao considerar esse outro mecanismo de transformação de amor em ódio, tacitamente adotamos outra suposição que merece ser enunciada explicitamente. Interpolamos um comutador, como se existisse na mente — no ego ou no id — uma energia deslocável, em si, indiferente, que pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciados, e aumentar o seu investimento total. Sem presumir a existência de uma energia deslocável desse tipo, não podemos prosseguir. A única questão é saber de onde ela provém, a que pertence e qual a sua intencionalidade (Freud, 1923a: 44-5). (Grifos acrescentados).

Reeditou o conceito de energia egóica dessexualizada em *Inhibición, síntoma y angustia* (1926):

“Posto que o eu trabalha com energia dessexualizada, na nova concepção (da angústia) se afrouxou também o nexa íntimo entre angústia e libido” (Freud, 1926: 151).

E, finalmente, na 31ª das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis* (1933) Freud imaginou que a energia egóica exercia uma função executiva, além da comutativa. Segundo o autor, o trabalho de investir libido não poderia ser viabilizado se o eu não possuísse um fonte de energia à parte. Em suas palavras:

"O fato dos investimentos libidinosos partirem do eu não significa que ele tenha que ter nele, como sua energia, a libido. Senão, não seria o investidor mas simplesmente um canal por onde passaria a libido. Se é mais que isso é porque possui um outro tipo de energia de ligação que investe libido assim como outra coisa. Sua energia é dessexualizada por princípio por mais que possa investir sobre si mesmo uma moção amorosa". (Freud, 1933: 95) (Grifo acrescentado).

Tratava-se de uma questão lógica. A atividade de *investir sexualidade* não poderia, ela mesma, ser uma ação sexual. *Investir* pressupõe energia própria para tanto.

No entanto, a superposição entre os conceitos de *energia deslocável*, de Freud, e de *energia genérica*, de Jung, não é perfeita. Freud localizou a fonte da *energia indiferente* no estoque narcísico de libido, e a definiu como *Eros dessexualizado*. Igualando a energia libidinal sublimada à energia indiferente, pôs em cheque a semelhança com o conceito junguiano, cuja generalidade não descendia da sublimação de um impulso específico.

"Parece verossímil que esta energia indiferente e deslocável, ativa tanto no ego quanto no id, provenha do estoque narcísico de libido e seja, por isso, Eros dessexualizado. É que as pulsões eróticas nos parecem em geral mais plásticas, desviáveis e deslocáveis que as pulsões de destruição. (...) Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, ela também pode ser descrita como energia *sublimada*, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros — a de unir e ligar — à medida que auxilia no sentido de estabelecer a unidade, ou tendência à unidade, que é particularmente característica do ego (...) A transformação [de libido erótica] em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização" (Freud, 1923a: 45-6).

A razão utilizada por Freud para identificar o erotismo como a fonte da energia indiferente foi o fato das pulsões eróticas serem mais plásticas, desviáveis e deslocáveis que as pulsões de destruição; e sublimadas, ainda reterem a finalidade principal de Eros (unir e ligar). Contudo, o caráter plástico, desviável e deslocável da pulsão erótica não a torna equivalente à energia indiferente. A opção por caracterizar a pulsão erótica como fonte da energia indiferente faz retornar intocado o problema que Freud quis resolver com a idéia do comutador (Freud, 1923a: 44-5).

Vale lembrar que a energia indiferente tinha a função teórica de explicar a transformação do amor em ódio. Sem a mesma, amor e ódio seriam fenômenos de natureza idêntica - conclusão fatal para o dualismo de Freud. No entanto, ao escolher a libido sublimada para a posição de comutador, o autor estaria automaticamente negando a existência e a necessidade de um terceiro termo. O processo de transformação continuaria direto, apenas não seria imediato mas por etapas. Em primeiro lugar, o desinvestimento libidinal; em segundo, a dessexualização do amor; em terceiro, o reinvestimento da libido dessexualizada no impulso do ódio. Nesse caso, já não há mais dualismo.

Além de inviabilizar o dualismo freudiano, a idéia não atende a outro requisito exigido no raciocínio da transposição. Para que a energia indiferente pudesse ser o resultado de Eros dessexualizado seria preciso que nada restasse do amor no produto final, após a sublimação. Como Freud afirmou que as pulsões eróticas sublimadas ainda guardam sua característica fundamental – a de unir e ligar – como poderiam ser reinvestidas no ódio que visa desligar e desunir? Em outros termos, como o ódio se tornaria capaz de destruir movido por uma energia erótica *agregadora e construtiva*, ainda que sublimada?

Por fim, o termo libido dessexualizada é ambíguo. Tanto pode ser explicativo como descritivo. Isto é, tanto pode exprimir a idéia de uma energia originalmente sexual que por meio de algum processo perdeu tal característica, como também a crença em uma energia que não apresenta característica sexual. Essa última é única definição de energia indiferente capaz de cumprir o papel de comutador.

Diante dos argumentos, chega-se à seguinte conclusão: nunca houve propriamente contradição entre o dualismo pulsional freudiano e o monismo energético junguiano. Tais teses ocupam planos lógicos distintos. Uma coisa é o modo de expressão dualista das pulsões e afetos; outra, a fonte energética que os anima. Dito de outra forma, a energia indiferente de Jung se refere à reserva energética das pulsões e não ao modo como ocorrem suas expressões empíricas. Segundo definição do próprio autor, tal energia é a base da libido, entendida no

sentido clássico de *impulso*³⁹; é a condição de sua plasticidade, do que a torna capaz de investir áreas diversas. E o mais importante, essa energia não se confunde com um impulso específico. Jung não propõe um monismo pulsional e, portanto, não entra em contradição com o modelo dualista de Freud. O monismo de Jung foi, na verdade, adversário teórico do *sexualismo* e não do dualismo freudiano. Nas palavras do autor:

“Como o demonstra a citação de Freud, sabemos na realidade muito pouco sobre a natureza dos instintos humanos e sua dinâmica psíquica para que possamos arriscarmo-nos a aceitar o primado de um só instinto. Daí que quando falarmos de libido seja mais prudente entender por tal um valor de energia que pode comunicar-se com qualquer setor: poder, fome, ódio, sexualidade, religião etc., sem que seja nunca um instinto específico” (Jung, 1952: 148-49).

Em suma, apesar da resistência de Freud, o conceito de egoísmo e a defesa da mediação energética na transformação do amor em ódio o reaproximaram de seu antigo colaborador. Em conjunto, os conceitos de *interesse geral* e *energia indiferente* constituem a herança da Escola de Zurique na obra freudiana. Foram conceitos assimilados por Freud com o objetivo de fundamentar, metapsicologicamente, o trabalho das pulsões egóicas.

5. As pulsões egóicas e a angústia.

A constatação do papel central do eu na metapsicologia freudiana foi gravemente prejudicada devido à sobreposição entre pulsões egóicas e de autoconservação. A composição das pulsões do eu com as funções de autoconservação e de defesa (recalque) foi estabelecida por Freud no artigo *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis* (1910). Conforme historiou Strachey:

“As pulsões de ‘auto-conservação’ haviam sido escassamente mencionadas, salvo de modo indireto e em relação com a teoria de que a libido se apoia nelas nas fases mais precoces de seu desenvolvimento; e não parecia haver razões óbvias para

³⁹ Vide capítulo 3.

vinculá-las com o papel desempenhado pelo eu como agente repressor nos conflitos neuróticos. Logo, aparentemente de forma súbita, em um breve trabalho sobre a perturbação psicogênica da visão (1910), Freud introduziu a expressão ‘pulsões egóicas’, às quais identificou, por uma parte, com as pulsões de auto-conservação e, por outra, com a função repressora. Daí em diante, o conflito se apresentou regularmente como um conflito entre duas séries de pulsões: a libido e as pulsões egóicas” (Strachey *apud* Freud, 1915: 110-11).

No artigo citado, Freud argumentou que: “*Segundo as palavras do poeta, podemos classificar como fome ou como amor todas as pulsões orgânicas que atuam em nossa mente*” (Freud, 1910: 211-12).

Sete anos depois, em *Una dificultad del psicoanálisis* (1917a), reeditou a mesma fórmula:

“A concepção popular divide entre fome e amor os representantes das pulsões que visam, respectivamente, à preservação do indivíduo e à reprodução da espécie. Aderindo a esta sugestiva separação, nós também distinguimos na psicanálise as pulsões de autoconservação ou egóicas e as pulsões sexuais. Chamamos de libido – desejo sexual – à força com que a pulsão sexual emerge na vida psíquica, por analogia com a fome, a vontade de poder etc., a respeito das pulsões egóicas” (Freud, 1917a: 129). (Grifo acrescentado).

No *Más allá del principio de placer* (1920), encontra-se novamente o binômio fome/amor:

“A psicanálise, que não podia prescindir de alguma hipótese acerca das pulsões, se ateve no início à diferenciação popular cujo paradigma é a frase ‘por fome e por amor’” (Freud, 1920: 50).

Finalmente, no *El malestar en la cultura*, Freud relatou tê-lo tomado de empréstimo a Schiller:

“... utilizei como ponto de partida uma expressão do poeta-filósofo Schiller: ‘fome e amor’ mantêm coesa a fábrica do mundo” (Freud, 1930: 113).

Como se pode ver, houve da parte de Freud uma utilização sistemática do dueto fome/amor a fim de expressar o dualismo pulsional. Sua vigência só chegou ao fim com a descoberta da pulsão de morte. No entanto, não houve com a reforma qualquer redefinição do parentesco entre as pulsões de autoconservação

e as egóicas. Estas foram apenas deslocadas para o campo do amor, com o qual anteriormente rivalizavam.

A associação entre pulsões egóicas e de autoconservação restringiu significativamente o horizonte das metas do eu. Apesar de ser teoricamente factível, não é em prol da satisfação da fome ou da sede que o eu normalmente engendra o recalque, mas sim de suas demandas éticas e estéticas. Os desdobramentos da teoria freudiana da neurose deixam claro que o eu é sensível às experiências afetivas que se mostram inconciliáveis com as condições básicas de adaptação e com as demandas ideais⁴⁰. Tal sensibilidade é o resultado da normativa egóica primária e secundária. Em *Introducción del narcisismo* (1914b), Freud comentou:

“... sucumbem ao destino do recalque patológico”, as crenças e desejos que “entram em conflito com as representações culturais e éticas do indivíduo. (...) O recalque, temos dito, parte do eu; poderíamos precisar: do respeito do eu por si mesmo” (Freud, 1914b: 90).

Apesar do contra-senso, a sinonímia entre as pulsões de auto-conservação e as egóicas foi mantida. E, nesse contexto, Freud afirmou que a contenção da fome e da sede não provocava angústia. Isto significava que não existia a “transformação em angústia” entre as vicissitudes das demandas egóicas. Ora, a possibilidade de se transformar em angústia foi, desde sempre, uma característica das pulsões sexuais e a principal razão de seu valor psicopatológico. Esse dado relativo às pulsões de autoconservação, apresentado na 26ª *Conferencias de introducción al psicanálisis – La teoría de la libido y el narcisismo* (1916-17b), minimizava portanto a importância do eu na teoria da angústia e, conseqüentemente, na psicopatologia.

“Por fim, cremos ter advertido que as pulsões sexuais se enlaçam com o estado afetivo da angústia muito mais intimamente que as pulsões egóicas, resultado este que parece todavia incompleto num aspecto importante. Acrescentemos, a fim de estabelecê-la com mais firmeza, o fato notável de que a insatisfação da fome e da sede, as duas pulsões de autoconservação mais elementares, nunca têm por conseqüência sua transformação em angústia, ao passo que a modificação da libido

⁴⁰ Vide capítulo 1.

insatisfeita em angústia, conforme vimos, se encontra entre os fenômenos mais bem conhecidos e observados com maior frequência" (Freud, 1916-17b: 375).

A associação entre pulsões egóicas e de autoconservação produziu um duplo equívoco: restringiu 1) o leque de demandas e 2) a relevância psicopatológica da instância egóica. O primeiro equívoco é superado com a identificação das demandas do eu que se mantiveram implícitas na obra de Freud, como o narcisismo e o desamparo. Já o segundo equívoco depende da revisão da teoria da angústia realizada por Freud em 1926.

Em *Inhibición, síntoma y angustia* (1926), Freud deixou claro que o eu era a fonte da angústia. Encontra-se nesse texto uma articulação direta entre o eu e a angústia, assim como o afrouxamento do nexos causal entre angústia e sexualidade. Segundo Freud:

"Pode não ser nada simples o problema de como se engendra a angústia na origem do recalque; porém, tem-se o direito de reter a idéia de que o eu é a verdadeira fonte da angústia, e a rechaçar a hipótese anterior segundo a qual a energia do investimento da moção recalcada se mudava automaticamente em angústia. Ao expressar-me assim anteriormente proporcionei uma descrição fenomenológica e não metapsicológica" (Freud, 1926: 89).

Segundo a nova teoria freudiana, a primeira experiência de angústia era o nascimento. Tratava-se de um evento causador de angústia automática devido ao desequilíbrio econômico provocado pela saída do útero. Tal vivência de angústia se repetirá, sustentava Freud, diante de situações semelhantes a do nascimento. Dessa angústia automática surge a angústia sinal. Esta última seria acionada diante de contextos que se associam ou que facilitam a ocorrência da primeira. A angústia sinal, definida como *expectativa de perigo*, reforçou o lugar central do eu, pelo fato da instância egóica ser a única capaz de interpretar e avaliar a periculosidade de uma situação. A idéia de trauma, entendido como o resultado da vivência de desamparo do eu, estabeleceu, por sua vez, o caráter amplo e indeterminado do fator causal da experiência de angústia. Por conseguinte, a *natureza específica* das excitações que levavam o eu a se sentir desamparado se tornou uma questão secundária. O fundamental era a semelhança, por via do sentido ameaçador ou do desequilíbrio orgânico, que o acontecimento ansiogênico atual possuía com o originário (: 156).

Desse ponto de vista, a insatisfação das necessidades infantis como a fome e a sede também poderiam ser causa da angústia infantil. Frente ao desamparo presente na primeira etapa do desenvolvimento da criança, as excitações provocadas pela fome e sede, assim como por qualquer outra necessidade básica, são situações que desequilibram a homeostase corporal e que fogem ao controle do organismo. Por essa razão, vão de encontro à normatividade orgânica e são suficientemente poderosas para desencadear angústia. Daí o valor tranquilizante da presença materna.

“Quando a criança sente falta da percepção da mãe, é só porque já sabe, por experiência, que ela satisfaz suas necessidades sem demora. Então a situação que valora como ‘perigo’ e da qual quer se resguardar é a da insatisfação, o aumento da tensão da necessidade, frente à qual é impotente. Opino que a partir desse ponto de vista tudo se põe em ordem. A situação de insatisfação, em que as grandezas de estímulo alcançam um nível desprazeroso, sem que seja possível dominá-las pelo emprego psíquico e descarga, tem que estabelecer para o latente a analogia com a vivência do nascimento, a repetição da situação de perigo. O comum a ambas é a perturbação econômica pelo incremento das grandezas de estímulo na espera de processamento. Este fator constitui, portanto, o núcleo genuíno do ‘perigo’. (...) Com a experiência de que um objeto exterior pode por fim à situação perigosa que recorda o nascimento, o conteúdo do perigo se desloca da situação econômica até a sua condição, a perda do objeto. A ausência da mãe se torna agora o perigo; o latente dá o sinal de angústia tão logo se produza, ainda antes que sobrevenha a situação econômica temida” (Freud, 1926: 130). (Grifo acrescentado).

A nova teoria apontava como causa da angústia automática e sinal, respectivamente, o trauma e as condições favoráveis ao mesmo; e como solução, o cuidado e o amor materno. Até então, os méritos da reforma tinham sido a colocação do eu no centro do processo e a inclusão das necessidades infantis no conjunto geral dos fatores causais. Contudo, Freud só havia apontado até o momento causas *fisicalistas* para a angústia. O fato era incompatível com o papel das normatividades primária e secundária na dinâmica do psiquismo. As demandas propriamente egóicas, de amparo e de reconhecimento, ainda não estavam contempladas no esquema.

A proposição teórica de que os perigos mudavam conforme o grau de desenvolvimento alcançado pelo psiquismo, permitiu, finalmente, a ampliação e a inclusão das demandas egóicas na nova teoria. Segundo Freud, o curso do

desenvolvimento levava a criança a passar do temor da ausência da mãe ao da perda do amor materno, ao da perda do pênis, e, por fim, ao da perda do amor do superego (Freud, 1926: 138). Com essa escala, o objetivo de Freud era apenas matizar as condições propícias ao acionamento do sinal de angústia relativo à experiência ansiogênica do nascimento, cuja base era o desequilíbrio orgânico. Ocorre que ao formular as idéias de angústia da perda do pênis, Freud notou ter descoberto uma fonte causal de um novo tipo de angústia automática. A ameaça de castração não seria experimentada como 'perigosa' por anunciar ou facilitar as condições do desequilíbrio econômico, tal como a ausência da mãe ou do amor materno. Não seria perigosa pelo fato de aproximar o sujeito do contexto das primeiras angústias relativas às fases mais precoces do desenvolvimento do psiquismo. A ameaça de castração era um fator ansiogênico por ser avaliada como um dano em si mesma. Isto é, evita-se a castração devido à insatisfação física ou psicológica que lhe está associada. Dessa forma, Freud estabelecia a vivência de castração como um trauma e, portanto, como uma nova fonte de angústia automática. Por conseguinte, tudo aquilo que a antecipasse se tornaria fonte de angústia sinal.

A tese da castração desfez a ligação exclusiva entre angústia e desequilíbrio econômico, fosse esse desequilíbrio derivado da contenção de excitações instintivas (sede e fome) ou pulsionais (sexo e agressividade). Anunciava, dessa forma, uma mudança considerável no rumo da teoria. Nas palavras de Freud:

"Temos adquirido a convicção de que a exigência pulsional freqüentemente só se converte em um perigo (interno) porque sua satisfação traria em consequência um perigo externo, vale dizer, porque esse perigo interno representa um externo" (Freud, 1926: 157).

Reforçou essa hipótese na 32ª das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis* (1933a):

"Não é o recalque que cria a angústia, mas a angústia que cria o recalque! Porém, que classe de angústia é essa? Somente a angústia frente a um perigo exterior ameaçador, vale dizer, uma angústia realista. É certo que o menino sente angústia ante uma exigência de sua libido, neste caso ante o amor a sua mãe; portanto, é efetivamente um caso de angústia neurótica. Porém esse enamoramento lhe aparece como um perigo interno, do qual deve esquivar-se mediante a renúncia a este objeto, somente porque convoca uma situação de perigo externo. E em todos os casos que

indagamos obtivemos idêntico resultado. Confessemos francamente: não esperávamos que o perigo pulsional interno seria uma condição e preparação de uma situação de perigo objetiva, externa" (Freud, 1933a: 79-80).

Freud se referia agora a um tipo de angústia derivada do desequilíbrio da relação com o outro, desequilíbrio de um vínculo intersubjetivo e não mais orgânico (econômico). Na base desse tipo de angústia, derivada do temor da castração, operava a normatividade primária. Era a segurança que estava posta em cheque. Nesse caso, os investimentos pulsionais poderiam ser causas indiretas ou, como disse Freud, *condições de perigo*, mas não são mais eventos *perigosos por si sós*.

Apesar de promissora, a reforma foi considerada inadequada à teoria da angústia neurótica. Após ter afirmado que a pulsão sexual não era um perigo por si só, mas sim uma *condição de perigo* - já que dependia de fatores externos como a agressividade do outro -, Freud voltou atrás alegando que a hipótese só dava conta da angústia real mas não da angústia neurótica. Em suas palavras:

"A angústia neurótica tem se transformado em nossa mãos em angústia realista, em angústia ante determinadas situações externas de perigo. Porém, isto não pode ficar assim. Temos que dar outro passo, que será um passo atrás. Perguntamo-nos: o que é, de fato, o perigo, o temido em cada uma de tais situações de perigo? Evidentemente, não é o dano objetivo à pessoa, pois não tem porque alcançar significado psicológico, mas sim o que ele ocasiona na vida anímica. Por exemplo, o nascimento, nosso arquétipo do estado de angústia, dificilmente pode ser considerado como um dano em si, ainda que gere um perigo. O essencial no nascimento, como em qualquer outra situação de perigo, é que provoque no vivenciar anímico um estado de excitação de elevada tensão que seja sentido como desprazer e do qual não se possa controlar pela descarga. Chamemos fator *traumático* a um estado assim, em que fracassam os empenhos do princípio do prazer [...]; o temido, a matéria de que se trata a angústia, é, em cada caso, a emergência de um fator traumático que não pode ser elaborado segundo a norma do princípio do prazer. [...] Só a magnitude da soma de excitação converte uma impressão em fator traumático, paralisa a operação do princípio do prazer, confere sua significatividade à situação de perigo. E se assim são as coisas, se esse enigma se resolve mediante um expediente tão simples, por que não poderia ser possível que fatores traumáticos desta índole sobrevivessem na vida anímica sem referência às supostas situações de perigo, e então à raiz destes a angústia não seja provocada como sinal, mas sim nasça como algo novo com um fundamento próprio? A experiência clínica nos diz de maneira flagrante que efetivamente é assim. (Freud, 1933a: 86-7).

Como se pode ver, Freud restringiu a causa da angústia neurótica ao problema do desequilíbrio econômico, avaliado pela normatividade orgânica. O motivo que invocou para tanto foi a necessária distinção entre angústia neurótica - de origem interna e indeterminada (sem objeto) -, e angústia realista – de origem externa e determinada. A primeira seria uma experiência de angústia propriamente dita, a segunda se confundiria com o medo, por ser de origem externa e ter um objeto determinado. Contudo, ao utilizar esse argumento, Freud parecia desconhecer seus próprios trabalhos sobre a formação do superego.

Para citar apenas um exemplo, na 31ª das *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis* (1933b), intitulada La descomposición de la personalidad psíquica, o autor afirmou que o superego era o herdeiro da autoridade paterna.

“O papel que mais tarde é assumido pelo superego é desempenhado, no início, por um poder externo, a autoridade dos pais. A influência dos pais governa a criança, concedendo-lhe provas de amor e ameaçando com castigos que são, para a criança, sinais de perda do amor e se farão temer por essa mesma causa. Esta angústia realista é a precursora da angústia moral subsequente. Enquanto governa, não há necessidade de falar em superego nem em consciência moral. Só mais tarde se desenvolve a situação secundária que estamos inclinados a considerar como sendo a normal: em lugar da instância parental aparece o superego que agora observa, dirige e ameaça o eu, exatamente como anteriormente os pais fizeram com a criança” (Freud, 1933b: 57-8).

Se o superego é o resultado da internalização da autoridade dos pais, um perigo externo, como a ameaça de castração, pode se transformar em um perigo interno, mantendo as mesmas características e os mesmos efeitos ansiogênicos originários. Se o problema era distinguir a angústia neurótica do medo, não havia razão para Freud ter abandonado a hipótese causal que apontava o desequilíbrio da relação com o outro como fonte da angústia.

Aberto o precedente da experiência de castração, tornou-se plausível afirmar que a perda do amor do superego e a perda do amor dos pais também poderiam se transformar em danos absolutos, em causas de angústia automática, no curso do desenvolvimento. Com a aquisição da linguagem e a entrada no mundo simbólico, a ameaça ou a perda do amor dos pais ou do superego *significam*

danos à segurança e ao aperfeiçoamento da relação com o outro. Na vigência da normatividade secundária, é o *significado* desses danos o que angustia.

Nesse plano, a mãe não é apenas uma provedora que oferece comida para a fome, bebida para a sede, colo para o sono, e o carinho e o peito para as excitações sexuais infantis. Nem tampouco seu amor é reduzido a uma *condição motivacional* para a continuidade desse trabalho como provedora. Parece portanto restritiva a associação, estabelecida por Freud, entre os conceitos de bem e mal e as experiências capazes de evitar ou viabilizar situações de risco para o equilíbrio econômico do sujeito:

“Podemos rejeitar a existência de uma capacidade original, por assim dizer natural, de diferenciar o bem do mal. O que é mal, freqüentemente, não é de modo algum o que é daninho ou prejudicial para o eu; pelo contrário, pode ser algo desejável e prazeroso para ele. Aqui, portanto, está em ação uma influência estranha, que decide o que deve ser chamado de bom e mau. Uma vez que pela livre expressão de seus sentimentos uma pessoa não se conduziria ao longo desse caminho, ela deve ter um outro motivo para submeter-se a essa influência estranha. Esse motivo é facilmente descoberto no desamparo e na dependência dela em relação a outras pessoas, e pode ser mais bem designado como angústia diante da perda do amor. Se ela perde o amor de outra pessoa de quem é dependente, deixa também de ser protegida de uma série de perigos. Acima de tudo, fica exposta ao perigo de que essa pessoa mais forte mostre a sua superioridade sob forma de castigo. Por conseguinte, o mal é, no início, tudo aquilo pelo qual a pessoa é ameaçada com a perda do amor. Por medo dessa perda, deve-se evitá-lo” (Freud, 1930: 120).

A mãe e sua capacidade de amar são peças do sistema simbólico da criança. Sentir-se amado e, por conseguinte, valorizado e seguro, são condições favoráveis à adaptação assim como efeitos de linguagem capazes de propiciar estados mentais de satisfação irredutíveis ao terreno das gratificações fisicalistas acima citadas.

Contudo, não há propriamente contradição entre as várias possibilidades de entendimento do fenômeno da angústia, caso sejam examinadas com base nos diversos tipos de normatividade descritas por Freud. Na criança, devido ao desamparo infantil, necessidades como fome, sede, sono, excitação libidinal etc., podem provocar angústia. A avaliação é baseada na idéia de equilíbrio econômico, dado fundamental para a normatividade orgânica. Já do ponto de vista da normatividade primária e secundária, angústia é necessariamente um

afeto resultante de uma situação de perigo, e perigoso é um evento físico ou psíquico, interno ou externo, que vá de encontro às condições primárias de adaptação ou aos ideais éticos e estéticos do eu. Em outros termos, no caso da normatividade orgânica, o acúmulo de excitações, derivadas da pulsão sexual ou das necessidades infantis em geral, são perigosas pois contrariam o princípio do prazer e do equilíbrio. Por sua vez, no caso das normatividade egóicas, nem a pulsão nem qualquer outra necessidade é diretamente perigosa para o eu. O que o ameaça é a perda do amor do outro, real ou internalizado sob a forma de superego. Essa perda é ameaçadora pelo fato de por em cheque as condições básicas de adaptação e/ou o cumprimento dos ideais do eu. A pulsão sexual, assim como qualquer outra necessidade, se torna perigosa se agride esses princípios.

Em suma, a exploração da segunda teoria freudiana da angústia não deixa dúvidas quanto ao papel central exercido pelo eu e pelas demandas egóicas no quadro da angústia e, por conseguinte, na dinâmica psicopatológica.

6. Considerações finais.

De acordo com o que foi visto, é seguro afirmar que o narcisismo seria melhor definido como uma face do egoísmo do que da dinâmica das pulsões sexuais. O egoísmo, definido como o interesse do eu de buscar vantagem e evitar prejuízos, é um termo mais amplo, capaz de agregar o conjunto dos desejos específicos de prazer, segurança e estima. É, sem dúvida, a plataforma da sensibilidade do sujeito freudiano.

Apesar do narcisismo ser o elemento variável no terreno constante do egoísmo, Freud dedicou, ao primeiro, um texto e, ao segundo, algumas poucas notas. A atenção dispensada ao narcisismo se deveu, provavelmente, à associação que Freud acreditava existir entre o conceito e a teoria da sexualidade. Sem esse apoio, o egoísmo e as pulsões egóicas foram matérias relegadas a um segundo plano. Freud, no entanto, apresentou uma razão

metodológica para a falta de maior aprofundamento do tema. Comentou o assunto em *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c):

“... em consequência do curso tomado pelo seu desenvolvimento, a psicanálise até agora só pôde nos proporcionar informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca das pulsões sexuais; é que só esse grupo pode ser observado isoladamente nas psiconeuroses. Com a extensão da psicanálise às outras afecções neuróticas, sem dúvida, obteremos também uma base para conhecer as pulsões egóicas, embora seja temerário esperar condições de observação igualmente favoráveis nesse novo campo de estudo” (Freud, 1915c: 121).

Do mesmo modo, na 24ª das *Conferencias de introducción al psicanálisis* (1916-17a), Freud afirmou que a problemática do ego não era, naquele momento, prioritária na agenda de pesquisas da psicanálise.

“Os senhores perguntarão se não será possível, porém, fazer justiça ao papel que o ego desempenha nos estados neuróticos e na formação dos sintomas, sem simultaneamente desprezar por completo os fatores revelados pela psicanálise. Minha resposta é que isso deve ser possível, certamente, e, mais cedo ou mais tarde, será feito; o caminho seguido pelo trabalho da psicanálise, porém, não comporta que realmente se *comece* a partir disso. Naturalmente, é possível prever que um dia a psicanálise se defrontará com semelhante tarefa” (Freud, 1916-17a: 346).

Voltou a fazer semelhante comentário na 26ª das *Conferencias de introducción al psicanálisis* (1916-17b), constatando o estado embrionário dos estudos relativos às pulsões de autoconservação, representante das pulsões egóicas.

“Esses seriam alguns dos resultados que nos foram proporcionados, até o momento, pela aplicação da psicanálise aos distúrbios narcísicos. Sem dúvida, ainda são poucos e falta-lhes aquela precisão que só pode ser conseguida a partir da familiaridade com o novo campo. Devemos todos esses resultados ao aproveitamento do conceito de libido egóica ou libido narcísica, com cujo auxílio estendemos às neuroses narcísicas os pontos de vista que se mostraram válidos para as neuroses de transferência. Todavia, agora os senhores perguntarão se nos é possível subordinar todos os distúrbios das doenças narcísicas e das psicoses à teoria da libido, considerar o fator libidinal na vida mental universalmente culpado da causação da doença, e se não devemos jamais atribuir a responsabilidade pela mesma a modificações no funcionamento da pulsão de auto-conservação. Bem, senhoras e senhores, não me parece urgente uma resposta e, principalmente, não me parece que as coisas estejam maduras isso. Podemos seguramente subordiná-la ao

progresso de nosso trabalho científico" (Freud, 1916-17b: 390-91). (Grifos acrescentados).

O que se pode dizer é que, embora pouco discutidas, as demandas egóicas ocuparam uma posição relevante no desenho freudiano de subjetividade. Na prática, Freud contrastou frontalmente com o comentário que fez sobre o papel do eu numa carta endereçada a Jung, datada de 3 de março de 1911. Referindo-se às posições assumidas por Adler, Freud afirmou:

"Inclino-me a vingar agora a injuriada deusa Libido e hei de ser mais cauteloso para impedir que a heresia conquiste mais espaço na *Zentralblatt*. (...) Nunca esperei que um psicanalista se deixasse levar assim pelo ego. Na realidade o ego é um verdadeiro palhaço que está sempre metendo o nariz onde não é chamado, para provar aos espectadores que tudo o que acontece no circo é obra dele" (Freud *apud* McGuire, 1976: 459).

Definidas à luz do egoísmo, as demandas egóicas se integraram ao esquema metapsicológico de Freud. No repertório das ações vitais, as aspirações narcísicas à potência e à perfeição dividiram o espaço com a busca de prazer sexual e com a evitação do desamparo. Como pano de fundo, o conceito de pulsão de vida permitiu e viabilizou essa diversidade.

Conclusão

O exame do conceito de narcisismo reformou a teoria freudiana da motivação. Ao invés da expansão do domínio da sexualidade em direção ao eu, a idéia de narcisismo permitiu a ampliação do conjunto dos móveis da ação, incluindo as demandas egóicas de reconhecimento, valorização e potência ao lado das pulsões sexuais e agressivas. Expressando-se por via da afirmação de si - afirmação de independência, de autonomia, de diferença e de originalidade - a demanda narcísica não visa propriamente ao prazer mas à perfeição e ao mérito. O ideal do eu, objeto de desejo narcísico, é um Duplo que promete restaurar a completude originária ou realizar a aspirada meta de perfeição do eu.

A emergência do narcisismo, ao lado do desamparo, inaugurou a vertente sentimental da teoria freudiana da motivação. Tal dimensão se entrelaça mas não se confunde com a vertente sensacional, cuja principal fonte é a sexualidade. Interagindo entre si, as causas sexuais, narcísicas e de amparo põem em movimento, barram e direcionam a atividade psíquica. Segundo Bleichmar (1998):

“... esses sistemas motivacionais interjogam entre si, existindo dominações de um sobre os outros, próprias para cada sujeito, dando lugar a tipos caracteriológicos ou, também, a momentos ou períodos em que um deles toma o comando da organização funcional e subjetiva, passando a ser o *centro funcional dominante*. Quer dizer, aquilo que move o sujeito poderá ser a busca de um sentimento de segurança básica ou de prazer sensual-sexual ou de realização de desejos narcisistas. (...) Além disso, não há somente relações de dominância, mas também pode haver relações de contradição, no sentido de que o que satisfaz ao sistema sensual-sexual, por exemplo, pode produzir perturbações no sistema narcisista. O que satisfaz as necessidades e desejos de heteroautoconservação, de preservação da vida, de regulação da ansiedade termina frustrando as necessidades ou os desejos sensual-sexual ou de tipo narcisista. Algumas pessoas por necessidades e desejos de auto-conservação é capaz de deixar de lado seus desejos narcisistas, enquanto que outros, por desejos narcisistas, são capazes de fazer passar a um plano absolutamente secundário a auto-consevação” (Bleichmar, 1998: 275).

O fato dessas metas se sobreporem não é razão para se perder de vista a originalidade e a irredutibilidade de cada uma delas.

Não existe, a princípio, contradição entre a proposta original de Freud e a reforma da teoria sugerida nessa tese. Na realidade, Freud não se furtou à especulação sobre a existência de outras pulsões além das referentes aos dualismos adotados. Mais que isso, considerava legítima a exploração de novos motivos a depender do contexto e dos critérios utilizados para tanto. Porém, imaginava que, na maioria dos casos, poderiam se tratar apenas de epifenômenos e não de móveis originais. Posicionou-se sobre a matéria no texto *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915c):

“Que pulsões podem ser estabelecidas, e quantas? É evidente que isso dá ampla margem a escolhas arbitrárias. Não se pode objetar que alguém use o conceito de pulsão de jogo, de pulsão de destruição, de pulsão de sociabilidade, sempre que o assunto o exija e o rigor da análise psicológica o permita. Porém, não se pode deixar de indagar se motivos pulsionais como esses, tão altamente especializados, não admitem uma ulterior decomposição de acordo com as *fontes* pulsionais, de modo que só as pulsões primordiais, já não suscetíveis de decomposição, possam reivindicar importância” (Freud, 1915c: 119).

No entanto, a caracterização da pulsão sexual como uma dessas *fontes primordiais*, capazes de monopolizar a interpretação dos fenômenos, foi um acontecimento adequado ao momento de transição dos costumes eróticos, na virada do século XIX. Marcado por movimentos pró e contra a expansão da sexualidade na vida cotidiana, o imaginário oitocentista foi fértil na construção de conflitos de ordem sexual. Nessa conjuntura, os que testemunharam tal período histórico experimentaram uma sensibilidade particularmente aguçada à problemática erótica, e se transformaram num grupo humano culturalmente singular e historicamente datado. Diante de novos problemas clínicos e teóricos, com modulações irredutíveis ao sexualismo, nada mais legítimo que explorar alternativas conceituais. A teoria freudiana da motivação é uma dessas fontes capazes de fornecer instrumentos para esse novo vocabulário. As teorias freudianas da neurose, da psicose e da angústia, elaboradas ao longo da obra, vão muito além da rubrica sexual que Freud insistiu em utilizar a fim de resumilas.

Não há dúvida de que o trinômio sexualidade, narcisismo e desamparo não resume o conjunto dos dispositivos causais presente na obra freudiana. Em termos teóricos, seria uma meta quase impossível esquadrihar a grade de motivos da ação humana. No entanto, do ponto de vista operacional, é válido indicar quais foram, para Freud, os *motivos capitais*. Apesar da ação psíquica ser, no limite, indeterminada, movida pelo *acaso* e pela *necessidade*, como escreveu Freud em *Sobre la dinámica de la transferencia* (1912), é moralmente importante caracterizar os agentes e suas motivações pelo que fazem ou deixam de fazer.

Se a ampliação da teoria motivacional proposta acima está sintônica com o trabalho de Freud, o comentário de Jung acerca das duas psicologias existentes no início do século XX sintetiza, na verdade, o universo da teoria freudiana.

“... há dois tipos de psicologia: o primeiro segue o princípio do hedonismo, o segundo segue o princípio do poder. A contrapartida filosófica do primeiro tipo é o materialismo científico e do segundo é a filosofia de Nietzsche. O princípio da teoria freudiana é o hedonismo, ao passo que a teoria de Adler se baseia no princípio do poder. (...) Para Freud, a concepção de ‘fim’ é a satisfação do desejo; para Adler, é a usurpação do poder” (Jung, 1998c: 284).

Apesar do compromisso com a bandeira da libertação sexual, política e moralmente importante na época, Freud foi um autor que permaneceu atento à variação existente na dinâmica da vida emocional. Sua teoria da satisfação realçou o princípio do prazer mas não perdeu de vista as demandas de segurança e potência. Juntos, ao invés de reforçarem o pressuposto dualista, tão caro a Freud, tais motivos reeditaram a idéia de sobre-determinação familiar ao estudo dos sonhos. Articulados numa hierarquia dinâmica, em que não há *fim último*, mas sim relações de interdependência, os móveis da sexualidade, do narcisismo e do desamparo auxiliam na construção de um desenho de subjetividade mais compatível com as aspirações éticas e conceituais da psicanálise.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J.L. (1990). *Quando dizer é fazer - palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ABBAGNANO, Nicola (1982). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou.

ARIÈS, Philippe (1981). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara.

BERCHERIE, Paul (1983). *La genèse des concepts freudiens*, Paris: Navarin.

BORCH-JACOBSEN, Mikkel (1982). *Le sujet freudien*. Paris: Flammarion.

BLEICHMAR, Hugo (1983). *Depressão: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____ (1985). *O narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre: Artes Médicas.

_____ (1997). *Avances en psicoterapia psicoanalítica*. Barcelona: Paidós.

_____ (1998). Entrevista a Hugo Bleichmar, *in Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, nº 24, pp. 272-80.

BROWN, Peter (1990). *Corpo e sociedade - O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio: Jorge Zahar.

CANGUILHEM, Georges (1990). *O Normal e o Patológico*, Rio de Janeiro: Forense.

COSTA, Jurandir Freire (1989a) *Psicanálise e contexto cultural - imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapia*. Rio de Janeiro: Relume -Dumará.

_____ (1991). Narcisismo em tempos sombrios, in *Tempo do desejo - sociologia e psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, pp. 109-136.

_____ (1992). *A Inocência e o Vício - Estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____ (1994). Pragmática e Processo psicanalítico: Freud, Wittgenstein, Davidson e Rorty, in *Redescrições da Psicanálise - Ensaios Pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, pp. 9-61.

_____ (1995). *A Face e o Verso - Estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta.

_____ (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (2001). *A comédia do demônio sexual*. Texto fotocopiado (inédito).

DAVIDSON, Donald (1982). Paradoxes of irrationality, in *Philosophical essays on Freud*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 289-305.

FERENCZI, Sándor (1992a). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios, in *Obras completas / Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 39-54.

_____ (1992b). Crítica de “Metamorfoses e símbolos da libido”, in *Obras completas / Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 87-104.

_____ (1993). Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade, in *Obras Completas / Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 255-326.

FERRAZ, Carlos Henrique (1996). Sexualidade e Desamparo - Um estudo das origens do sujeito em Freud. *Dissertação de Mestrado*, Instituto de Medicina Social da UERJ. Orientador: Jurandir Freire Costa.

_____ (2001) Freud e a sexualidade – um estudo dos critérios freudianos de identificação do sexual, in Bezerra e Plastino (orgs.) *Corpo, afeto e linguagem – a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, pp. 91-116.

FOUCAULT, Michel (1985). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____ (1984). *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____ (1986). *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

FREUD, Sigmund (1893). Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3ª edição, vol. 3, pp. 25-40.

_____ (1894). Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias), in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3ª edição, vol. 3, pp. 41-61.

_____ (1895a). Estudios sobre la histeria, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3ª edição, vol. 2.

_____ (1895b). Obsesiones y fobias, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3ª edição, vol. 3, pp. 69-82.

_____ (1895c). Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome em calidad de “neurosis de angustia”, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3ª edição, vol. 3, pp. 85-116.

_____ (1985d). A propósito de las críticas a la “neurosis de angustia”, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 3, pp. 117-138.

_____ (1896a). La herencia y la etiología de las neurosis, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 3, pp. 139-156.

_____ (1986b). Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 3, pp. 157-184.

_____ (1896c). La etiología de la histeria defensa, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 3, pp. 185-218.

_____ (1898). La sexualidad en la etiología de las neurosis, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 3, pp. 251-276.

_____ (1900). La interpretación de los sueños, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 4.

_____ (1905). Tres ensayos de teoría sexual, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 7, pp. 109-224.

_____ (1906). Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 7, pp. 259-272.

_____ (1908). La moral sexual “cultural” y la nervosidad moderna, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 9, pp. 159-182.

_____ (1909). A propósito de un caso de neurosis obsesiva, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 10, pp. 119-194.

_____ (1910). La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 11, pp. 205-216.

_____ (1911a). Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 12, pp. 1-76.

_____ (1911b). Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 12, pp. 217-232.

_____ (1912). Sobre la dinámica de la transferencia, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 12, pp. 93-106.

_____ (1913). Tótem y tabú. Algunas concordancias en la vida anímica de los salvajes y de los neuróticos, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 13, pp. 1-162.

_____ (1914a). Contribución a la historia del movimiento psiconalítico, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 14, pp. 1-64.

_____ (1914b). Introducción del narcisismo, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 14, pp. 65-98.

_____ (1915a). La represión, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3^o edição, vol. 14, pp. 135-152.

_____ (1915b). *Lo inconciente*), in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 14, pp. 153-214.

_____ (1915c). Pulsiones y destinos de pulsión, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 14, pp. 105-134.

_____ (1916-17a). Conferencias de introducción al psicoanálisis – El estado neurótico común, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 16, pp. 344-356.

_____ (1916-1917b). Conferencias de introducción al psicoanálisis – La teoría de la libido y el narcisismo, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 16, pp. 375-391.

_____ (1917a). Una dificultad del psicoanálisis, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 17, pp. 125-136.

_____ (1917b). Complemento metapsicológico a la doutrina de los sueños, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 17, pp. 215-234.

_____ (1920). Más allá del principio de placer, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 18, pp. 1-62.

_____ (1921). Psicología de las masas y análisis del yo, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 20, pp. 63-136.

_____ (1923a). El yo y el ello, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 19, pp. 1-66.

_____ (1923b). Dos artículos de enciclopedia, *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 18, pp. 227-254.

_____ (1926). Inhibición, síntoma y angustia, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 20, pp.71-164.

_____ (1927). El porvenir de una ilusión, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 21, pp. 1-66.

_____ (1930). El malestar en la cultura, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 21, pp. 57-140.

_____ (1933a). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: angustia y vida pulsional, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 22, pp. 75-103.

_____ (1933b). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: la descomposición de la personalidad psíquica, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 22, pp. 53-74.

_____ (1950a). Fragmentos de la correspondencia com Fliess/Carta 46, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 1, pp. 269-273.

_____ (1950b). Fragmentos de la correspondencia com Fliess/Carta 52, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 1, pp. 274-280.

_____ (1950c). Proyecto de psicología, in *Sigmund Freud - Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1993, 3º edição, vol. 1, pp. 323-436.

JONES, Ernest (1989a). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 1.

_____ (1989b). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 2.

JUNG, Carl G. (1995). *Símbolos da transformação*. Petrópolis: Vozes.

_____ (1998a). A respeito da crítica à psicanálise, in *Freud e a psicanálise*. Petrópolis: Vozes, pp. 83-88.

_____ (1998b). Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica, in *Freud e a psicanálise*. Petrópolis: Vozes, pp. 95-218.

_____ (1998c). Prefácios a “Collected Papers on Analytical Psychology” psicanalítica, in *Freud e a psicanálise*. Petrópolis: Vozes, pp. 281-290.

KAUFMANN, Pierre (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques (1993). O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAPLANCHE, J e PONTALIS, J.-B. (1986). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 9ª edição.

LEBRUN, Gerard (1990). A Neutralização do Prazer, in NOVAES, Adauto (Org.) *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 67-89.

McGUIRE, William (1976). *Freud/Jung: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago.

MEAD, George (1972). *Espíritu, persona y sociedad*. Buenos Aires: Paidós.

MEZAN, Renato (1993). Que significa “pesquisa” em psicanálise, in *A sombra de Don Juan*. São Paulo: Brasiliense, pp. 68-85.

_____ (1998). Freud, ética e cultura, in *Tempo de muda: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 211-238.

MONZANI, Luiz Roberto (1995). *Desejo e prazer na idade moderna*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

QUINE, W.V. (1975) Dois dogmas do empirismo, in *Os pensadores*, vol. LII, São Paulo: Abril Cultural, pp.236-254.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROUGEMONT, Denis de (1988). *O amor e o ocidente*. Rio de Janeiro: Guanabara.

SOUSA, Ronald de (1987). *The Rationality of Emotion*. Cambridge/London: The MIT Press.

USSEL, Jos Van (1980). *Repressão Sexual*. Rio de Janeiro: Campus.

WINNICOTT, Donald (1952). Ansiedade associada à insegurança, in *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 163-167.

_____ (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo, in *O Ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983, pp. 79-87.